

Primeiro lugar na lista de mais vendidos do *The New York Times*

"A experiência de quase morte do Dr. Eben Alexander é a mais impressionante que já ouvi nas mais de quatro décadas de estudo sobre esse fenômeno."

– Dr. Raymond A. Moody, Jr.



UMA PROVA *do CÉU*

*A jornada de um neurocirurgião
à vida após a morte*

DR. EBEN ALEXANDER III



SEXTANTE



UMA PROVA
do CÉU



DR. EBEN ALEXANDER III

UMA PROVA *do* CÉU

*A jornada de um neurocirurgião
à vida após a morte*



Título original: *Proof of Heaven*

Copyright © 2012 por Dr. Eben Alexander III

Copyright da tradução © 2013 por GMT Editores Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro

pode

ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes

sem

autorização por escrito dos editores.

tradução: Joel Macedo

preparo de originais: Alice Dias

revisão técnica: Suzana Herculano

revisão: Hermínia Totti e Rebeca Bolite

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Miriam Lerner

imagem de capa: Kurga / iStockphoto

geração de epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

A43p

Alexander, Eben.

Uma prova do
céu [recurso
eletrônico] / Eben
Alexander
[tradução de Joel
Macedo]; Rio de
Janeiro: Sextante,
2013.

recurso digital.

Tradução de: Proof
of heaven

Formato: ePub

Requisitos do
sistema: Adobe
Digital Editions

Modo de acesso:
World Wide Web

ISBN 978-85-

7542-904-4 (recurso
eletrônico)

1. Alexander,
Eben 2. Médicos -
Estados Unidos -
Biografia 3. Religião
e ciência. 5. Livros
eletrônicos. I.
Título.

13-1079

CDD: 926.1092

CDU: 929:61

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
GMT Editores Ltda.

Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244

E-mail: atendimento@esextante.com.br

www.sextante.com.br

SUMÁRIO

Prólogo

1. A dor

2. O hospital

3. Fora do ar

4. Eben IV

5. Mundo subterrâneo

6. Âncora para a vida

7. A melodia giratória e o mundo novo

8. Israel

9. O núcleo

10. Quem se importa?

11. O fim do tormento

12. O núcleo, de novo

13. Quarta-feira

14. Um tipo especial de EQM
15. A dádiva do esquecimento
16. O poço
17. Caso único
18. Esquecer e lembrar
19. Sem lugar para se esconder
20. O caminho de volta
21. O arco-íris
22. Seis rostos
23. Última noite, primeira manhã
24. O retorno
25. Chegando aos poucos
26. Espalhando a notícia
27. De volta ao lar
28. Absolutamente real
29. Uma experiência em comum
30. De volta da morte
31. Três segmentos

32. Uma visita à igreja

33. O enigma da consciência

34. Um último dilema

35. A fotografia

Anexo A

Anexo B

Eternea

Referências bibliográficas

Agradecimentos

Conheça outros títulos da Editora Sextante

Conheça os clássicos da Editora Sextante

Informações sobre os próximos lançamentos

PRÓLOGO

*Um homem deve procurar o que existe,
não o que ele acha que deveria existir.*

Albert Einstein (1879-1955)

Quando eu era criança, sempre sonhava que estava voando.

Na maioria dos sonhos, eu estava no quintal à noite, olhando as estrelas, quando, de repente, meu corpo começava a flutuar. Eu subia os primeiros centímetros automaticamente, mas logo percebia que quanto mais alto ia, mais o progresso dependia de mim – do que *eu* fazia. Se ficasse muito entusiasmado com a experiência, simplesmente desabava no chão. Mas se flutuasse com tranquilidade, tentando manter o equilíbrio, eu ia cada vez mais longe – e mais rápido – em direção ao céu estrelado.

É provável que aqueles devaneios infantis tenham contribuído para, na vida adulta, eu ter me apaixonado por aviões, foguetes e tudo o que pudesse me transportar para um mundo acima deste. Quando viajava com minha família,

grudava o rosto na janela do avião desde a decolagem até a aterrissagem. No verão de 1968, aos 14 anos, investi todo o dinheiro que ganhara cortando grama em uma série de aulas de planador, em um minúsculo “aeroporto” a oeste de Winston-Salem, a cidade onde nasci, no estado da Carolina do Norte. Ainda me lembro de como meu coração batia forte quando puxei a alavanca vermelha que desconectava o planador do rebocador pela primeira vez. Naquele momento, eu me senti verdadeiramente sozinho e livre. A maioria dos meus amigos sentia isso em relação a carros, mas eu achava que estar a 300 metros de altura era muito mais emocionante.

Durante a faculdade, na década de 1970, fiz parte da equipe de paraquedismo esportivo da Universidade da Carolina do Norte. Parecia uma sociedade secreta – um grupo de pessoas que detinha os segredos de alguma coisa mágica e especial. Meu primeiro salto livre foi aterrorizante, e o segundo, ainda mais assustador. Mas, por volta do décimo segundo, quando cheguei à porta do avião e tive que mergulhar no espaço antes de abrir o paraquedas, finalmente me senti em casa.

Fiz 365 saltos de paraquedas durante a faculdade e fiquei cerca de 3 horas e meia ao todo em queda livre, quase sempre em formações com até 25 companheiros. Embora tenha parado de saltar em 1976, continuei a ter sonhos

muito reais sobre estar voando, e eram sempre muito agradáveis.

Os melhores saltos costumavam ser os do fim da tarde, quando o sol começava a descer no horizonte. Não é fácil descrever a sensação que se tem durante o salto: é como se aproximar de algo que não se pode nomear, mas em que se precisa mergulhar ainda mais fundo. Não era exatamente solidão que eu sentia, porque em geral éramos cinco, seis, até dez ou doze pessoas saltando de uma vez, compondo formações em queda livre. Quanto maior o desafio, melhor.

Em um belo sábado de outono em 1975, a equipe de salto da universidade se reuniu com uns amigos de um centro de paraquedismo para executar algumas formações. No penúltimo salto do dia, a bordo de um Beechcraft D18, a 3.200 metros de altura, fizemos um *snowflake* (configuração em forma de flocos de neve) com 10 homens. O objetivo de executar o desenho completo antes de atingirmos os 2 mil metros foi cumprido, portanto pudemos ficar 18 segundos aproveitando a formação antes de soltarmos as mãos e nos posicionarmos a uma distância segura um do outro, de modo que pudéssemos abrir os paraquedas. Tudo isso a pouco mais de 1.500 metros do solo.

No momento em que tocamos o chão, o sol já começava a se esconder. Mas corremos para outro avião o mais rápido possível e decolamos de novo. Fizemos mais um salto antes

de anoitecer. Dessa vez, dois membros novos estavam tendo sua primeira experiência em salto com formação, e eles deviam se aproximar do grupo em vez de atuar como homem-base (que é mais fácil, já que o homem-base cai em linha reta enquanto os demais precisam manobrar em sua direção). Foi bastante empolgante para eles, mas também para nós, veteranos, pois estávamos formando nossa equipe e proporcionando outras experiências a saltadores que, em breve, seriam capazes de nos acompanhar em formações ainda mais complexas.

Eu era o último na formação de uma estrela composta por seis homens. Estávamos acima da pista de pouso de um pequeno aeroporto nos arredores de Roanoke Rapids. O paraquedista que pularia antes de mim se chamava Chuck e era bastante experiente. Lá de cima, a 2.300 metros de altura, ainda podíamos ver o sol, mas as luzes da cidade já estavam acesas. Saltos ao crepúsculo eram sempre maravilhosos e aquele se encaminhava para ser mais um.

Embora eu tivesse saltado do avião apenas um segundo depois de Chuck, era preciso me mover rápido para me aproximar dos outros. Mergulhei de cabeça e fiquei assim por sete segundos. Isso me fez descer quase a 160km/h mais rápido que meus amigos, de modo que eu poderia estar com eles logo que comesçassem a montar a formação.

O procedimento normal para finalizar esse tipo de

manobra é todos os saltadores se separarem a mil e poucos metros do solo e ficarem o mais longe possível da formação. Cada um, então, deve sinalizar com os braços (indicando a abertura iminente de seu paraquedas) e olhar para o alto a fim de se certificar de que não há ninguém acima dele, para só então acionar a corda do paraquedas.

Os primeiros quatro saltadores pularam, Chuck e eu mergulhamos logo atrás. De cabeça para baixo, me aproximando da velocidade final, sorri ao avistar o pôr do sol pela segunda vez naquele dia. Após disparar na direção dos outros, eu deveria acionar os freios aéreos abrindo os braços – tínhamos um traje com asas de tecido presas dos pulsos aos quadris, que criavam uma área de resistência maior quando infladas por causa da alta velocidade.

Mas não tive a chance de fazer isso.

Ainda em queda livre, percebi que um dos novatos estava indo rápido demais. Talvez cair velozmente entre duas nuvens muito próximas o tenha assustado – e talvez ele tivesse lembrado que estava se movendo a mais de 200km/h na direção daquele planeta gigante lá embaixo, parcialmente encoberto pela escuridão da noite. Assim, em vez de se aproximar lentamente da formação, o rapaz estava quase se chocando contra o grupo. Agora todos os cinco saltadores estavam fora de controle.

Eles estavam muito próximos entre si. Um paraquedista

em queda livre deixa uma poderosa corrente de baixa pressão atrás dele. Se outro saltador entra nesse rastro, instantaneamente aumenta sua velocidade e pode se chocar com a pessoa que está embaixo. Isso, por sua vez, pode fazer ambos os saltadores acelerarem e baterem em qualquer um que possa estar abaixo *deles*. Em suma, é uma receita para o desastre.

Virei meu corpo e me afastei do grupo para fugir da confusão. Procurei manobrar até me ver caindo direto no “ponto”, um local no solo sobre o qual deveríamos abrir o paraquedas para a descida vagarosa de dois minutos.

Olhei para cima e pude constatar, aliviado, que os saltadores estavam se afastando uns dos outros e desfazendo aquele agrupamento mortal.

Chuck estava entre eles, mas, para minha surpresa, ele começou a vir em minha direção e se posicionou embaixo de mim. Com todos os problemas que tinham acontecido, estávamos caindo bem mais rápido do que ele previra. Talvez pensasse que estava com sorte e, por isso, não precisava mais seguir as regras.

Ele não deve ter me visto. Este pensamento mal passou pela minha cabeça, quando vi o paraquedas-piloto – o pequeno paraquedas que comanda a abertura do paraquedas principal – de Chuck emergir de sua mochila. O paraquedas-piloto pegou um vento de 190km/h e veio direto na minha

direção, puxando o principal logo atrás.

No momento em que vi o paraquedas-piloto de Chuck, tive uma fração de segundo para reagir, pois em pouquíssimo tempo eu me chocaria com o paraquedas principal que já se abria e muito provavelmente com o próprio Chuck. Na velocidade em que eu estava, se atingisse seu braço ou sua perna eu os deceparia, além de me envolver em um acidente fatal. Se eu me chocasse com ele diretamente, nossos corpos explodiriam.

Algumas pessoas dizem que as coisas se movem mais devagar em situações como essa, e elas estão certas. Minha mente assistiu aos microssegundos que se sucederam como se estivesse assistindo a um filme em câmera lenta.

Quando me dei conta de que o paraquedas de Chuck estava começando a abrir, coleí os braços na lateral do corpo e me preparei para um mergulho de cabeça, inclinando levemente o quadril. A verticalidade fez com que minha velocidade aumentasse e a inclinação permitiu que meu corpo fizesse um desvio, funcionando como uma asa, o que me jogou para longe o suficiente de Chuck.

Passei por ele a quase 250km/h. Duvido que ele pudesse ver meu rosto, mas se o fizesse, veria uma expressão de assombro. De alguma forma, reagi instantaneamente a uma situação que, se tivesse tempo de avaliar, talvez fosse bem mais difícil de resolver.

E, no entanto, eu *havia* resolvido – e nós dois pousamos em segurança. Era como se, diante de uma circunstância que exigia mais do que uma capacidade normal de reação, meu cérebro tivesse adquirido superpoderes.

Como eu havia feito isso? Ao longo dos meus mais de 20 anos de carreira em neurocirurgia – estudando o cérebro, observando seu funcionamento e realizando operações –, tive muitas oportunidades de refletir sobre essa questão. Até que finalmente concluí que o cérebro é um dispositivo mais extraordinário do que podemos supor.

Hoje compreendo que a verdadeira resposta a essa questão é muito mais profunda. Porém, tive que passar por uma completa metamorfose – tanto na minha vida quanto na minha visão de mundo – para vislumbrar essa resposta.

Este livro é sobre os acontecimentos que mudaram a minha maneira de ver aquele episódio. Eles me convenceram de que, por mais maravilhoso que seja o mecanismo do cérebro, não foi ele que salvou a minha vida naquele dia. O que entrou em ação quando o paraquedas de Chuck começou a abrir foi uma parte muito mais profunda de mim – uma parte que pôde se mover com tanta velocidade porque não estava atrelada ao tempo da maneira como o cérebro e o corpo estão.

Na verdade, era essa mesma parte que me fazia ficar tão nostálgico em relação ao céu quando criança. Ela não é

apenas a parte mais inteligente de nós, mas é também a mais profunda, ainda que durante quase toda a minha vida adulta eu tenha sido incapaz de acreditar nela.

Mas hoje eu creio, e as páginas a seguir revelarão por quê.

Sou neurocirurgião.

Eu me graduei em química pela Universidade da Carolina do Norte no ano de 1976, na cidade de Chapel Hill, e obtive meu diploma de medicina pela Universidade Duke em 1980. Durante meus 11 anos de formação e de residência médica na Duke, no Hospital Geral de Massachusetts e em Harvard, me dediquei à neuroendocrinologia, o estudo das interações entre o sistema nervoso e o sistema endócrino (as glândulas que liberam os hormônios que governam a maior parte das atividades de nosso corpo). Também passei dois desses 11 anos investigando como os vasos sanguíneos em uma determinada região do cérebro reagem patologicamente quando há hemorragia decorrente de um aneurisma – uma síndrome conhecida como vasoespasmó cerebral.

Após concluir uma bolsa de estudos em neurocirurgia cerebrovascular em Newcastle-Upon-Tyne, no Reino Unido, passei 15 anos na faculdade de medicina de Harvard como professor adjunto de cirurgia, com especialização em neurocirurgia. Durante esse período operei inúmeros pacientes, muitos deles em condições cerebrais graves e

correndo risco de vida.

A maioria das minhas pesquisas foi sobre o desenvolvimento de procedimentos técnicos avançados, como a radiocirurgia estereotáxica, uma técnica que permite aos cirurgiões direcionar precisamente os feixes de radiação para alvos específicos no cérebro sem afetar as áreas adjacentes. Além disso, ajudei a desenvolver os procedimentos neurocirúrgicos de ressonância magnética visando ao diagnóstico por imagem de complicações cerebrais difíceis de tratar, como tumores e distúrbios vasculares.

Ao longo desses anos fui autor ou coautor de mais de 150 artigos para revistas dirigidas a especialistas, e apresentei as conclusões de minhas pesquisas em mais de 200 conferências médicas ao redor do mundo.

Em resumo, dediquei minha vida inteiramente à ciência. Usar as ferramentas da medicina moderna para ajudar e curar pessoas e aprender sempre mais sobre os mecanismos do cérebro e do corpo humano eram a minha missão. Eu me sentia muito feliz por tê-la encontrado. E, acima de tudo, eu tinha uma bela esposa e dois filhos adoráveis. Por mais que estivesse casado com o trabalho de muitas maneiras, nunca negligenciei minha família, que sempre considerei a outra grande bênção da vida. Sob quase todos os aspectos eu era um homem de muita sorte, e sabia disso.

Em 10 de novembro de 2008, entretanto, aos 54 anos, a sorte pareceu me abandonar. Fui surpreendido por uma doença rara e fiquei em coma durante sete dias. Nesse período, todo o meu neocórtex – a superfície externa do cérebro, a parte que nos torna humanos – ficou paralisado. Inoperante. Completamente ausente.

Quando nosso cérebro está ausente, nós também ficamos ausentes. Como neurocirurgião, ouvi muitos relatos de pessoas que tiveram experiências estranhas, geralmente depois de sofrerem ataques cardíacos: histórias de viagem para lugares misteriosos e maravilhosos, de conversas com parentes mortos – e até de encontros com Deus.

Fascinante, sem dúvida. Mas tudo isso, em minha opinião, era pura fantasia. Afinal, o que provocava as experiências sobrenaturais que as pessoas relatavam com tanta frequência? Na verdade, a resposta não me interessava, mas eu acreditava que essas experiências tinham uma base cerebral. Toda consciência tem. Se não houver atividade cerebral, não há consciência.

Isto porque o cérebro é a máquina que produz a consciência. Quando a máquina falha, a consciência para. Por mais complicados e misteriosos que sejam os mecanismos cerebrais, em essência, a questão é bastante simples. Retire a tomada da TV e a imagem desaparece. O espetáculo acaba. Por mais que se esteja gostando dele.

Durante o coma, não é que meu cérebro trabalhasse de forma inadequada – ele simplesmente *não trabalhava*. Hoje, acredito que isso tenha sido responsável pela profundidade e intensidade da experiência de quase morte (EQM) que vivi nesse período. Muitas das histórias de EQM aconteceram com pessoas que ficaram com o coração parado por algum tempo. Nesses casos, o neocórtex está temporariamente inativo, mas em geral não tão danificado, o que faz com que o fluxo de sangue oxigenado seja restaurado por meio da ressuscitação cardiopulmonar ou da reativação da função cardíaca em torno de quatro minutos. Mas no meu caso o neocórtex estava fora de área. Eu estava conhecendo uma dimensão da consciência que existia *completamente à parte das limitações de meu cérebro físico*.

De certa forma, vivi uma avalanche de experiências de quase morte. Como neurocirurgião com décadas de pesquisa e prática, eu estava em melhor posição para avaliar não apenas a realidade, mas as *implicações* do que acontecera.

E essas implicações são extraordinárias. Minha experiência me mostrou que a morte do corpo e do cérebro não é o fim da consciência, e que a existência humana continua no além-túmulo. E, mais importante ainda, ela se perpetua sob o olhar de um Deus que nos ama e que se importa com cada um de nós, com o destino do Universo e de todos os seres

contidos nele.

O lugar onde estive era real. Tão real a ponto de fazer a vida no aqui e agora parecer uma ilusão. Isso não significa, entretanto, que eu não valorize a vida que levo agora. Pelo contrário, prezo-a até mais do que antes. E o faço porque consigo enxergá-la em seu verdadeiro contexto.

A vida não é sem sentido, o problema é que não conseguimos perceber esse fato daqui – ao menos na maioria das vezes. O que aconteceu comigo quando estava em coma é, sem dúvida, a história mais importante que terei para contar daqui em diante. Mas é um relato muito delicado porque é estranho demais para a compreensão normal. Além disso, as conclusões são baseadas em uma análise médica da minha experiência e na minha familiaridade com os conceitos mais avançados da neurociência e dos estudos da consciência. Quando percebi a verdade por trás de minha jornada, soube que *precisava* contá-la. Fazer isso da melhor forma possível se tornou a principal tarefa da minha vida.

Isso não significa que eu tenha abandonado a atividade médica e a carreira de neurocirurgião. Mas agora que tive o privilégio de entender que a vida não termina com a morte do corpo ou do cérebro, encaro isto como minha obrigação, meu chamado: relatar às pessoas o que vi além do corpo e além desta terra.

Estou ávido para contar minha história às pessoas que já ouviram relatos semelhantes e se sentiram inclinadas a acreditar neles, embora não o conseguissem de todo.

É para essas pessoas, mais do que para quaisquer outras, que dirijo este livro e a mensagem nele contida. O que tenho a dizer é tão importante quanto qualquer coisa que alguém já tenha lhe contado – e é verdadeiro.

A DOR

Lynchburg, Virgínia – 10 de novembro de 2008

Meus olhos se arregalaram. Na escuridão do quarto, eu buscava a luz vermelha do relógio na mesa de cabeceira: quatro e meia da manhã – uma hora antes do que eu costumava acordar para fazer o percurso de pouco mais de uma hora de nossa casa em Lynchburg, na Virgínia, até a unidade cirúrgica em que eu trabalhava em Charlottesville. Minha esposa, Holley, dormia profundamente ao meu lado.

Depois de passar quase 20 anos envolvido com neurocirurgia na região de Boston, eu me mudara com Holley e nossos filhos para as colinas da Virgínia dois anos antes, em 2006.

Holley e eu nos conhecemos em outubro de 1977, dois anos depois de termos terminado a faculdade. Na ocasião, ela se dedicava ao mestrado em belas-artes e eu fazia residência médica. Ela chegou a sair algumas vezes com meu colega de alojamento, Vic. Um dia, ele a apresentou a mim –

provavelmente para exibi-la. Quando eles estavam indo embora, eu disse a Holley que voltasse algum dia, e acrescentei que ela poderia aparecer sem Vic.

Em nosso primeiro encontro, levei-a a uma festa em Charlotte, tendo que fazer uma viagem de carro de duas horas e meia na ida e na volta. Holley estava com laringite, então tive que levar 99% da conversa durante o percurso. Foi fácil. O casamento aconteceu em junho de 1980 na Igreja Episcopal de Windsor, na Carolina do Norte, e logo nos mudamos para o conjunto habitacional Royal Oaks na cidade de Durham, onde eu fazia residência em cirurgia no hospital da Universidade Duke. Vivíamos com muito pouco dinheiro, mas estávamos tão atarefados – e tão felizes – que isso não importava.

Em uma de nossas primeiras férias, fizemos um tour acampando pelas praias da Carolina do Norte. A primavera é a estação dos mosquitos e nossa barraca não oferecia muita proteção contra eles. Mas foi bem divertido, mesmo assim. Uma tarde, nadando no mar de Ocracoke, descobri uma técnica para pegar os siris-azuis que corriam entre meus pés. Levamos um monte deles para a Pousada Pony Island, onde alguns amigos estavam hospedados, e os cozinhamos na grelha. Havia o suficiente para todos. Apesar de segurarmos as despesas, não demorou para que ficassemos totalmente duros. Estávamos junto com nossos

amigos Bill e Patty Wilson e, numa atitude insana, decidimos acompanhá-los a um bingo. Bill frequentava esses lugares havia 10 anos e nunca ganhara nada. Era a primeira vez de Holley e, por sorte de principiante ou intervenção divina, ela ganhou 200 dólares naquela noite – o que para nós teve o efeito de 5 mil, de tão necessitados que estávamos. O dinheiro extra prolongou nossas férias e as tornou muito mais agradáveis.

Eu me formei em medicina em 1980, na mesma época em que Holley terminou o mestrado dela. Começamos juntos as nossas carreiras, a dela de artista e a minha de professor. Realizei minha primeira cirurgia de cérebro em 1981. Nosso primeiro filho, Eben IV, nasceu em 1987 na maternidade Princesa Mary, em Newcastle-Upon-Tyne, no norte da Inglaterra, durante a minha bolsa de estudos. Bond, o caçula, nasceu no ano de 1998 em Boston.

Os 15 anos que passei trabalhando na faculdade de medicina de Harvard e no Brigham & Women's Hospital foram maravilhosos. Nossa família aproveitou bastante o tempo que vivemos em Boston, mas, em 2005, Holley e eu concordamos que estava na hora de voltarmos para o sul. Queríamos ficar mais próximos de nossas famílias, e eu enxerguei isso como uma oportunidade de obter um pouco mais de autonomia do que tinha em Harvard. Então, na primavera do ano seguinte, começamos uma vida nova em

Lynchburg, na região montanhosa da Virgínia. Não demorou muito para nos readaptarmos àquela vida mais tranquila e relaxada.

Por um momento, apenas fiquei imóvel, tentando compreender o que havia me despertado. O dia anterior, um domingo, tinha sido claro e ensolarado, um pouquinho seco, um clima típico do final de outono na Virgínia. Holley, Bond (na época com 10 anos) e eu tínhamos ido a um churrasco na casa de um vizinho. À noite, falamos ao telefone com nosso filho Eben IV (então, com 20 anos), que era calouro na Universidade de Delaware. A única coisa que atrapalhou aquele dia foram os sintomas da virose que Holley, Bond e eu havíamos pegado na semana anterior. À noite, pouco antes de ir para cama, comecei a ter dor nas costas. Tomei um banho rápido e senti um pouco de alívio. Eu ponderava se havia acordado tão cedo por causa do vírus que ainda castigava o meu corpo.

Quando me mexi de leve na cama, uma onda de dor atingiu minha espinha – muito mais intensamente do que na noite anterior. Com certeza o vírus da gripe ainda estava por ali, imaginei. Quanto mais eu despertava, mais forte a dor se tornava. Como não conseguia pegar no sono de novo e ainda tinha uma hora antes de meu dia começar, resolvi tomar outro banho morno. Eu me sentei na cama, firmei os

pés no chão e levantei.

Imediatamente a dor ricocheteou com novos golpes – agora com um pulsar apavorante que penetrava até a base da coluna. Deixei Holley dormindo e caminhei devagar pelo corredor até o banheiro principal, no andar de cima.

Abri a torneira e me acomodei na banheira, absolutamente convicto de que a água morna me faria bem. Engano meu. Quando a banheira já estava quase cheia descobri que havia cometido um erro. A dor não apenas piorou, mas ficou tão forte que achei que fosse precisar gritar para Holley me ajudar a sair dali.

Pensando em como aquela situação tinha ficado ridícula, me estiquei e peguei a toalha que estava pendurada em uma barra de metal preso à parede logo acima de mim. Posicionei a toalha de um jeito que fizesse uma alavanca com a barra e, com cuidado, usei-a como apoio para me erguer lentamente.

Outra pontada lancinante atingiu minhas costas com tanta intensidade que perdi o ar. Definitivamente, aquilo não era gripe. Mas o que poderia ser? Depois de lutar para sair da banheira escorregadia e colocar o roupão, refiz com cuidado o trajeto de volta para o quarto no andar de baixo. Meu corpo estava molhado de novo, só que agora de suor frio.

Holley se mexeu na cama e se virou para o meu lado.

– O que está acontecendo? Que horas são?

– Eu não sei – respondi. – Minhas costas... Estou com uma

dor terrível.

Holley começou a massagear minhas costas. Para minha surpresa, isso fez com que eu me sentisse melhor. Médicos, em sua maioria, não acham a menor graça em ficar doente, e eu não era uma exceção. Por um momento, acreditei que a dor – e o que quer que a estivesse causando – enfim começaria a ceder. Mas, às seis e meia, a hora em que em geral saio de casa, eu ainda estava sofrendo e praticamente paralisado.

Bond veio até nosso quarto uma hora depois, para saber por que eu ainda estava em casa.

– O que houve? – perguntou ele.

– Seu pai não está se sentindo bem, querido – respondeu Holley.

Permaneci na cama com a cabeça apoiada no travesseiro. Bond se aproximou e começou a fazer massagem nas minhas têmporas delicadamente. No entanto, o seu toque produziu uma dor ainda pior, como se um raio estivesse atravessando minha cabeça. Soltei um grito. Surpreso com minha reação, meu filho deu um salto para trás.

– Está tudo bem – disse Holley, embora soubesse que era mentira. – Você não fez nada. Seu pai está com uma dor de cabeça muito forte.

Depois eu a ouvi dizer, mais para si mesma do que para mim:

– Será que devo chamar uma ambulância?

Se há algo que os médicos detestam mais do que ficar doente é entrar numa emergência de hospital como paciente. Imaginei a minha casa cheia de paramédicos, a sequência de perguntas de rotina, o percurso até o hospital, os formulários... Por um momento, pensei que começaria a melhorar em breve e que me arrependeria de chamar uma ambulância.

– Está tudo bem. Posso estar mal agora, mas logo vou melhorar – eu disse para Holley. – Você deveria ajudar Bond a se arrumar para o colégio.

– Eben, realmente acho...

– Eu vou ficar bem – insisti, com a cabeça afundada no travesseiro, ainda paralisado pela dor. – Falando sério, não precisa chamar a ambulância. Não estou tão mal assim. É só um espasmo na lombar e uma dor de cabeça.

Com relutância, Holley levou Bond para o andar de baixo, serviu-lhe o café da manhã e o acompanhou até a casa de um amigo que o levaria de carona para o colégio. Quando ele se aproximou da porta da frente, me dei conta de que, se fosse alguma coisa séria e eu acabasse no hospital, não o veria depois da escola naquela tarde. Então reuni todas as forças e gritei:

– Boa aula, filho!

Quando Holley retornou ao quarto para me ver, eu estava

inconsciente. Pensando que eu tinha adormecido, ela me deixou descansar e desceu a fim de telefonar para alguns colegas meus, em busca de opiniões sobre o que poderia estar acontecendo.

Duas horas mais tarde, imaginando que já tinha me deixado descansar o bastante, ela voltou para ver como eu estava. Ao empurrar a porta do quarto, Holley me viu prostrado na cama na mesma posição. Resolveu checar mais de perto e reparou que meu corpo não estava relaxado como deveria, mas estava rígido como uma tábua. Ela acendeu a luz e viu que eu havia me mexido violentamente. A mandíbula estava projetada para a frente de maneira anormal e meus olhos estavam abertos e com as órbitas viradas para cima.

– Eben, diga alguma coisa! – gritou Holley.

Como não respondi, ela correu para chamar a ambulância, que demorou menos de 10 minutos para chegar. Os paramédicos me levaram imediatamente para a emergência do Hospital Geral de Lynchburg.

Se eu estivesse consciente, poderia ter dito a Holley o que havia acontecido ali na cama: uma crise convulsiva, sem dúvida provocada por algum tipo de comoção cerebral extremamente grave.

Mas, é claro, não fui capaz de dizer nada disso.

Pelos sete dias seguintes eu estaria presente na vida de

Holley e do restante da família apenas em corpo. Não tenho nenhuma lembrança deste mundo durante aquela semana, e tive de colher informações com as outras pessoas para compor a história do que me aconteceu enquanto estive inconsciente. Minha mente, meu espírito, ou como quer que se chame a parte humana de mim, havia desaparecido.

O HOSPITAL

O setor de emergência do Hospital Geral de Lynchburg é o segundo mais cheio do estado da Virgínia e costuma estar em pleno vapor por volta das nove e meia da manhã de um dia de semana. Naquela segunda-feira não foi diferente. Embora passasse a maior parte dos dias úteis em Charlottesville, eu realizava muitas cirurgias no hospital de Lynchburg e conhecia praticamente todo mundo por lá.

Laura Potter, uma plantonista de emergência com quem trabalhei por quase dois anos, recebeu um aviso da ambulância de que um homem branco de 55 anos, em estado convulsivo, estava prestes a chegar ao hospital. Depois de tomar as providências para receber o paciente, ela foi verificar a lista das possíveis causas deste quadro: síndrome de abstinência alcoólica, overdose de drogas, hiponatremia (baixa anormal do nível de sódio no sangue), acidente vascular cerebral, metástase ou tumor no cérebro, hemorragia intraparenquimatosa (ruptura dos vasos sanguíneos intercerebrais), abscesso cerebral e meningite.

Quando os enfermeiros me transportaram de maca para a sala de atendimento da emergência, eu apresentava convulsões violentas, com braços e pernas descontrolados, e gemia incessantemente.

Pela maneira como eu delirava e me debatia, ficou claro para a Dra. Potter que o meu cérebro havia sofrido um ataque bem grave. Uma enfermeira trouxe um carrinho com equipamento de reanimação, outra colheu meu sangue, e uma terceira repôs o frasco de solução intravenosa que os paramédicos haviam me aplicado lá em casa antes de me transportarem para a ambulância. Quando começaram a trabalhar em mim, eu me contorcia como um enorme peixe fora d'água. Eu emitia grunhidos incompreensíveis e gania como um animal. Os movimentos descontrolados do meu corpo eram tão preocupantes quanto a convulsão. Isso poderia significar não apenas que o meu cérebro estava sofrendo um ataque como também que uma lesão cerebral possivelmente irreversível estava a caminho.

A visão de qualquer paciente nesse estado assusta a maioria dos profissionais, mas Laura já tinha visto quadros semelhantes em seus muitos anos na emergência. O que ela nunca tinha visto, no entanto, era um de seus colegas médicos chegar ao hospital nessas condições. Quando observou mais de perto o paciente se contorcendo naquela maca, ela sussurrou quase para si mesma:

– Eben.

Depois, em alto e bom som, alertando os outros médicos e enfermeiras do setor, ela exclamou, apreensiva:

– Este é Eben Alexander!

Os profissionais que a ouviram se aproximaram rapidamente da maca. Holley, que seguiu a ambulância, se juntou esbaforida, e Laura aproveitou para fazer as perguntas de praxe sobre as causas prováveis para alguém chegar àquele estado. Estaria eu em abstinência alcoólica? Teria usado alguma droga alucinógena? Então, ela pôs mãos à obra tentando reverter aquele quadro.

Nos meses anteriores a esse episódio, meu filho Eben IV me incluía em um rigoroso programa de condicionamento físico para um projeto de “escalada pai e filho” ao monte Cotopaxi, um pico de quase 6 mil metros de altitude no Equador, que ele havia escalado em fevereiro. O treinamento aumentou consideravelmente minha massa muscular, o que dificultou bastante o trabalho dos médicos e enfermeiros para me segurar. Cinco minutos e 15 miligramas de diazepam intravenoso mais tarde, eu ainda estava delirando e tentando lutar contra quem quisesse me conter, mas, para alívio da Dra. Potter, pelo menos agora eu estava lutando com os dois lados do corpo.

Holley contou a Laura sobre a dor de cabeça que senti antes de ter a crise, o que levou a médica a realizar uma

punção lombar – procedimento no qual uma pequena quantidade de líquido cefalorraquidiano é extraída da base da coluna.

O líquido cefalorraquidiano ou liquor é uma substância clara e aquosa que existe no canal medular e que reveste o cérebro, protegendo-o contra impactos. Um corpo humano normal e saudável produz cerca de 470 ml de liquor por dia, e qualquer alteração em sua claridade indica a existência de uma infecção ou hemorragia.

Essa infecção é chamada de meningite: a inflamação das meninges, as membranas que revestem o encéfalo e a medula espinhal e que estão em contato direto com o liquor. De cada cinco casos, quatro são causados por vírus. A meningite viral pode deixar um paciente em estado grave, mas é fatal em apenas 1% dos casos. Em um de cada cinco casos, portanto, o agente causador da doença é uma bactéria, não um vírus. Por serem mais primitivas do que os vírus, as bactérias podem ser um inimigo mais perigoso. Casos de meningite bacteriana, se não forem tratados a tempo, geralmente são fatais. E mesmo quando tratados de imediato com os antibióticos certos, a taxa de mortalidade oscila entre 15% e 40%.

Uma das bactérias que mais raramente provocam meningite em adultos é a muito antiga e agressiva *Escherichia coli* – conhecida também como *E. coli*. Ninguém

sabe precisamente quão antiga ela é, mas as estimativas apontam para entre 3 e 4 bilhões de anos. Trata-se de um microorganismo anucleado que se reproduz pelo processo primitivo, porém muito eficiente, conhecido como fissão binária (em outras palavras, pela divisão em dois). Imagine uma célula preenchida com DNA que pode receber nutrientes (em geral de outras células que ela ataca e absorve) diretamente por meio de sua parede celular. Agora, imagine que ela pode, ao mesmo tempo, copiar seu DNA e dividi-lo em duas células-filhas a cada 20 minutos. Em uma hora haveria 8 delas. Em 12 horas, 69 bilhões. Por volta da 15^a hora, seriam 35 trilhões. Esse crescimento explosivo só desacelera quando seu alimento começa a se esgotar.

As bactérias *E. coli* também são altamente promíscuas. Elas podem trocar genes com outras espécies de bactérias por meio de um processo chamado conjugação bacteriana, que permite que uma *E. coli* assuma rapidamente novas características (como resistência a um antibiótico) quando necessário. Tal fórmula básica de sucesso tem mantido essa bactéria no planeta desde os primórdios da vida unicelular. Todos nós temos bactérias *E. coli* vivendo em nosso corpo, geralmente no trato gastrointestinal. Sob circunstâncias normais, isso não nos ameaça. Porém, quando variedades de *E. coli* que adquiriram moléculas de DNA que as tornam

particularmente agressivas invadem o liquor em torno da medula espinhal e do cérebro, essas bactérias começam de imediato a devorar a glicose no liquor e em tudo o mais que estiver disponível para consumo, inclusive o próprio cérebro.

Ninguém naquela sala de emergência pensou que eu tivesse contraído meningite *E. coli*. Não havia razão para suspeitar disso. A doença é raríssima em adultos. Os recém-nascidos são as vítimas mais comuns, mas casos de bebês com mais de três meses de vida contraindo esse tipo de meningite são muito poucos. Menos de um em cada 10 milhões de adultos é afetado pela doença por ano.

Nos casos de meningite bacteriana, a bactéria ataca primeiro a camada externa do cérebro, o córtex. Esta palavra deriva do termo latino *cortex*, que significa “casca” ou “coberta”. A laranja é um bom exemplo de como o córtex envolve os elementos mais primitivos do cérebro. O córtex é responsável pela memória, linguagem, emoção, consciência visual e auditiva, e pela lógica. Logo, quando um organismo como a *E. coli* ataca o cérebro, o dano inicial acontece nas áreas que executam as funções mais cruciais para a manutenção de nossas faculdades humanas.

Muitas vítimas de meningite bacteriana morrem nos primeiros dias da infecção. Daqueles que chegam numa emergência de hospital com uma rápida espiral descendente da função neurológica – como aconteceu comigo –, somente

10% têm a sorte de escapar com vida. Entretanto é uma sorte limitada, porque muitos deles passarão o resto de seus dias em estado vegetativo.

Ainda que não tenha suspeitado de meningite bacteriana, a Dra. Potter intuiu que eu tivesse algum tipo de infecção cerebral, e foi por isso que decidiu fazer uma punção lombar. No momento em que ela pedia a uma das enfermeiras que lhe trouxesse o material e me preparava para o procedimento, meu corpo se agitou como se a maca tivesse sido eletrificada. Com um novo sopro de energia, soltei um longo e agonizante gemido, arqueei as costas e meus braços se debateram no ar. Meu rosto estava vermelho e as veias do pescoço ficaram incrivelmente dilatadas. A Dra. Potter gritou pedindo ajuda e logo dois, depois quatro e, finalmente, seis atendentes lutavam para me imobilizar a fim de que ela pudesse realizar o procedimento. Eles forçaram meu corpo até uma posição fetal enquanto ela administrava mais sedativos. Por fim, conseguiram que eu ficasse quieto o suficiente para que a agulha penetrasse na base de minha espinha.

Quando uma bactéria ataca, o corpo entra imediatamente em posição de defesa, mandando suas tropas de choque de glóbulos brancos dos quartéis, localizados no baço e na medula óssea, para combater os invasores. Eles são as primeiras baixas na grandiosa guerra celular que acontece

sempre que um agente biológico estranho invade o corpo, e a Dra. Potter sabia que qualquer alteração na aparência do liquor seria causada por meus glóbulos brancos mortos.

A Dra. Potter se curvou e ficou de olho no manômetro, o tubo vertical transparente no qual o liquor surgiria. A primeira surpresa dela foi ver que o liquor não pingou, mas jorrou – por causa da pressão alta perigosíssima.

A segunda surpresa foi por causa da aparência do líquido. A grande opacidade indicava que a situação era crítica. O que jorrou no manômetro era viscoso com tom esverdeado.

O meu liquor estava cheio de pus.

FORA DO AR

A Dra. Potter ligou para o Dr. Robert Brennan, um de seus colegas na emergência do hospital e especialista em doenças infectocontagiosas. Enquanto eles aguardavam o resultado dos exames, que foram mandados para laboratórios próximos, passaram a considerar todas as possibilidades de diagnóstico e de tratamentos.

À medida que os resultados dos exames ficavam prontos – e eu continuava a gemer e a me contorcer embaixo das correias que me prendiam à cama –, um quadro ainda mais confuso se configurava. A técnica de coloração de Gram (um teste químico que permite classificar uma bactéria como gram-negativa ou gram-positiva, de acordo com a composição de sua parede celular) indicou que a bactéria que me atacava era gram-negativa, o que é bastante ruim, pois essas são bem mais difíceis de combater.

Além disso, uma tomografia computadorizada revelou que o revestimento meníngeo do meu cérebro estava perigosamente inchado e inflamado. Um tubo para

respiração foi colocado na minha traqueia, para que um ventilador assumisse a tarefa de respirar por mim – doze respirações por minuto, para ser exato –, e uma série de monitores foi colocada em torno da cama para registrar todas as alterações no corpo e no meu cérebro quase destruído.

Entre os pouquíssimos adultos que contraem a meningite bacteriana por infecção com *E. coli* espontaneamente (ou seja, sem passar por cirurgia no cérebro nem sofrer trauma cerebral profundo), a maioria apresenta alguma causa tangível, tal como uma deficiência no sistema imunológico (muitas vezes como consequência da aids). Mas não havia qualquer fator que me tornasse suscetível à doença. Outras bactérias podem causar meningite pela invasão da cavidade nasal ou do ouvido, mas não a *E. coli*. O espaço cerebroespinal é muito bem protegido do resto do corpo para que isso aconteça. A não ser que a medula espinal ou o crânio sejam perfurados (por um estimulador cerebral contaminado ou pela colocação de um *shunt* por algum neurocirurgião, por exemplo), uma bactéria como a *E. coli*, que normalmente vive no intestino, não tem acesso a essa área.

Eu, que já havia instalado centenas de *shunts* e estimuladores cerebrais em vários pacientes e que discutira muito o assunto, concordaria com meus médicos sobre o

fato de que era praticamente impossível eu ter contraído a doença para a qual meus sintomas apontavam.

Os dois médicos, ainda sem conseguir aceitar a evidência mostrada nos exames, consultaram infectologistas de outros hospitais da cidade. Todos disseram que os resultados indicavam somente um diagnóstico.

Mas contrair um quadro grave de meningite do nada não foi a única proeza que realizei naquele primeiro dia no hospital. Momentos antes de deixar a emergência, e depois de duas horas de urros e grunhidos, finalmente me acalmei. Então, mesmo fora do ar, disse três palavras. Elas foram claras e ouvidas por todos os médicos e enfermeiros presentes, assim como por Holley, que estava do outro lado da cortina, a uma curta distância da cena de agonia:

Deus, me ajude!

Todos correram para a cama. Quando chegaram perto de mim, eu estava completamente apagado.

Não me lembro de nada do período em que passei na emergência, muito menos o que disse enquanto estava fora do ar. Mas aquelas foram as últimas palavras que eualaria nos sete dias que se seguiram.

No hospital, minha situação continuava a piorar. O nível de glicose no líquido cefalorraquidiano de uma pessoa saudável está em torno de 80 miligramas por decilitro. A taxa de uma pessoa muito doente, com risco de morte iminente por meningite bacteriana, pode chegar a 20mg/dl. Meu nível de glicose no liquor estava em 1mg/dl.

Em uma graduação que vai de 3 a 15, a minha Escala de Coma de Glasgow estava em 8, indicando doença cerebral grave, e só fez piorar nos dias seguintes. O meu sistema Apache II (sistema de avaliação da fisiologia e do estado de saúde) estava em 18 numa escala que vai até 71, o que significava que minha chance de morrer durante aquela internação estava em torno de 30%. Mais especificamente, devido a meu diagnóstico de meningite bacteriana aguda e à rápida degeneração neurológica, eu tinha, na melhor das hipóteses, 10% de chance de sobreviver à doença quando dei entrada na emergência. Se os antibióticos não fizessem efeito, o risco de morte aumentaria gradativamente nos dias

subsequentes – até chegar a inegociáveis 100%.

Os médicos administraram três poderosos antibióticos intravenosos antes de me despacharem para meu novo lar: um espaçoso quarto particular, o número 10, da unidade de terapia intensiva, um andar acima da emergência.

Frequentei UTIs muitas vezes como cirurgião. É lá que ficam os pacientes muito enfermos, os que estão à beira da morte, para que profissionais de várias especialidades possam trabalhar neles simultaneamente. Uma equipe completa atuando de forma coordenada para manter um paciente vivo quando tudo está contra ele é uma visão impactante. Eu já sentira enorme orgulho e passara por grandes frustrações nesses leitos, dependendo de se o paciente conseguia sobreviver ou se sua vida escorregava entre nossos dedos.

Dr. Brennan e o restante da equipe tentavam acalmar Holley tanto quanto possível naquela circunstância. Mas entre os médicos o otimismo era bem limitado. A verdade era que eu tinha uma chance considerável de morrer em breve. E mesmo se não morresse, a bactéria que atacava meu cérebro já havia devorado uma parte suficientemente grande do meu córtex para comprometer qualquer atividade cerebral mais elaborada. Quanto mais tempo eu ficasse em coma, maior a probabilidade de passar o resto de meus dias em estado vegetativo.

Felizmente, não apenas a equipe do Hospital Geral de Lynchburg, mas também outras pessoas estavam se reunindo para ajudar. Michael Sullivan, nosso vizinho e pastor da igreja episcopal que frequentávamos, chegou ao hospital uma hora depois de Holley. No instante em que minha esposa saiu de casa para acompanhar a ambulância em que eu estava, recebeu uma ligação de Sylvia White, uma velha amiga que possuía o incrível dom de aparecer exatamente quando coisas importantes aconteciam. Holley estava convencida de que Sylvia era paranormal, mas eu achava que ela apenas tinha um sentido apurado. Holley contou os detalhes para a amiga e as duas começaram a avisar as minhas irmãs: Phyllis, a caçula, de 48 anos, que morava em Boston; Betsy, mais nova do que eu, que morava nas redondezas; e Jean, a mais velha.

Na manhã daquela segunda-feira, Jean estava indo para a casa da nossa mãe quando seu marido, David, lhe telefonou.

– Você já passou por Richmond? – perguntou ele.

– Ainda não – respondeu Jean.

– Então faça o retorno e vá para Lynchburg. Holley acaba de me ligar. Eben está no hospital. Ele passou mal esta manhã e não está reagindo.

– Meu Deus! Alguém sabe o que houve?

– Eles não têm certeza, mas parece que é meningite.

Jean pegou o retorno e dirigiu em direção a Lynchburg.

Foi Phyllis quem localizou Eben IV em seu apartamento na Universidade de Delaware, às três da tarde do meu primeiro dia de internação. Ele estava na varanda estudando (meu pai havia sido neurocirurgião e Eben também se interessava por isso) quando seu telefone tocou. Phyllis fez um breve resumo da situação e disse que ele não se preocupasse pois os médicos tinham tudo sob controle.

– Eles têm alguma ideia do que pode ser? – perguntou Eben.

– Bem, mencionaram meningite.

– Terei duas provas nos próximos dias, mas vou avisar aos professores – disse ele.

Posteriormente, Eben me contou que, a princípio, não acreditou que a minha vida estivesse correndo um risco tão grande quanto Phyllis tinha dado a entender, uma vez que a mãe e a tia “sempre exageram as coisas” – e porque eu nunca ficava doente. Porém, quando o pastor Sullivan lhe telefonou uma hora mais tarde, ele percebeu que precisava pegar a estrada imediatamente.

Próximo a Lynchburg, ele ligou para a mãe.

– Como está meu irmão? – perguntou.

– Ele está bem. Está dormindo – respondeu Holley.

– Então acho que vou direto para o hospital.

– Tem certeza de que não quer passar em casa primeiro?

– Não. Quero ver papai.

Eben chegou ao hospital às onze e quinze da noite. A estrada de acesso ao prédio estava ficando coberta de neve e, ao cruzar as luzes que levavam à recepção, ele viu apenas a enfermeira de plantão. Ela o encaminhou à UTI.

Àquela altura, todos os que tinham ido me visitar já estavam em casa. O único som no quarto em penumbra era o dos bipes e assobios das máquinas que mantinham meu corpo funcionando.

Eben estremeceu na porta do quarto quando me avistou. Em seus 20 anos de vida, ele nunca tinha me visto com nada mais grave que uma gripe. Agora, mesmo com todos aqueles equipamentos trabalhando para provar o contrário, meu filho estava olhando para o que sabia ser, em essência, um cadáver. Meu corpo físico estava ali diante dele, mas o pai que ele conhecia havia ido embora.

Ou, melhor dizendo, estava em algum outro lugar.

MUNDO SUBTERRÂNEO

Escuridão, mas uma escuridão visível – como estar submerso na lama, mas ainda assim poder ver através dela. Gelatina escura talvez seja a melhor descrição: transparente, mas turva, embaçada, claustrofóbica e sufocante.

Consciência, mas consciência sem memória nem identidade – como um sonho em que você sabe o que está acontecendo em volta, mas não tem ideia de quem ou *o que* você é.

Há som também: um golpear profundo e ritmado, distante porém forte, de modo que cada pulsação o atinge em cheio. Como uma batida do coração? Um pouco, só que mais sombrio, mais mecânico, como o som de metal contra metal, como se um gigantesco ferreiro subterrâneo estivesse martelando uma bigorna bem perto: golpeando tão forte que o barulho ecoa pela terra, pela lama, ou pelo que quer que seja aquilo onde você está.

Eu não tinha um corpo – nenhum de que me lembrasse de

alguma maneira. Eu apenas estava... *lá*, naquele lugar de escuridão massacrante e pulsante. Na ocasião, eu podia ser chamado de “ser primordial”. Mas na hora em que tudo estava acontecendo, não conhecia essa expressão. Na verdade, eu não conhecia palavra alguma. As palavras usadas aqui foram registradas muito mais tarde, quando, ao voltar para este mundo, escrevi minhas recordações. Linguagem, emoção, razão: tudo havia desaparecido, como se eu tivesse regredido a algum estado primitivo nos primórdios da vida, talvez como a bactéria que se apoderou do meu cérebro e encerrou sua atividade.

Há quanto tempo habito este mundo? Não tenho ideia. Quando se está num lugar onde não há noção de tempo da maneira como o experimentamos, descrever com precisão o que se sente é quase impossível. Quando estava acontecendo, quando eu estava *lá*, me sentia como se sempre tivesse estado naquele lugar e sempre continuaria a estar. E isso não me preocupava. Por que ficaria preocupado se, afinal de contas, esse estado era o único de que eu tinha conhecimento? Sem lembranças de nada melhor, nada em particular me incomodava. Não me lembro de refletir se devia ou não sobreviver, e minha indiferença quanto a isso me proporcionou uma sensação de força. Eu não tinha pista alguma sobre as regras que governavam aquele mundo, mas também não estava com pressa de aprendê-las. Afinal, por

que me preocupar?

Não sei dizer exatamente quando aconteceu, mas em certo momento tomei consciência de alguns objetos que me rodeavam. Eles se assemelhavam a pequenas raízes, ou a vasos sanguíneos em um grande útero lamacento. Com uma coloração vermelha, escura e brilhante, eles desciam de algum lugar muito lá em cima em direção a outro lugar igualmente distante lá embaixo. Olhar para essas coisas era como ser uma toupeira ou uma minhoca no fundo da terra e, de alguma forma, ser capaz de enxergar o intrincado complexo de raízes e árvores à sua volta.

Essa é a razão pela qual, ao pensar sobre aquele lugar mais tarde, passei a chamá-lo de Região do Ponto de Vista da Minhoca. Durante um bom tempo, suspeitei de que aquilo poderia ser algum tipo de lembrança do que meu cérebro sentiu no momento em que as bactérias o invadiram.

No entanto, quanto mais eu pensava sobre essa explicação (e, insisto, foi muito, muito depois), menos sentido ela fazia. Porque – é difícil explicar para quem não esteve antes ali – a minha consciência não estava embaçada nem distorcida. Ela estava simplesmente *limitada*. Eu não era humano naquele lugar. Eu não era sequer animal. Eu era alguma coisa anterior, e inferior, a tudo isso. Era apenas um ponto solitário de consciência em um mar vermelho-escuro.

Quanto mais tempo ficava ali, menos confortável me

sentia. No começo, eu estava tão imerso que não havia diferença entre “mim” e o elemento meio repulsivo e ligeiramente familiar que me rodeava. Mas, aos poucos, essa sensação de imersão profunda, atemporal e sem fronteiras deu lugar a outra coisa: o sentimento de que eu não fazia parte daquele mundo subterrâneo, embora estivesse dentro dele.

Caras grotescas de animais borbulhavam na lama, grunhiam, guinchavam e desapareciam de novo. Escutei urros medonhos. Algumas vezes, esses urros e grunhidos davam lugar a cânticos rítmicos e obscuros que eram, ao mesmo tempo, assustadores e curiosamente conhecidos – como se em algum momento eu mesmo os tivesse cantado.

Como não havia nenhuma lembrança da existência anterior, meu tempo naquela região se estendia indefinidamente. Meses? Anos? A eternidade? Qualquer que fosse a resposta, cheguei a um ponto em que a sensação rastejante suplantou a sensação de familiaridade. Quanto mais me sentia como um *eu* – como alguma coisa separada do ambiente frio, úmido e escuro à minha volta –, mais os rostos que borbulhavam na massa pegajosa se tornavam feios e ameaçadores. As batidas ritmadas do ferreiro também ficaram mais intensas: pareciam britadeiras de trabalhadores subterrâneos, tipo ogros, executando uma tarefa interminável e massacrantemente monótona. O

movimento à minha volta se tornou menos visual e mais palpável, como se criaturas parecidas com vermes e répteis estivessem passando em bandos e de vez em quando esfregassem suas peles macias ou espinhosas em mim.

Foi então que tomei consciência de um odor: era uma mistura de cheiro de fezes, sangue e vômito. Em outras palavras, um cheiro *biológico*, porém de morte, não de vida. À medida que minha consciência se aguçava, eu me aproximava mais do pânico. Eu não pertencia àquele lugar. Precisava escapar.

Mas para onde?

Quando me fiz essa pergunta, algo novo emergiu da escuridão: alguma coisa que não era fria, nem morta, tampouco sombria, mas o exato oposto disso tudo. Mesmo que eu passasse o resto da vida tentando, não conseguiria fazer justiça à entidade que se aproximava de mim. Nem sequer chegaria perto de descrever como era bela.

Mas vou tentar.

ÂNCORA PARA A VIDA

Phyllis só conseguiu chegar ao hospital cerca de duas horas depois de Eben IV. Quando ela entrou na UTI, encontrou o sobrinho sentado junto ao meu leito, abraçando com força um travesseiro para tentar se manter acordado.

– Mamãe está em casa com Bond – disse Eben, o tom de voz demonstrando que estava cansado e tenso, mas contente por ver a tia.

Phyllis o aconselhou a ir para casa, pois se ficasse acordado a noite toda após ter dirigido por várias horas, ele não poderia ajudar em nada no dia seguinte. Ela ligou para Holley e Jean, contou que estava no hospital, que Eben IV logo estaria em casa e que ela passaria a madrugada ao meu lado.

Após desligar disse para o sobrinho:

– Vá para casa e fique com sua mãe, sua tia e seu irmão. Eles precisam de você. Seu pai e eu estaremos aqui quando você voltar amanhã.

Meu filho, então, olhou para o meu corpo: viu o tubo de

respiração passando pela narina direita até a traqueia, observou meus lábios finos abertos, os olhos fechados e os músculos faciais já flácidos.

Phyllis pareceu ler seus pensamentos.

– Sério, Eben, vá para casa. Tente não se preocupar. Seu pai ainda está conosco. Não vou deixá-lo partir.

Ela se aproximou da cama, segurou uma das minhas mãos e começou a massageá-la. Tendo como companhia apenas as máquinas e a enfermeira da noite que vinha checar minhas reações, Phyllis passou o resto da madrugada segurando minha mão para manter uma conexão que ela sabia ser vital para que eu atravessasse tudo aquilo.

Chega a ser um clichê falar da importância da família em nossa vida, mas, como a maioria dos clichês, é pura verdade. Quando fui estudar em Harvard em 1988, uma das primeiras coisas que reparei nas pessoas do norte dos Estados Unidos foi a pouca atenção que davam a uma máxima que vigora por aqui: sua família é *quem você é*.

Ao longo de minha vida, o relacionamento com a família – meus pais e minhas irmãs, e mais tarde Holley, Eben IV e Bond – tem sido a fonte primordial de estabilidade e força, principalmente nos últimos anos. É para a família que eu me volto quando preciso de apoio incondicional neste mundo que tantas vezes nos vira as costas. Cheguei a procurar a igreja com Holley e as crianças, mas o fato é que durante

muitos anos fui como esses cristãos que só vão à igreja na Páscoa e no Natal. Eu estimulava os meninos a orarem à noite, mas estava longe de ser um líder espiritual dentro de casa. Nunca escondi minhas dúvidas sobre a vida espiritual. Por mais que eu quisesse acreditar em Deus, no céu e na vida após a morte, meus anos no rigoroso mundo científico me faziam questionar como tais coisas poderiam existir.

A neurociência moderna postula que o cérebro comanda a consciência – ou a mente, a alma, o espírito, ou como quer que se chame essa parte invisível e intangível de nosso ser que nos faz ser quem somos – e eu não tinha dúvida de que a neurociência estava certa.

Assim como a maioria dos profissionais de saúde que lida diretamente com pacientes moribundos e seus familiares, eu tinha ouvido relatos – e até visto acontecimentos – inexplicáveis. Eu classificava essas ocorrências como “desconhecidas” e as deixava para lá. Não que eu me opusesse a crenças no sobrenatural. Como um médico que via grandes sofrimentos físicos e emocionais todos os dias, a última coisa que eu queria era negar a alguém o consolo e a esperança que a fé proporcionava. Para falar a verdade, eu mesmo queria ter desfrutado de algum tipo de fé.

Mas quanto mais velho eu ficava, menos provável isso se tornava. Como o mar avançando pouco a pouco sobre a praia, ao longo do tempo minha visão científica do mundo

minava lentamente minha capacidade de crer em algo maior. A ciência parecia fornecer uma imensa quantidade de evidências que tornavam quase nula a importância do ser humano no Universo. A crença pode ser uma coisa boa, mas a ciência não está preocupada com o que poderia ser bom. Ela está preocupada com o que é.

Sou um aprendiz cinético, o que significa que aprendo fazendo. Se não sentir ou tocar as coisas, não consigo me interessar por elas. O desejo de tocar em tudo o que eu esteja tentando entender – assim como a vontade de ser como meu pai – foi o que me atraiu para a neurocirurgia.

Por mais abstrato e misterioso que seja o cérebro humano, ele é também incrivelmente concreto. Como estudante de medicina, eu passava horas ao microscópio admirando as células neuronais alongadas, cujas conexões sinápticas ativadas dão origem à consciência. Adorava a combinação do conhecimento abstrato com o fisicalismo característico da cirurgia neurológica. Para acessar o cérebro é preciso remover as camadas de pele e tecido que recobrem o esqueleto e perfurar o crânio com um aparelho pneumático de alta rotação chamado Midas Rex. É um equipamento muito sofisticado que custa milhares de dólares. No entanto, quando o utilizamos torna-se apenas... uma broca.

De certa forma, “consertar” um cérebro, ainda que seja

uma tarefa de extrema complexidade, não é diferente de consertar qualquer outra máquina hipersensível e eletricamente carregada. E eu sabia muito bem que o cérebro é apenas isto: uma máquina que produz o fenômeno da consciência. É claro que os cientistas não haviam descoberto exatamente como os neurônios do cérebro conseguem fazer isso, mas era apenas uma questão de tempo. Afinal, isso era provado todos os dias na sala de cirurgia. Um paciente chega com uma tremenda dor de cabeça e com a consciência reduzida. O médico faz uma ressonância magnética no cérebro e descobre um tumor. O paciente toma anestesia geral, o tumor é extirpado, e algumas horas depois ele está pronto para encarar o mundo de novo. Nada de dor de cabeça. Nada de consciência turva. Tudo muito simples.

Eu adorava essa objetividade – a absoluta honestidade e *isenção* da ciência. Não havia espaço para fantasias nem para negligência. Se um fato pudesse ser visto como concreto e confiável, ele era aceito. Do contrário, era rejeitado.

Essa abordagem deixava muito pouco espaço para a alma e o espírito, para a continuação da existência depois que o cérebro para de funcionar. E deixava menos espaço ainda para aquelas palavras que eu sempre ouvia na igreja: vida eterna.

Foi por isso que me acostumei a contar tanto com minha

família: com Holley e nossos filhos, minhas três irmãs e, é claro, com meus pais. Para ser franco, nunca teria sido capaz de exercer minha profissão, e ver as coisas que eu vi, sem o sólido suporte de amor e compreensão que a família me proporcionou.

E foi por esse motivo que Phyllis (depois de consultar Betsy pelo celular) decidiu fazer-me uma promessa em nome de toda a família. Sentada ao meu lado, com minha mão flácida e quase sem vida entre as suas, ela me disse que, independentemente do que me acontecesse dali para a frente, sempre haveria alguém segurando minha mão.

– Não vamos deixar você partir, Eben. Você precisa de uma âncora para mantê-lo neste mundo, onde precisamos tanto de você. E nós seremos essa âncora – disse ela.

Mal sabia ela como essa âncora seria importante para mim nos dias que se seguiriam.

A MELODIA GIRATÓRIA E O MUNDO NOVO

Alguma coisa apareceu no escuro. Movendo-se lentamente, ela irradiava uma luz dourada e, à medida que avançava, a escuridão à minha volta começava a se fragmentar e dissipar.

Então escutei um novo som: um som *vivo*, como a mais rica e complexa melodia que já tinha ouvido. Aumentando de volume enquanto uma diáfana luz branca descia, esse som anulou as batidas mecânicas e maçantes que, aparentemente, haviam sido a minha única companhia até então.

A luz foi chegando cada vez mais perto, girando em torno de mim, produzindo filamentos de pura luz branca com raias douradas.

Então, no centro da luz, apareceu outra coisa. Eu me concentrei ao máximo para descobrir o que era.

Uma abertura. Eu não estava mais olhando *para* a luz giratória, mas *através* dela.

No instante que compreendi isso, comecei a me mover. Eu

ouvia um som sibilante. Quando atravessei a abertura, me vi em um mundo inteiramente novo. O mundo mais belo e estranho que eu já tinha visto.

Brilhante, vibrante, arrebatador, maravilhoso... Eu poderia amontoar adjetivos, um após outro, para tentar descrever esse mundo, mas nada do que dissesse poderia traduzir o que eu via e sentia. Era como se eu tivesse acabado de nascer. Não renascer, ou nascer de novo. Apenas... nascer.

Embaixo de mim havia uma campina. Ela era verde, exuberante e parecia feita de terra. *Era* de terra... mas ao mesmo tempo não era. Minha sensação era a mesma que se tem ao visitar algum lugar a que costumávamos ir quando crianças. Nós não o reconhecemos, mas ao olharmos em volta, alguma coisa nos atrai, e percebemos que uma parte de nós – uma parte bem lá no fundo – se lembra do lugar e se alegra por ter voltado ali.

Eu estava voando. Passei por árvores e campos, rios e cachoeiras, e avistei pessoas aqui e ali. Também havia crianças rindo e brincando. Todos cantavam e dançavam em círculos, e vi até cachorros correndo e saltando entre elas, igualmente tomados de alegria. As pessoas vestiam roupas simples, mas bonitas, e tive a impressão de que as cores dessas vestimentas tinham o mesmo tom vívido das árvores e das flores que desabrochavam e encantavam todo o campo ao redor.

Um mundo de sonhos belo e incrível...

Só que não era um sonho. Embora não soubesse onde me encontrava e nem mesmo *o que* era aquilo tudo, eu estava convicto de uma coisa: esse lugar em que de repente me vi era completamente real.

A palavra *real* expressa algo abstrato e é totalmente ineficaz para transmitir o que estou tentando descrever. Imagine que você é uma criança e vai ao cinema em uma tarde de verão. Talvez o filme seja bom e prenda sua atenção enquanto você lhe está assistindo. Mas, quando a sessão termina, você sai do cinema e volta para a paisagem agradável daquela bela tarde. Logo, o ar fresco e a luz do sol o envolvem e, então, você pensa por que razão gastou duas horas daquele dia magnífico sentado numa sala escura.

Multiplique esse sentimento por mil e ainda não estará perto de entender como eu me senti naquele lugar.

Não sei exatamente por quanto tempo sobrevoei aqueles campos (o tempo ali era diferente do tempo linear que vivemos na Terra, e é impossível descrevê-lo, assim como todos os outros detalhes da experiência), mas em algum momento percebi que não estava sozinho.

Alguém se encontrava bem próximo a mim: uma bela menina com as maçãs do rosto salientes e olhos de um azul profundo. Ela vestia o mesmo tipo de roupa camponesa que as pessoas usavam lá embaixo. Seus longos cachos castanhos

emolduravam um rosto encantador. Cavalgávamos juntos sobre uma superfície intrincada, adornada por cores vivas indescritíveis – como as asas de uma borboleta. Na verdade, milhões de borboletas nos rodeavam. Havia ondas delas, descendo até a relva verde e voltando até nós no espaço. Não foi apenas uma única e discreta borboleta que apareceu, mas um enxame, como se um rio de vida e cores bailasse no ar. Voávamos em círculo, despreocupadamente, atravessando campos floridos e sobrevoando árvores cujas flores desabrochavam à medida que passávamos.

O traje da menina era modesto, mas seu colorido – azul-anil e laranja – tinha a mesma energia deslumbrante de todo o resto. Ela olhou para mim de um jeito arrebatador. Não era um olhar romântico. Tampouco um olhar de amizade. Era um olhar que estava muito além disso... além de qualquer tipo de amor que temos aqui na Terra. Era algo mais elevado, que trazia em si todos esses amores, porém mais verdadeiro e puro que qualquer um deles.

Sem usar palavras, ela falou comigo. Sua mensagem me atingiu como um vento, e compreendi imediatamente que ela era verdadeira. Eu soube disso da mesma maneira que sabia que o mundo à minha volta era real – e não uma fantasia fugaz e delirante.

A mensagem tinha três partes, e se tivesse que traduzi-la em linguagem terrena, eu diria que era mais ou menos isto:

“Você é amado e valorizado imensamente, para sempre.”

“Não há nada a temer.”

“Não há nada que você possa fazer de errado.”

A mensagem me proporcionou uma imensa sensação de alívio. Era como se eu passasse a conhecer as regras de um jogo que havia jogado a vida inteira sem nunca tê-lo compreendido de todo.

“Nós lhe mostraremos muitas coisas aqui”, a menina me disse, de novo sem usar palavras, apenas projetando a essência do significado delas em mim. “Mas, no fim, você irá voltar.”

Eu tinha uma única pergunta sobre isso.

Voltar para onde?

Lembre-se de quem está contando tudo isso. Não sou um sentimentalista. Sei muito bem com que a morte se parece. Sei o que é ver uma pessoa viva, com quem você conversou e brincou durante um bom tempo, de repente se tornar uma massa inerte em uma mesa de operação depois de lutarmos durante horas para manter seu corpo funcionando. Conheço o sofrimento e o pesar profundo das pessoas que perderam alguém que nunca acharam que poderiam perder. Conheço a minha biologia, e, ainda que não seja um especialista em física, não sou um ignorante total nessa matéria: sei a diferença entre a fantasia e a realidade, e posso assegurar que a experiência que estou tentando transmitir aqui, ainda

que de forma vaga e insatisfatória, foi de longe a experiência mais real da minha vida.

Na verdade, a única coisa que poderia competir com ela em termos de realidade foi a que veio a seguir.

ISRAEL

Às oito horas da manhã do dia seguinte, Holley estava de volta ao meu quarto. Ela ocupou o lugar de Phyllis na cadeira junto à cabeceira do meu leito e envolveu minha mão ainda inerte nas suas.

Por voltas das onze horas, o pastor Sullivan chegou e todos formaram um círculo ao meu redor. Betsy segurou minha mão para que eu também fosse incluído na roda. O pastor conduziu a oração. Quando estavam encerrando a prece, um dos médicos infectologistas apareceu trazendo notícias do laboratório. Apesar dos antibióticos ministrados durante toda a noite, minha taxa de glóbulos brancos continuava a subir. O que significava que a bactéria ainda estava atacando meu cérebro, sem enfrentar qualquer resistência.

Correndo contra o tempo, os médicos mais uma vez interpelaram Holley a fim de obter detalhes de minhas atividades nos últimos dias. Logo estenderam suas perguntas para as últimas semanas. Havia alguma coisa – qualquer coisa – que eu pudesse ter feito recentemente que lhes

ajudasse a entender meu estado?

– Bem – disse Holley –, ele viajou para Israel há alguns meses.

Dr. Brennan vasculhou o seu bloco de notas.

As células bacterianas *E. coli* podem trocar DNA não somente com outras *E. coli*, mas também com outros organismos bacterianos gram-negativos. Isso tem sérias implicações nesta era de viagens globais, bombardeio de antibióticos e bactérias que sofrem mutações rapidamente. Se algumas *E. coli* se encontrarem em um ambiente biológico hostil com outros organismos primitivos mais resistentes, as *E. coli* podem incorporar parte do DNA dessas bactérias mais bem posicionadas.

Em 1996, pesquisadores descobriram uma nova linhagem de bactérias que hospedavam o código genético da KPC (*Klebsiella pneumoniae carbapenemase*), uma bactéria que abriga uma enzima que confere resistência a antibióticos à bactéria hospedeira. Ela foi encontrada no estômago de um paciente que faleceu em um hospital da Carolina do Norte.

O caso imediatamente chamou atenção dos médicos do mundo todo quando se descobriu que a “superbactéria” KPC poderia potencialmente tornar a bactéria que a absorveu resistente não apenas aos antibióticos correntes, mas a *todos* eles.

Se uma linhagem de bactérias resistentes a antibióticos

fugisse do controle e avançasse sobre a população do planeta, a espécie humana estaria em apuros. Nenhum novo antibiótico poderia vir em nosso socorro.

O Dr. Brennan sabia que alguns meses antes da minha crise um paciente dera entrada em um hospital com uma infecção bacteriana grave e recebera uma série de antibióticos potentes para tentar controlar uma infecção pela *Klebsiella pneumoniae*. Mas o estado do homem continuou a piorar. Exames revelaram que ele estava sucumbindo à bactéria e que os antibióticos não fizeram efeito. Exames posteriores mostraram que as bactérias que viviam no intestino grosso do paciente haviam adquirido o gene KPC. Em outras palavras, seu corpo tinha se tornado o laboratório para a criação de uma espécie de bactéria que, se chegasse à população geral, provocaria algo capaz de rivalizar com a peste bubônica, uma praga que dizimou metade dos europeus no século XIV.

O hospital onde tudo isso aconteceu foi o Centro Médico Sourasky, em Tel Aviv, Israel, e o caso tinha ocorrido havia poucos meses. Para ser preciso, acontecera na época em que estive por lá, em uma viagem a trabalho. Desembarquei em Jerusalém de madrugada e depois de dar entrada no hotel resolvi caminhar pela cidade velha. Acabei fazendo uma turnê ainda no escuro pela Via Dolorosa e visitando o suposto local da Última Ceia.

A caminhada havia sido estranhamente emocionante e, de volta aos Estados Unidos, eu sempre a mencionava para Holley. Mas, na ocasião, eu não conhecia a história do paciente no hospital Sourasky ou da bactéria que tinha se apropriado do gene KPC. Bactéria essa que, se desenvolvida, era uma grande facilitadora da meningite *E. coli*.

Será que, durante minha estadia em Israel, eu poderia ter contraído uma bactéria que hospedava a KPC à prova de antibióticos? Pouco provável. Mas era uma explicação plausível para a aparente resistência da minha infecção, e a junta médica que me assistia foi à luta para investigar se aquela era, de fato, a bactéria que atacava meu cérebro.

O meu caso estava prestes a se tornar, pela primeira de muitas razões, um episódio especial da história da medicina.

O NÚCLEO

Agora eu estava em um lugar cheio de nuvens. Nuvens grandes, fofas, brancas com tons rosados se destacavam no céu de anil.

Mais alto que as nuvens – imensuravelmente mais alto –, em um aglomerado de esferas transparentes, seres deslumbrantes se deslocavam em arco por todo o céu, deixando grandes rastros atrás de si.

Pássaros? Anjos? Estas palavras me ocorreram quando eu escrevia minhas recordações, mas nenhuma delas faz jus àqueles seres, que eram muito diferentes de qualquer coisa que eu tivesse conhecido neste planeta. Eles eram mais evoluídos. *Superiores*.

Um som forte e majestoso, como uma música sacra, veio de cima, e me perguntei se aqueles seres superiores estariam produzindo esse uníssono. Novamente, refletindo sobre isso mais tarde, me ocorreu que a alegria dessas criaturas era tão imensa que elas tinham que manifestar esse som – como se fosse uma emoção impossível de conter. Era algo palpável e

quase material, assim como uma chuva que se sente na pele, mas que não nos deixa molhados.

Ver e ouvir não eram coisas separadas naquele lugar. Eu podia *ouvir* a beleza dos corpos daqueles seres cintilantes e, ao mesmo tempo, *ver* a perfeição do que eles cantavam. Parecia que não era possível ver ou escutar qualquer coisa ali sem se tornar parte dela – sem se fundir com aquilo de alguma forma misteriosa. Lá tudo era diferente e, no entanto, fazia parte de algo maior, como os belos desenhos entrelaçados nos tapetes persas... ou como nas asas de borboleta.

Um vento morno começou a soprar, balançando as folhas das árvores e fluindo como um rio celestial. Uma brisa divina. Essa brisa mudou tudo, elevou o mundo ao meu redor para uma oitava acima, para uma vibração mais alta.

Embora minha linguagem estivesse limitada – ao menos da maneira como entendemos aqui na Terra – comecei, mesmo sem palavras, a fazer perguntas para esse vento e para o ser divino que intuí operar por trás dele.

Onde é este lugar?

Quem eu sou?

Por que estou aqui?

Toda vez que eu formulava uma questão, a resposta vinha instantaneamente em uma explosão de luz, cor, amor e beleza que me invadia por completo. O importante sobre

essas explosões foi que elas não silenciavam minhas perguntas com sua força esmagadora, mas *respondiam* a todas elas, só que de uma maneira além da linguagem. Os pensamentos entravam em mim diretamente, mas não eram iguais aos que temos aqui. Não eram vagos, imateriais nem abstratos. Eram sólidos e imediatos – mais quentes que o fogo, mais úmidos que a água – e, à medida que os recebia, eu era capaz de *conhecer*, instantaneamente e sem qualquer esforço, o que levaria anos para compreender na vida terrena.

Continuei avançando e me vi entrando num imenso vazio, escuro, infinito em tamanho, mas também infinitamente prazeroso. Ao mesmo tempo que era negro, estava repleto de luz: uma luz que parecia vir de uma esfera brilhante que agora eu sentia próxima a mim. Uma órbita viva e quase sólida, como as canções dos seres superiores. Minha situação era como a de um feto no útero. Ele flutua com a parceria silenciosa da placenta, que o nutre e medeia seu relacionamento com tudo à sua volta e também com a mãe, até então invisível.

Neste caso, a “mãe” era Deus, o Criador, a Fonte – ou qualquer nome que se queira dar para o Ser dos Seres que é responsável pela existência do Universo e tudo o que há nele. Este Ser estava tão perto que parecia não haver distância alguma entre Ele e mim. Porém, eu podia sentir

Sua infinita vastidão e perceber o tamanho da minha insignificância diante de tanta grandeza. De agora em diante, usarei *Om* para me referir a Deus, pois esse era o som que eu lembrava ter ouvido associado àquele ser onisciente, onipresente e incondicionalmente amoroso.

Eu percebia a imensidão que separava *Om* de mim porque tinha a Órbita como companhia. Eu não podia compreender claramente, mas tinha certeza de que a Órbita era um tipo de “intérprete” entre mim e essa extraordinária presença que me rodeava. Era como se eu tivesse nascendo em um mundo maior, como se o Universo fosse um gigantesco útero cósmico, e a Órbita (que permanecia ligada à menina nas asas de borboleta que, na verdade, *era* ela) estivesse me dirigindo nesse processo.

Mais tarde, quando já estava de volta a este mundo, encontrei uma citação do poeta cristão do século XVII, Henri Vaughan, que chega próximo da descrição desse lugar – esse amplo centro escuro que era o lar do Divino.

“Existe em Deus, alguns dizem, uma profunda e ofuscante escuridão...”

Era exatamente isto: uma escuridão absoluta que também era repleta de luz.

As perguntas e as respostas continuavam. A “voz” desse Ser era cálida e pessoal – por mais estranho que isso possa soar. Ele entendia os humanos, possuía as qualidades que

nós possuímos, só que numa escala muito maior. Ele me conhecia profundamente e transbordava virtudes que sempre associei aos seres humanos: afeto, compaixão, emoção... até mesmo ironia e humor.

Por meio da Órbita, Om me disse que não existe apenas um Universo, mas muitos – na verdade, mais do que eu poderia conceber –, e que o amor está no centro de todos eles.

O mal também estava presente em todos os outros universos, porém em quantidades muito pequenas. O mal era necessário porque sem ele o livre-arbítrio era impossível, e sem livre-arbítrio não poderia haver crescimento – nenhum avanço, nenhuma chance de nos tornarmos o que Deus desejou que fôssemos. Por mais horrível e poderoso que o mal pareça, o amor é avassaladoramente maior, e triunfará no final.

Vi a abundância da vida nos incontáveis universos, incluindo alguns cuja inteligência estava muito além da nossa. Vi que existem incontáveis dimensões superiores, mas que a única maneira de conhecê-las é experimentando-as diretamente. Elas não podem ser conhecidas ou entendidas de um espaço dimensional inferior.

Causa e efeito existem nesses reinos mais elevados, mas de maneira diferente da nossa concepção terrena. O nosso tempo e espaço estão unidos, de maneira íntima e complexa,

com esses universos mais avançados. Em outras palavras, esses mundos não estão totalmente separados do nosso, porque todos os mundos fazem parte da mesma e abrangente Realidade divina. Daqueles universos mais avançados se pode acessar qualquer tempo ou lugar do nosso mundo.

Seria necessário o resto de minha vida, e um pouco mais, para relatar o que aprendi ali. O conhecimento transmitido a mim não foi “ensinado” como se ensina História ou Matemática. Os ensinamentos vinham diretamente, sem que eu precisasse ser convencido. O conhecimento era armazenado sem memorização, instantaneamente e sem esforço. Ele não desaparecia, como acontece com a informação comum – e até o dia de hoje eu o retenho, com mais clareza do que guardo as informações que acumulei em todos os meus anos de estudo.

Isso, no entanto, não quer dizer que eu possa acessar esse conhecimento com facilidade. Porque, agora que estou de volta à dimensão terrena, tenho que processá-lo através dos limites do meu cérebro e do meu corpo físico. Mas o conhecimento está lá. Eu o sinto, repousando no centro do meu ser. Para uma pessoa como eu, que passou toda a vida trabalhando duro para acumular conhecimento e sabedoria da maneira tradicional, a descoberta desse nível mais avançado de aprendizado foi, por si só, o bastante para

alimentar meu pensamento pela vida fora.

Infelizmente, para minha família e os médicos lá na Terra, a situação era bem diferente.

QUEM SE IMPORTA?

Holley percebeu que os médicos ficaram muito interessados quando ela mencionou a viagem a Israel. Mas é claro que ela não entendeu por que isso era tão importante. Na verdade, foi uma bênção que ela não tivesse entendido. Lidar com a minha morte iminente já era uma provação dura o suficiente; imagine ter que admitir a possibilidade de eu vir a me tornar o caso principal de uma desgraça equivalente à peste bubônica.

Enquanto isso, mais ligações eram feitas para amigos e familiares.

Inclusive para minha família biológica.

Quando era garoto, eu adorava meu pai, que foi chefe de equipe durante 20 anos no Hospital Batista Wake Forest em Winston-Salem. Escolhi a neurocirurgia como profissão para seguir os passos de meu pai, embora tivesse a convicção de que não chegaria tão longe quanto ele.

Meu pai era um homem profundamente espiritualizado. Ele serviu como cirurgião na Força Aérea dos Estados

Unidos nas florestas da Nova Guiné e nas Filipinas durante a Segunda Guerra Mundial. Ele testemunhou e experimentou muita brutalidade e sofrimento. Ele me contava sobre as noites que passara operando os feridos em batalha em barracas que mal protegiam os corpos das chuvas das monções que assolavam o acampamento militar. Fora o calor e a umidade opressivos que obrigavam os cirurgiões a trabalharem de cuecas e sem camisa para poder suportar o clima hostil.

Papai se casou com o amor de sua vida (e filha de seu oficial-comandante), Beth, em outubro de 1942. No final da guerra, ele fez parte do primeiro grupo das forças aliadas que ocuparam o Japão depois que os Estados Unidos lançaram a bomba atômica sobre Hiroshima e Nagasaki. Como o único neurocirurgião militar em Tóquio, meu pai se tornou indispensável. Ele também estava habilitado a operar ouvido, nariz e garganta.

Todas essas qualificações garantiam que ele não iria a parte alguma por um bom tempo. Seu novo comandante não lhe permitiria voltar aos Estados Unidos antes que a situação no Oriente se estabilizasse. Somente vários meses depois que os japoneses se renderam formalmente a bordo do navio de guerra *Missouri*, na Baía de Tóquio, papai recebeu do comando geral licença para voltar para casa. Entretanto, ele sabia que se o comandante no Japão o visse

partindo suspenderia a ordem. Então aguardou o fim de semana, quando aquele oficial estivesse fora da base, e referendou sua dispensa por meio do comandante de plantão. Ele conseguiu embarcar no primeiro navio que partiria de Tóquio para os Estados Unidos, em dezembro de 1945, muito tempo depois de a maioria dos militares de seu grupo ter retornado para suas famílias.

Depois de chegar, no início de 1946, papai deu prosseguimento à sua residência em neurocirurgia junto com seu amigo Donald Matson, que servira na Europa durante a guerra. Eles completaram sua residência médica no Peter Bent Brigham e no Hospital Infantil de Boston com a supervisão do Dr. Franc D. Ingraham, um dos últimos residentes treinados pelo Dr. Harvey Cushing, reconhecido mundialmente como o pai da neurocirurgia moderna.

Nas décadas de 1950 e 1960, todo o grupo de neurocirurgiões de seu regimento que havia honrado a sua classe nos campos de batalha da Europa e do Pacífico seguiu em frente e se estabeleceu como a mais importante geração de neurocirurgiões modernos.

Meus pais cresceram durante a Grande Depressão e experimentaram o trabalho duro desde cedo. Papai costumava chegar em casa para jantar às sete horas, geralmente de terno e gravata, mas às vezes usando seu jaleco. Então ele voltava para o hospital, quase sempre

levando consigo um de seus filhos, para fazermos o dever de casa em seu gabinete, enquanto ele examinava os pacientes.

Papai enxergava vida e trabalho como sinônimos e nos criou com essa mesma visão. Ele geralmente mandava que minhas irmãs e eu limpássemos o quintal aos domingos. Se pedíssemos para ir ao cinema, ele respondia: “Se vocês forem ao cinema alguém vai ter que fazer esse trabalho.” Ele também era altamente competitivo: considerava qualquer jogo “uma batalha de vida ou morte”, e mesmo quando já estava na casa dos oitenta anos ele andava à procura de novos oponentes, em geral décadas mais jovens.

Era um pai exigente, mas também um pai maravilhoso. Tratava a todos com respeito e carregava uma chave de fenda no bolso do jaleco para apertar qualquer parafuso que encontrasse frouxo durante suas rondas no hospital. Seus pacientes, colegas médicos, enfermeiras e toda a equipe gostavam muito dele. Não importa se estivesse operando, colaborando em pesquisas, treinando neurocirurgiões ou editando a revista *Surgical Neurology* (o que fez por vários anos), papai imprimia a sua filosofia de vida em tudo. Mesmo depois de envelhecer e abandonar os centros cirúrgicos, aos 71 anos, ele continuou acompanhando os avanços de sua área. Após a morte dele, em 2004, o Dr. David L. Kelly Jr., seu parceiro de longa data, escreveu: “Dr. Alexander sempre será lembrado por seu entusiasmo e suas

qualidades médicas, por sua perseverança e atenção aos detalhes, por sua compaixão, honestidade e pela excelência em tudo o que fazia.” Não era de admirar que eu, assim como tantos outros, o adorasse.

Muito cedo – tão cedo que nem me lembro de quando foi – mamãe e papai me revelaram que eu era adotado (ou “escolhido”, como eles diziam, uma vez que me garantiram que *souberam* que eu era filho deles no exato momento em que me viram). Eles não eram meus pais biológicos, mas me amavam como se eu fosse a sua própria carne e sangue.

Cresci sabendo que fui adotado em abril de 1954, com apenas quatro meses de vida. Quando me deu à luz, em dezembro de 1953, minha mãe biológica tinha apenas 16 anos, era estudante secundária e solteira. O namorado dela era mais velho, porém não tinha condições de sustentar um filho, então concordou em dar o bebê para a adoção, já que nenhum dos dois me queria. O conhecimento de tudo isso veio tão cedo que se tornou simplesmente uma parte do que eu era, uma parte tão aceita e inquestionável quanto a cor dos meus cabelos e o fato de eu gostar de hambúrgueres e detestar couve-flor. Eu amava meus pais adotivos tanto quanto amaria se tivéssemos alguma relação de sangue, e claramente eles sentiam o mesmo por mim.

Minha irmã mais velha, Jean, também havia sido adotada, mas, cinco meses depois que me juntei a eles, minha mãe

conseguiu engravidar. Ela deu à luz uma menininha – Betsy – e cinco anos mais tarde nasceu Phyllis, a caçula da família. Nós éramos irmãos de verdade para todos os efeitos. Eu sabia que, não importava de onde tivesse vindo, eu era o irmão delas e elas eram minhas irmãs. Cresci no seio de uma família que não somente me amava, mas que acreditava em mim e apoiava os meus sonhos. Inclusive o sonho que ganhou corpo no ensino médio e que eu nunca deixei escapar até que conseguisse realizá-lo: ser um neurocirurgião como papai.

Não pensei sobre minha adoção durante os anos de faculdade e de residência médica – ao menos não profundamente. Eu me lembro de ter procurado diversas vezes a Sociedade Lar das Crianças da Carolina do Norte para saber se minha mãe tinha algum interesse em se aproximar de mim. Mas meu estado tinha uma das leis mais rígidas do país para proteger o anonimato dos adotados e de seus pais biológicos, mesmo que eles quisessem desesperadamente se reencontrar. Ao me aproximar dos 30 anos, eu pensava cada vez menos nisso. E quando conheci Holley e formamos nossa própria família, a questão praticamente desapareceu.

Ou ficou escondida mais lá no fundo.

Em 1999, quando Eben IV tinha 12 anos e morávamos em Massachusetts, ele se envolveu em um projeto escolar sobre

a herança familiar. Eben sabia que eu havia sido adotado e que, por isso, ele tinha parentes diretos que não conhecia pessoalmente e dos quais nem mesmo sabia o nome. O projeto acendeu alguma coisa nele – uma curiosidade profunda que até aquele momento ele não sabia que existia.

Ele me perguntou se poderíamos tentar encontrar meus pais biológicos. Eu lhe contei, então, que por muitos anos eu me empenhara nisso, até procurando o orfanato para saber se havia alguma notícia de minha mãe. Se ela ou meu pai quisesse me ver, a administração do orfanato saberia. Mas que nunca houvera retorno algum.

Não que isso me angustiasse. Eu disse a Eben que era algo “perfeitamente natural, o que não significa que minha mãe biológica não me ame ou que não vá amá-lo se puser os olhos em você. Mas ela não quer me conhecer, provavelmente porque, assim como nós, ela já tem outra família e não deseja complicar as coisas”.

Eben não se deu por vencido. Ele insistiu tanto que, para não frustrá-lo, resolvi escrever para uma assistente social do Lar das Crianças chamada Betty, que tinha atendido as minhas solicitações anteriores. Algumas semanas depois, em uma sexta-feira gelada de fevereiro de 2000, Eben e eu estávamos indo para o Maine esquiar, quando lembrei que deveria ter ligado para Betty a fim de saber se havia alguma novidade. Liguei do celular mesmo.

– Bem... dessa vez eu tenho notícias. O senhor está sentado?

Eu não só estava sentado como dirigindo no meio de uma tempestade de neve, mas omiti esse detalhe.

– Acontece, Dr. Alexander, que seus pais acabaram se casando. Um com o outro.

Meu coração disparou dentro do peito e a estrada na minha frente de repente assumiu contornos vagos e irreais. Embora eu soubesse que meus pais tinham se apaixonado, sempre presumi que, após terem me abandonado, suas vidas tomariam rumos opostos. Instantaneamente uma imagem surgiu em minha cabeça. Um retrato de meus pais biológicos e do lar que eles construíram em algum lugar. Um lar que eu nunca conheci. Um lar ao qual eu não pertencia.

Betty interrompeu meus devaneios:

– Dr. Alexander?

– Sim – respondi lentamente. – Estou aqui.

– Tem mais uma coisa.

Para espanto de Eben, joguei o carro para o acostamento e pedi que ela prosseguisse.

– Seus pais tiveram outros três filhos: duas meninas e um rapaz. Estive com a filha mais velha e ela me contou que sua irmã mais nova faleceu há dois anos. Seus pais ainda estão muito abalados com a perda.

– Então isso quer dizer...? – perguntei depois de uma longa

pausa, ainda anestesiado, sem conseguir processar direito tudo aquilo.

– Sinto muito, Dr. Alexander, mas ela recusou o seu pedido de contato.

Eben se agitava no banco atrás de mim, ciente de que uma coisa muito importante tinha acabado de acontecer.

– E aí, pai? – perguntou ele quando, enfim, desliguei.

– Nada demais. A agência não sabe muita coisa, mas estão trabalhando no caso. Talvez algum dia. Quem sabe...

Mas minha voz me traiu. Lá fora, a tempestade aumentava. Eu só conseguia enxergar poucos metros adiante no nevoeiro que nos envolvia. Engatei a marcha do carro, olhei com cuidado pelo retrovisor e retornei à estrada.

Em alguns minutos, a visão que eu tinha de mim mesmo havia mudado inteiramente. Depois daquele telefonema, eu continuava sendo, claro, tudo o que era antes: um cientista, um médico, um pai, um marido. Mas pela primeira vez na vida me senti um órfão. Alguém que havia sido abandonado. Alguém que não era aceito nem desejado.

Antes daquela conversa, eu nunca me sentira daquele jeito. Jamais tinha pensado nos meus pais biológicos como pessoas que eu tivesse perdido e que nunca pudesse recuperar. Mas, de repente, essa era a única coisa que eu conseguia enxergar sobre mim mesmo.

Nos meses seguintes um oceano de desolação se apossou

de mim: era uma tristeza que ameaçava me afundar e afogar tudo pelo que eu tinha trabalhado tão diligentemente para construir até então em minha vida.

Isso piorou ainda mais por causa da minha incapacidade de encarar o que estava provocando a situação. Enfrentei problemas pessoais antes e os superei. Na faculdade de medicina, por exemplo, fiz parte de um grupinho que valorizava bastante a bebida alcoólica. Mas em 1991 comecei a reparar que ficava exageradamente ansioso pelos dias livres e pelas bebidas que viriam com eles. Decidi então que estava na hora de parar de beber. Isso não foi nada fácil – precisei de ajuda profissional e do apoio da família.

Então, aqui estava outro problema, e a culpa era toda minha. Teria conseguido lidar com ele se pedisse ajuda. Mas por que eu não poderia arrancar o mal pela raiz? Simplesmente não parecia correto que uma parte esquecida do meu passado – uma parte que, afinal de contas, eu não podia controlar – pudesse me desestruturar tanto emocional quanto profissionalmente.

Então decidi lutar. Percebi, incrédulo, que meus papéis como médico, pai e marido se tornavam cada vez mais difíceis de cumprir. Vendo que eu não atravessava um bom momento, Holley nos inscreveu em uma terapia de casais. Embora compreendesse apenas em parte o que estava causando aquilo, ela me perdoou por cair no abismo do

desespero e fez o que estava ao seu alcance para me tirar dele.

A depressão teve ramificações também em meu trabalho. Evidentemente, meus pais ficaram sabendo da minha mudança de comportamento, e também me compreenderam. Porém o que mais doeu foi constatar que minha carreira também estava em perigo – e que não havia nada nem ninguém que pudesse me ajudar.

Finalmente, depois de ter minha tristeza exposta aos olhos de todos, vi desabar minha última esperança de que houvesse algum elemento pessoal no Universo – alguma força que estivesse além do âmbito científico ao qual eu me dedicara tantos anos. Vi desabar minha última crença de que pudesse haver um Ser que de fato me amasse e se importasse comigo. Depois daquele telefonema na nevasca, a ideia de um Deus amoroso e pessoal desapareceu por completo.

Haveria uma força ou inteligência olhando por nós? Quem se importava com os humanos de um modo verdadeiramente amoroso? Foi uma surpresa ter de admitir que, apesar de todo o meu conhecimento científico e minha experiência médica, eu ainda estava secretamente interessado nessa questão – assim como estava envolvido até a alma na questão da minha família biológica.

Infelizmente, a resposta para a pergunta sobre a existência

de um Ser amoroso era a mesma para a que indagava sobre a possibilidade de meus pais biológicos abrirem suas vidas e seus corações para mim algum dia.

E a resposta era não.

O FIM DO TORMENTO

Nos sete anos que se seguiram, minha profissão e minha vida familiar continuaram a padecer. Por muito tempo, as pessoas à minha volta – até as mais próximas – não tiveram certeza da causa do problema. Mas, aos poucos, pelas observações que eu fazia de vez em quando, Holley e minhas irmãs juntaram as peças do quebra-cabeça.

Até que, em uma caminhada matinal na praia, durante as férias da família em julho de 2007, Betsy e Phyllis trouxeram o assunto à tona.

– Você já pensou em escrever outra carta para sua família biológica? – perguntou Phyllis.

Besty reforçou a sugestão:

– Sim, porque depois de tanto tempo as coisas podem ter mudado. Nunca se sabe...

Como Betsy estava pensando em adotar uma criança, não fiquei inteiramente surpreso quando o assunto surgiu. Ainda assim, minha resposta imediata foi:

– Não! De novo, não!

Eu me lembrei do abismo que se abriu sob os meus pés depois da rejeição que sofrera sete anos antes. Mas, no fundo, eu sabia que a intenção de Betsy e Phyllis era a melhor possível. Minhas irmãs sabiam que eu estava sofrendo e, como finalmente tinham descoberto o motivo, queriam que eu enfrentasse o problema e tentasse resolvê-lo. Elas me asseguraram que permaneceriam ao meu lado nessa empreitada, que eu não estaria sozinho como nas outras vezes: a partir daquele momento seríamos uma equipe.

Então, no início de agosto de 2007, escrevi uma carta anônima para minha irmã biológica e a enviei para Betty na Sociedade Lar das Crianças da Carolina do Norte.

Querida irmã,

Eu gostaria de me comunicar com você, nosso irmão e nossos pais. Depois de uma longa conversa com a minha família adotiva, eles apoiaram meu desejo de saber mais sobre a minha família biológica.

Meus dois filhos, de 9 e 19 anos, estão curiosos para saber mais sobre sua família de sangue. Nós três e minha esposa ficaremos gratos por qualquer informação que você se sinta à vontade para compartilhar. Quanto a mim, queria saber sobre a vida de meus pais desde quando eram jovens até hoje. Que tipo de interesses e personalidades vocês têm?

Como todos nós estamos envelhecendo, minha esperança é encontrá-los em breve. As providências podem ser tomadas de comum acordo. Por favor, saiba que eu respeito muito o grau de privacidade que eles querem manter. Tive uma família adotiva maravilhosa e compreendo a decisão que meus pais biológicos tomaram na juventude. Meu interesse é sincero e respeitarei quaisquer limites que eles considerem necessário.

Agradeço profundamente a sua atenção.

Atenciosamente,

Seu irmão mais velho

Algumas semanas depois, recebi uma carta da Sociedade Lar das Crianças. Era da minha irmã biológica.

“Sim, nós adoraríamos conhecê-lo”, ela escreveu. A lei estadual da Carolina do Norte lhe proibia de me passar qualquer informação que os identificasse, mas, driblando esse procedimento, ela forneceu as primeiras pistas sobre a família que eu nunca conhecera.

Quando ela relatou que meu pai biológico havia sido um paraquedista no Vietnã, isso me surpreendeu: não era por acaso, então, que sempre gostei de saltar de aviões e voar. Meu pai também fez treinamento para astronauta na Nasa durante as missões Apollo nos anos 1960 (cheguei a pensar em me candidatar às missões dos ônibus espaciais em 1983). Além disso, ele foi piloto comercial, tendo trabalhado na Pan

Am e na Delta.

Em outubro de 2007, finalmente encontrei meus pais biológicos, Ann e Richard, e meus irmãos Kathy e David.

Ann me contou a história toda. Em 1953, ela passou três meses em uma instituição para grávidas solteiras que funcionava nas dependências de um hospital. Aos 16 anos, ela era a garota mais nova na instituição.

Seu pai (meu avô) havia tentado de tudo para ajudá-la quando soube de sua situação. Mas ele estava desempregado, e levar um bebê para casa seria uma grande sobrecarga financeira, fora todos os outros problemas. Um amigo dele chegou a mencionar um médico que poderia “dar um jeito nisso”. Mas a mãe de Ann (minha avó) não concordou com o aborto.

Ann me disse que, naquela noite gelada de dezembro, ela olhara para as estrelas brilhando sobre os ventos ruidosos do inverno, atravessara as ruas vazias na companhia apenas das nuvens baixas. Ela só queria estar sozinha com a lua, as estrelas e seu filhinho prestes a nascer: eu.

– A lua crescente se insinuava e o planeta Júpiter, muito brilhante, nos observava do alto. Richard gostava de ciência e astronomia, e ele me disse que Júpiter estava em oposição naquela noite, e que só voltaria a brilhar assim dali a 9 anos. Naquele momento, eu só pensava em como o Rei dos Planetas apareceu de forma tão linda, nos observando lá do

alto – disse-me ela.

Quando Ann entrou no corredor do hospital onde ficava sua instituição, um pensamento tomou conta dela. As garotas normalmente permaneciam ali por duas semanas depois do parto, e só então voltavam para casa a fim de recomeçar suas vidas. Se ela de fato desse à luz naquela noite, como tudo indicava, e se realmente a liberassem em duas semanas, ela e eu estaríamos em casa para o Natal. Que milagre seria: levar-me para casa no dia de Natal!

Ann me contou que quando chegou ao hospital, o Dr. Crawford tinha acabado de fazer um parto e parecia muito cansado. Mesmo assim, por causa de suas contrações, ele a conduziu à sala de parto e deu-lhe um sedativo para amenizar as dores. Então, às 2h42 da madrugada, depois de um último e grande movimento de expulsão, ela deu à luz seu primeiro filho.

No seu relato emocionado, minha mãe biológica revelou que tudo o que ela queria era me envolver em seus braços, e que jamais esqueceria o som do meu choro – até que a fadiga e os anestésicos finalmente a apagaram.

Nas quatro horas seguintes, primeiro Marte, depois Saturno e Mercúrio, e por fim o brilhante Vênus apareceram no céu para saudar minha chegada a este mundo. Enquanto isso, Ann dormia mais profundamente do que havia feito durante muitos meses.

A enfermeira a acordou ao nascer do dia:

– Eu tenho alguém para lhe apresentar.

E me levou envolvido em uma manta azul para que minha mãe admirasse.

Continuando seu relato, Ann me disse que as enfermeiras consideravam o seu bebê o mais bonito do berçário, e ela explodia de orgulho.

Por mais que Ann quisesse me manter ao seu lado, a realidade acabou se impondo. Richard sonhava em terminar a faculdade, mas esse sonho não me garantiria comida. Talvez eu tenha percebido o sofrimento de Ann, pois logo parei de me alimentar. Com 11 dias de vida, fui hospitalizado porque “não estava conseguindo crescer”, e meu primeiro Natal e os nove dias seguintes foram passados em uma incubadora no hospital.

Quando fui internado, Ann voltou à sua cidade para passar o Natal com seus pais, irmãs e amigas, a quem não via há três meses.

Minha trajetória longe de minha mãe já estava começando a ser traçada. Voltei a me alimentar. Quando Ann telefonou para o hospital depois do Ano-Novo, disseram-lhe que o bebê havia sido mandado para a Sociedade Lar das Crianças.

– Como? Isso não é justo! – conseguiu protestar, na sua insegurança de adolescente.

Passei os primeiros três meses de 1954 morando num

dormitório junto com vários outros bebês cujas mães também não podiam sustentá-los. Meu berço ficava no segundo andar de uma mansão vitoriana que tinha sido doada para a Sociedade.

Nos meses que se seguiram, Ann fez várias viagens de ônibus para me visitar, sempre planejando me levar embora com ela. Uma vez foi até lá com a mãe e outra com Richard (mas as enfermeiras só deixaram que ele me visse através do vidro – não permitiriam que meu pai entrasse em meu quarto e muito menos que me pegasse no colo).

Lá pelo final de março, ficou claro para Ann que as coisas não estavam caminhando como ela queria. Ela teria que desistir de mim. Mesmo assim, foi até lá mais uma vez.

– Eu precisava segurá-lo nos braços, olhar nos seus olhos e tentar explicar tudo – disse ela. – Eu sabia que você não entenderia nada, que apenas me fitaria com aquela inocência infantil, mas senti que lhe devia uma explicação pelo que estava acontecendo. Então eu o abracei pela última vez, beijei seu rosto e o acariciei suavemente. Lembro-me de inalar profundamente seu cheirinho de bebê recém-saído do banho.

Ann fez uma pausa e depois continuou:

– Olhei para você e disse: “Eu te amo muito, meu filho, tanto que você jamais saberá. E vou amá-lo para sempre, até o fim dos meus dias.”

Ela me contou que fez uma oração a Deus, pedindo que eu soubesse que era amado. Mas não tinha como saber se a sua oração seria atendida, pois não voltaria a ter contato comigo. A adoção envolvia sigilo absoluto, e às vezes até o nome e a data de nascimento do bebê eram alterados para que não fosse possível rastrear suas origens.

– Eu lhe dei um último beijo e o coloquei cuidadosamente no berço. Cobri você com sua manta azul e olhei mais uma vez dentro de seus lindos olhos azuis. Sussurrei em seu ouvido “Adeus Richard Michael. Eu te amo”. Essas foram minhas últimas palavras para você, por pelo menos meio século.

Ann e Richard acabaram se casando e tiveram outros filhos. Mas ela foi sendo tomada por um desejo crescente de saber o que teria me acontecido. Meu pai era piloto, mas também se formou em direito, e minha mãe pediu-lhe que descobrisse minha nova identidade. No entanto, ele não quis romper o acordo de adoção e não levou o assunto adiante.

No começo da década de 1970, durante a guerra do Vietnã, Ann não conseguia tirar da cabeça a data do meu nascimento. Eu faria 19 anos em dezembro de 1972. Teria eu ido para a guerra? Em caso positivo, o que teria acontecido comigo lá? De fato, eu até pensei em me alistar nos Fuzileiros Navais para poder voar, mas, em vez disso, continuei estudando. Só que Ann não sabia disso, claro. Na

primavera de 1973, meus pais assistiram pela TV aos prisioneiros de guerra desembarcando de aviões militares, e ficaram desolados quando deram falta de mais da metade dos amigos pilotos de Richard. Ann começou a acreditar que eu também tinha sido morto na guerra. Ela certamente se surpreenderia se soubesse que, naquela época, eu estava a apenas alguns quilômetros de sua casa em Chapel Hill.

No verão de 2008, conheci meu pai biológico, seu irmão Bob e um cunhado dele, também chamado Bob. Todos esses encontros marcaram o fim da era que chamei de “Anos do Não Saber” – um tempo marcado por uma dor terrível que, soube mais tarde, era igual à que eles sentiam em relação a mim.

Houve apenas uma ferida que não seria cicatrizada: a morte, em 1998, de minha irmã biológica Betsy (sim, ela tinha o mesmo nome de uma de minhas irmãs na família adotiva, e as duas se casaram com homens chamados Rob, mas isso é outra história). Todos me contaram que ela era uma pessoa com um coração enorme. Quando não estava trabalhando no centro de atendimento a mulheres que sofrem violência sexual, onde passava a maior parte de seu tempo, Betsy cuidava de cães e gatos recolhidos na rua. Ann a definia como um verdadeiro anjo.

Betsy teve problemas com álcool assim como eu, e saber de sua morte me fez perceber como tive sorte por ter

conseguido dar a volta por cima. Queria ter conhecido minha irmã, tentado ajudá-la, dito a ela que as feridas podem ser curadas e que tudo terminaria bem.

Estranhamente, ao encontrar minha família de sangue, pela primeira vez na vida senti que as coisas realmente *estavam* bem. Família é importante, e eu tinha uma parte da minha de volta. Foi quando descobri que o conhecimento de suas origens tem o poder de curar sua vida de maneira inesperada. Saber de onde vim, conhecer minhas origens biológicas, me permitiu enxergar – e aceitar – coisas que nunca imaginei ser capaz de entender. Ao encontrá-los, pude finalmente me livrar da ideia perturbadora de que eu não tinha sido amado pela minha família de sangue. Essa suspeita me levou a acreditar, por muitos anos, que *eu não merecia* ser amado e nem mesmo existir. Descobrir que eu tinha sido amado desde o começo da vida deflagrou um processo de cura interior de proporções inimagináveis. Comecei a experimentar uma sensação de completude que nunca havia vivenciado.

A segunda descoberta que faria tinha a ver com a pergunta que fiz naquela tarde chuvosa no carro, ao lado de Eben – se realmente existia um Deus amoroso que se importava conosco. Na minha cabeça, a resposta ainda era não.

Foi necessário que eu passasse sete dias em coma para rever essa questão. E descobrir uma resposta

completamente surpreendente para isso também.

O NÚCLEO, DE NOVO

Alguma coisa me puxou. Não como alguém puxando meu braço, mas algo mais sutil, menos físico. Foi um pouco como quando o sol se esconde atrás de uma nuvem e você sente seu humor mudar.

Eu estava saindo do centro daquele mundo. A escuridão brilhante se esvanecia na paisagem esverdeada do Portal. Olhando para baixo, vi de novo os moradores da cidade, as árvores, as cachoeiras e os rios cristalinos, e os seres angelicais voando em círculos acima de mim.

Minha companheira também estava lá. Ela ficou ao meu lado o tempo inteiro durante minha jornada pelo Núcleo, como uma esfera de luz. Mas agora ela assumia uma forma humana. Ela estava com o mesmo vestido bonito, e vê-la novamente me deu a sensação de ser uma criança perdida em uma grande cidade alienígena que, de repente, tomava um contorno conhecido. Que dádiva ela era! “Nós lhe mostraremos muitas coisas aqui. Mas, no fim, você irá voltar.” Essa mensagem, dita sem palavras na entrada para a

escuridão do Núcleo, retornava para mim agora. E eu também entendia para onde eu ia.

Para a Região do Ponto de Vista da Minhoca, onde tinha começado a odisseia.

Mas o lugar estava diferente dessa vez. Penetrando de novo naquele abismo, com pleno conhecimento do que acontecia acima dele, eu não sentia mais a trepidação de quando ali estive pela primeira vez. Enquanto a música gloriosa do Portal aos poucos dava lugar às batidas ritimadas da região inferior, eu escutava e via essa realidade como um adulto vê um lugar assustador onde já esteve, só que dessa vez sem medo. As trevas e a negritude, os rostos que borbulhavam na sombra e desapareciam, as raízes vermelhas que desciam do alto não me causavam terror porque agora eu compreendia – da maneira sem palavras com que passei a compreender tudo ali – que não *pertencia* a esse lugar, mas que estava apenas o visitando.

Mas por que o visitava novamente?

A resposta veio da mesma forma instantânea e não verbal como acontecia no mundo reluzente lá em cima. Toda essa aventura, comecei a entender, era um tipo de excursão, um tipo de visão panorâmica do mundo invisível, o lado espiritual da existência. E como qualquer boa excursão, ela incluía todos os aspectos e todos os níveis.

De volta à região mais baixa, as excentricidades do tempo

nesse mundo continuaram a surgir. Para se ter uma ideia do que estou falando, pense em como o tempo se descortina nos sonhos. Em um sonho, o “antes” e o “depois” são dimensões enganadoras. Podemos estar em uma parte do sonho e saber o que está para acontecer a seguir, mesmo sem ter acontecido ainda. Ali, o “tempo” era um pouco como isso – embora eu deva enfatizar que o que aconteceu comigo nada tem a ver com as confusões nebulosas dos sonhos e pesadelos terrenos, exceto nos estágios iniciais, quando eu ainda estava no mundo subterrâneo.

Por quanto tempo fiquei lá dessa vez? Não tenho ideia; não há como mensurá-lo. Mas sei que depois de voltar à região inferior, demorei para entender que, na verdade, eu tinha um certo controle sobre o meu percurso e não estava aprisionado nesse mundo inferior. Se me esforçasse, podia me transportar de volta para os planos superiores. Em algum ponto nesses abismos sombrios, me vi desejando que a Melodia Giratória retornasse. Depois de lutar para me lembrar das notas, a música extasiante e a esfera de luz giratória ocuparam minha consciência com sua grandiosidade. Elas irromperam, mais uma vez, pela lama gelatinosa – e eu comecei a subir.

No mundo de cima, aos poucos descobri que conhecer alguma coisa e pensar nela é tudo o que alguém precisa para se aproximar dela. Pensar na Melodia significava fazê-la

aparecer, e desejar os mundos superiores me transportou até lá. Quanto mais habituado eu ficava com a esfera superior, mais fácil era retornar a ela. Durante o tempo que fiquei fora do corpo, executei várias vezes esse movimento de ida e volta das trevas lamacentas da Região do Ponto de Vista da Minhoca para o brilho esverdeado do Portal, e de lá para a escuridão santa do Núcleo. Quantas vezes? Não sei exatamente. Mas cada vez que eu acessava o Núcleo, ia mais fundo que antes, e aprendia mais lições daquela forma não verbal como tudo era ensinado nas dimensões acima desta.

Isso não quer dizer que eu via o Universo inteiro, seja na viagem original da Região do Ponto de Vista da Minhoca para o Núcleo ou nas viagens que vieram depois. Uma das verdades que eu aprendia no Núcleo, cada vez que retornava a ele, era que seria impossível entender tudo – fosse o lado físico/visível ou o lado espiritual/invisível do mundo. Isso sem falar dos incontáveis outros universos que existem ou que algum dia existiram.

Porém, nada disso era tão relevante porque eu já havia aprendido a única coisa que realmente importava – aquela mensagem transmitida pela minha companheira de asas de borboleta na primeira vez que passei pelo Portal:

Você é amado e valorizado imensamente, para sempre.

Não há nada a temer.

Não há nada que você possa fazer de errado.

Se eu tivesse que resumir toda essa mensagem em uma frase, ela seria:

Você é amado.

E se tivesse que enxugar ainda mais, para apenas uma palavra, ela seria simplesmente:

Amor.

O amor é, sem dúvida, a base de tudo. Não aquele amor abstrato, difícil de entender, mas o amor cotidiano que todo mundo conhece – o tipo de amor que sentimos quando olhamos para nosso companheiro, para nossos filhos e até para nossos animais de estimação. Na sua forma mais pura e poderosa, esse amor não é ciumento nem egoísta – ele é *incondicional*. Essa é a maior de todas as realidades, a gloriosa verdade que subsiste no centro de tudo o que existe. E nenhuma mínima compreensão de quem (ou do que) somos pode ser obtida por alguém que não inclua o amor em suas ações.

Um pouco longe do padrão científico? Não acho. Voltei daquele lugar, e nada poderá me convencer de que esta não é somente a verdade emocional mais importante no Universo, como também a verdade *científica* mais fundamental de todas.

Tenho falado muito sobre essa vivência que tive e encontrado várias pessoas que passaram pela experiência de quase morte ou que estudam o assunto. O termo *amor*

incondicional provoca desconforto em muitas delas.

Entendo por que esse termo causa essa reação. Inúmeras outras pessoas já passaram pela mesma experiência que tive, mas, assim como eu, quando elas voltaram para o plano terreno, tinham apenas as palavras para expressar as lições que aprenderam e que estão muito além da linguagem. É como tentar escrever um romance usando apenas metade do alfabeto.

A principal dificuldade da maioria das pessoas que passam pela EQM não é se readaptar às limitações do mundo terreno – embora isso, com certeza, seja um desafio –, mas conseguir expressar o que o amor que experimentaram lá realmente significa.

Assim como a personagem Dorothy de *O Mágico de Oz* consegue voltar para casa, nós também podemos restabelecer nossa conexão com aquela região idílica. Nós nos esquecemos de nossa experiência porque o cérebro bloqueia aquele manancial cósmico, da mesma forma que a luz do sol impede a visão das estrelas durante o dia. Imagine como a nossa visão do Universo seria limitada se nunca tivéssemos visto o céu estrelado à noite.

Conseguimos ver apenas o que o filtro do cérebro permite. O cérebro – em particular o lado esquerdo, a parte lógica que gera a racionalidade e define o nosso ego – é uma barreira para experiências mais elevadas.

Acredito que estamos atravessando um momento crucial em nossa existência. Precisamos recuperar esse conhecimento mais amplo *enquanto vivemos aqui na Terra*, enquanto nosso cérebro está em pleno funcionamento. A ciência, a que me dediquei durante tanto tempo, não contradiz o que aprendi lá em cima. Mas muita gente acredita que sim, pois alguns membros da comunidade científica, presos à visão materialista do mundo, têm insistido cada vez mais que ciência e espiritualidade não podem coexistir.

Eles estão equivocados. Para tornar esse conhecimento acessível ao grande público é que escrevi este livro. Ele trata os demais aspectos de minha vida – o mistério de como contrái a doença, como consegui ficar consciente na outra dimensão e como me recuperei – de forma totalmente secundária.

Isso porque o amor incondicional e a aceitação que experimentei na viagem para o outro lado são, de longe, as mais importantes descobertas que já fiz. E por mais que eu saiba que vai ser difícil processar as outras lições que aprendi por lá, tenho noção também de que, no fundo do meu coração, compartilhar essa mensagem fundamental é a tarefa mais importante da minha existência.

QUARTA-FEIRA

Por duas vezes, “quarta-feira” foi a palavra-chave para mim – foi o dia da semana que os médicos escolheram para revelar minhas chances de sobrevivência. Do tipo: “Esperamos ver alguma melhora até quarta-feira.” E agora a quarta-feira havia chegado sem nenhum sinal de mudança em meu estado clínico.

– Quando vou poder ver o papai?

A pergunta vinha sendo feita insistentemente por meu filho Bond, de 10 anos, desde que eu entrara em coma, na segunda-feira. Holley evitara contar a verdade para o nosso caçula desde a minha internação, mas na quarta de manhã ela concluiu que estava na hora de abrir o jogo.

Quando Holley contou a Bond, na segunda à noite, que eu não voltara do hospital porque ainda estava doente, ele achou que meu problema fosse igual a tudo o que a palavra doença sempre representou para ele: gripe, dor de garganta e talvez dor de cabeça. Se bem que sua descoberta sobre como uma “dor de cabeça” pode ser aflitiva foi muito

expandida pelo que vira naquele dia antes de ir para a escola. Mas quando Holley finalmente decidiu levá-lo ao hospital, ele esperava encontrar um quadro bem diferente do que viu naquele quarto de UTI.

Bond viu um corpo que tinha apenas uma vaga semelhança com o que ele conhecia como seu pai. Quando alguém está dormindo é possível perceber que existe uma pessoa habitando aquele corpo. Há uma presença. Mas a maioria dos médicos afirma que é diferente quando alguém está em coma. O corpo está lá, mas há uma sensação estranha, quase física, de que a pessoa não está ali. Que a essência daquele corpo está, inexplicavelmente, em algum outro lugar.

Meus dois filhos sempre foram muito próximos, desde que Eben entrou no quarto de sua mãe na maternidade e Bond, com apenas alguns minutos de vida, foi colocado em seus braços. Quando Eben encontrou Bond no hospital naquele terceiro dia do meu calvário, ele fez o que pôde para dar ao irmão uma impressão positiva. E sendo ele próprio pouco mais que um adolescente, transformou a situação num quadro que Bond poderia apreciar: o de uma batalha.

– Vamos desenhar o que está acontecendo com o papai para que ele veja quando melhorar – sugeriu Eben.

Então, em uma mesa na cantina do hospital, eles esticaram uma folha de papel e desenharam uma representação do

que estava acontecendo dentro do meu corpo em estado de coma. Eles desenharam meus glóbulos brancos usando capas e empunhando espadas, defendendo o território que era o meu cérebro. E, armadas com as próprias espadas, mas vestindo fardas diferentes, estavam as bactérias *E. coli*, inimigas e invasoras. Era um combate corpo a corpo, e os soldados mortos de ambos os exércitos estavam espalhados pela folha.

Era uma ilustração bastante fiel à realidade. A única coisa que o desenho não podia captar em sua simplicidade era a maneira como a batalha estava sendo travada. Na versão de Eben e Bond, a luta era acirrada, com os dois lados combatendo corajosamente, e o resultado era incerto – embora, é claro, os glóbulos brancos fossem vencer no final. Mas enquanto estava sentado ao lado de Bond, tentando compartilhar sua versão ingênua dos acontecimentos, Eben intuía que, na verdade, a batalha já não era tão equilibrada nem tão incerta.

E ele sabia que lado estava ganhando.

UM TIPO ESPECIAL DE EQM

O verdadeiro valor de um ser humano é determinado principalmente pela medida com que atinge a libertação de si próprio.

– Albert Einstein (1879-1955)

Quando estive pela primeira vez na Região do Ponto de Vista da Minhoca, eu não tinha nenhum centro de consciência. Não sabia quem eu era, o que eu era, nem mesmo se eu era. Eu estava simplesmente lá, num tipo de existência singular no meio de um nada pegajoso, escuro e lamacento que não tinha princípio e, aparentemente, não tinha fim.

Mas agora eu sei. Compreendi que sou parte do Divino e que nada, absolutamente nada, pode tirar isso de mim. A suspeita (falsa) de que estamos separados de Deus é a raiz de todas as formas de ansiedade no Universo; e a cura para isso – que eu comecei a receber no Portal e depois no

Núcleo – é a certeza de que nada é capaz de nos separar do amor de Deus.

Essa compreensão, uma das coisas mais importantes que aprendi, fez com que a Região do Ponto de Vista da Minhoca se tornasse menos aterrorizante e me permitiu enxergá-la como realmente é: uma parte do Universo não muito prazerosa, mas, sem dúvida, necessária.

Muita gente já viajou pelas regiões em que estive, mas, estranhamente, a maioria se lembrava de sua identidade terrena enquanto estava fora do corpo físico. Eles nunca duvidaram de que seu lugar era na Terra. Sabiam que seus familiares estavam ao seu lado, ansiando por sua volta. Em muitos casos, encontraram amigos e parentes que já haviam morrido e os reconheciam imediatamente.

Muitos indivíduos que tiveram uma EQM relataram ter embarcado numa retrospectiva da vida, na qual viram suas interações com outras pessoas, assim como suas boas e más ações até aquele momento.

Não passei por nada disso e, coletando outros relatos, ficou claro o aspecto incomum de minha experiência. Eu estava completamente livre da minha identidade corporal durante todo o tempo e, portanto, qualquer ocorrência de EQM que necessitasse da lembrança da vida na Terra ficaria perdida.

Admito que afirmar que eu não tinha ideia de quem era,

ou de onde tinha vindo, pode soar estranho. Afinal de contas, como eu poderia estar aprendendo todas aquelas coisas belas, espantosas e complexas, como podia ver a menina ao meu lado, as árvores em flor, as cascatas, os aldeãos, e não saber que era eu, Eben Alexander, quem vivia tudo aquilo? Como pude compreender tudo o que me aconteceu sem ter consciência da minha identidade? Eu não estava vendo árvores, rios e nuvens pela primeira vez na vida antes de passar pelo Portal. Pelo contrário, vi muito disso desde criança.

Minha melhor resposta é que eu estava na mesma condição de alguém com uma amnésia parcial. Ou seja, de uma pessoa *que esqueceu alguns aspectos básicos de si mesma, mas que acabou colhendo benefícios por tê-los esquecido*, mesmo que só por um curto período.

De que maneira fui beneficiado por não me lembrar da minha identidade terrena? Ora, isso me permitiu ir fundo nas dimensões invisíveis sem me preocupar com o que tinha deixado para trás. Durante toda a minha permanência nessas regiões eu era uma alma sem nada a perder. Nenhum lugar de onde sentir saudade, nenhum parente para chorar por mim. Eu não tinha vindo de parte alguma, não tinha história, e assim pude aceitar as circunstâncias com tranquilidade – até mesmo a escuridão inicial na Região do Ponto de Vista da Minhoca.

E porque tinha apagado a minha identidade mortal, recebi livre acesso ao verdadeiro ser cósmico que sou (e que nós todos somos). Como já disse, minha experiência foi análoga a um sonho, no qual você lembra algumas coisas e desconhece outras. No entanto essa não é uma analogia totalmente adequada, pois o Portal e o Núcleo não lembravam nem um pouco um sonho; pelo contrário, eram ultrarreais.

Hoje suspeito que minha falta de lembranças das coisas terrenas durante a viagem pela outra dimensão foi de certo modo proposital. Correndo o risco de simplificar demais a questão, acredito que tive a chance de “morrer mais intensamente” e viajar com mais profundidade do que a maioria das pessoas que têm uma experiência de quase morte.

Posso parecer presunçoso, mas minhas conclusões foram baseadas na rica literatura existente sobre a EQM. Não posso explicar por que tudo aconteceu comigo dessa maneira, mas sei agora (três anos depois) que a penetração nos mundos mais elevados tende a ser um processo gradual e requer que o indivíduo se liberte de seus apegos terrenos para entrar numa dimensão mais alta ou mais profunda.

Isso não foi um problema para mim, já que eu não tinha lembrança terrena alguma. Na verdade, a única dor e pesar que senti foi quando tive de retornar à Terra, onde minha

jornada havia começado.

A DÁDIVA DO ESQUECIMENTO

Precisamos crer no livre-arbítrio. Não há escolha.

– Isaac B. Singer (1902-1991)

A noção de consciência humana sustentada hoje pela maioria dos cientistas é a de que ela é composta de informações digitais – ou seja, dados, como os utilizados nos computadores. Embora alguns “bits” possam parecer mais profundos ou especiais para nós – como assistir a um pôr do sol espetacular, ouvir uma bela sinfonia e até se apaixonar – do que os demais dados criados e estocados em nosso cérebro, tudo não passa de ilusão. Todos os dados são iguais. O cérebro molda a realidade externa ao assimilar as informações que chegam por meio de nossos sentidos, transformando-as em uma rica tapeçaria digital. Mas nossas percepções são apenas um molde, não a realidade. São uma *ilusão*.

Eu também compartilhava essa ideia. Lembro-me de estar

na faculdade e ouvir dizer que a consciência nada mais é do que um programa de computador muito complexo. Esse argumento defendia que os 10 bilhões de neurônios em atividade constante em nosso cérebro são capazes de produzir uma vida inteira de consciência e memória.

Para compreender como o cérebro pode bloquear nosso acesso ao conhecimento dos mundos mais elevados, precisamos aceitar – pelo menos hipoteticamente – que o cérebro não produz consciência. Que ele é, na verdade, um tipo de válvula redutora ou um filtro que transforma a consciência não física que possuímos nas dimensões superiores em uma aptidão limitada pelo tempo de nossa existência mortal.

Da perspectiva terrena, há uma grande vantagem nisso. Quando o cérebro trabalha duro para filtrar a enxurrada de informações sensoriais que chega até nós do ambiente que nos rodeia, selecionando o material de que precisamos para sobreviver, é o esquecimento de nossas identidades não terrenas que nos permite estar “aqui e agora” de maneira muito mais eficiente. Como a maior parte de nossa vida contém milhares de informações que precisamos processar, estar excessivamente consciente dos mundos além deste atrapalharia ainda mais o nosso progresso. Na verdade, tomar decisões certas por meio do livre-arbítrio diante da maldade e da injustiça da Terra faria menos sentido se nos

lembrássemos da beleza e do esplendor que nos aguardam.

Como posso estar tão seguro do que estou dizendo? Por duas razões. A primeira é que os seres me ensinaram isso quando eu estava no Portal e no Núcleo, e a segunda é porque de fato vivi a experiência. Enquanto estive fora do meu corpo, recebi lições sobre a natureza e a estrutura do Universo que estavam muito além da minha compreensão. Mas pude recebê-las, em grande parte, porque não tinha preocupações mundanas atrapalhando minha concentração. Agora estou de volta à Terra e a semente daquele conhecimento me envolve. Portanto ele ainda está aqui. Posso senti-lo em todos os momentos. No entanto, serão necessários muitos anos para que esse conhecimento frutifique. Ou seja, precisarei de anos para entender, usando meu cérebro material e mortal, o que entendi de forma tão fácil e instantânea no mundo espiritual. Porém estou confiante de que, com esforço de minha parte, muito desse conhecimento continuará a desabrochar.

Dizer que ainda existe um abismo entre a visão científica do Universo e a realidade que vivi não é correto. Eu ainda gosto da física e da cosmologia, ainda adoro estudar o nosso Universo imenso e maravilhoso. Apenas tenho agora uma concepção bem mais ampliada do que “imenso” e “maravilhoso” de fato significam. A parte física do Universo é um grão de areia comparada à parte espiritual e invisível.

Antigamente, eu jamais usaria a palavra *espiritual* no meio de uma conversa científica. Hoje acho que não podemos deixá-la de fora.

Lá no Núcleo, minha compreensão do que chamamos de “energia escura” e “matéria escura” pareceu ter explicações óbvias, só que muito mais avançadas do que o ser humano é capaz de assimilar. Entretanto, isso não significa que eu não possa tentar explicar aqui. O que acontece é que eu mesmo ainda estou em processo de compreendê-los por inteiro. Talvez a melhor maneira de transmitir essa parte da experiência seja dizer que eu tive um antegozo de um tipo mais amplo de conhecimento: um conhecimento que eu acredito que o ser humano poderá acessar no futuro em número muito maior. Mas tentar transmitir esse conhecimento agora me faz pensar num chimpanzé que se torna homem por um dia para experimentar toda a grandiosidade do conhecimento humano, e depois retorna à sua comunidade e tenta transmitir como foi conhecer várias línguas, os cálculos e a imensa escala do Universo.

Lá do outro lado, uma pergunta se insinuou em minha mente e a resposta surgiu no mesmo instante, como uma flor desabrochando. Era como se nenhuma partícula no Universo fosse realmente separada da outra e, sendo assim, não havia pergunta sem resposta. Essas respostas não eram simplesmente “sim” ou “não”. Eram grandes construções

conceituais, incríveis estruturas de pensamento vivo tão complexas que eu precisaria da vida inteira para decifrá-las se estivesse confinado ao raciocínio terreno. Mas não estava. Eu havia me livrado dos limites do pensamento terreno como uma borboleta rompe a crisálida.

Eu via a Terra como um ponto azul-pálido na enorme escuridão do espaço. Podia ver que nosso planeta era um lugar onde o bem e o mal se misturavam, e que isso era uma de suas características mais peculiares. Até mesmo ali existe mais bem do que mal, mas a Terra é um lugar onde o mal tem permissão para agir de uma forma que seria totalmente impossível nos níveis superiores. Esse mal que de tempos em tempos poderia se sobressair ao bem era conhecido pelo Criador, e Ele o permitia, pois era como uma consequência necessária do livre-arbítrio.

Pequenas partículas do mal estavam espalhadas por todo o cosmos, mas a soma de todo esse mal é um grão de areia comparado com a bondade, a abundância, a esperança e o amor incondicional dos quais o Universo está inundado. A estrutura essencial da outra dimensão é amor e aceitação, e qualquer coisa que não tenha essas virtudes está imediatamente deslocada por lá.

O livre-arbítrio, porém, se estabelece à custa da perda ou da diminuição do amor e da aceitação. Nós somos livres; mas somos confinados a um ambiente que conspira para

nos fazer sentir que não somos livres. O livre-arbítrio é crucial para desempenharmos o nosso papel na vida terrena – o papel que nos permitirá ascender à dimensão atemporal mais elevada, que todos nós descobriremos um dia. A nossa vida aqui pode parecer insignificante, pois é mínima em relação às outras vidas e aos outros mundos que povoam os universos visíveis e invisíveis. Mas ela é também muitíssimo importante, uma vez que o nosso papel é crescer na direção de Deus. Esse crescimento é vigiado pelos seres do mundo espiritual lá em cima: os espíritos e os seres reluzentes (aqueles que encontrei no Portal, e que acredito serem a origem do conceito de anjos da nossa cultura).

Nós, os seres espirituais que habitamos em cérebros e corpos mortais, fazemos escolhas reais. Pensamento *verdadeiro* não tem a ver com o cérebro. Mas temos sido tão treinados (em parte pelo próprio cérebro) a associar a mente com quem somos e com o que pensamos que perdemos a capacidade de perceber que somos muito mais do que nosso cérebro e nosso corpo físico determinam.

O pensamento verdadeiro é pré-físico. Ele é o pensamento por trás do pensamento, responsável pelas escolhas que trazem consequências para o mundo. É um pensamento que age independentemente do método dedutivo e linear, que se move rápido como um raio, fazendo conexões em diferentes níveis. Diante dessa inteligência autônoma e oculta, o

pensamento comum é extremamente lento e vacilante. É o pensamento verdadeiro que decide o jogo nos momentos finais da partida, que leva a uma descoberta científica extraordinária ou inspira uma canção inesquecível. Esse pensamento subliminar está sempre lá quando realmente precisamos dele, embora a maioria das pessoas tenha perdido a capacidade de crer nele e acessá-lo. Desnecessário dizer que foi essa centelha que entrou em ação na noite daquele salto livre quando o paraquedas de Chuck abriu de repente logo abaixo de mim.

Pensar além do cérebro é ingressar em um mundo de conexões instantâneas que faz o pensamento comum (isto é, limitado pelo cérebro físico) parecer sem sentido. O nosso eu mais verdadeiro e profundo é completamente livre. Não está comprometido pelas ações passadas nem preocupado com identidade ou status. Ele faz a pessoa compreender que não há necessidade de temer o mundo terreno e, conseqüentemente, não precisa perseguir a fama, a riqueza ou o poder.

Esse é o verdadeiro eu espiritual que todos nós estamos destinados a recuperar algum dia. Mas até que esse dia chegue, acho que deveríamos fazer o que estiver ao nosso alcance para entrar em contato com essa parte miraculosa de nós mesmos – para cultivá-la e fazê-la aflorar. Este é o ser que mora dentro de todos nós e que Deus espera que

sejamos.

Como se aproximar desse eu espiritual tão autêntico? Manifestando o amor e a compaixão. Por quê? Porque amor e compaixão são muito mais do que as abstrações que as pessoas acreditam que sejam. Eles são reais. São concretos. E formam o tecido do reino espiritual. Para acessar esse reino, precisamos nos assemelhar a ele, mesmo enquanto estivermos no reino terreno.

Um dos maiores equívocos das pessoas quando pensam sobre Deus – ou como você preferir chamar a Fonte de poder absoluto, o Criador que governa o Universo – é imaginar Om como impessoal. Sim, Deus está por trás dos números, da perfeição do Universo que a ciência luta para entender. Mas, paradoxalmente, Om é também “humano”, até mais humano do que você e eu.

Om compreende e se solidariza com a nossa condição humana mais profundamente do que podemos imaginar, pois Ele sabe que nós nos esquecemos disso – e Ele sabe como é terrível viver sem se lembrar da natureza de Deus por um momento que seja.

O POÇO

Holley conheceu nossa amiga Sylvia na década de 1980, quando ambas davam aula na Ravenscroft School. Nessa época, Holley também ficou muito amiga de Susan Reintjes. Susan é uma sensitiva – fato que nunca impediu que eu gostasse dela. Ela era uma pessoa muito especial, mesmo que o que ela fizesse fosse de encontro à minha visão científica de mundo.

Susan era médium e tinha escrito um livro chamado *Third Eye Open* (O terceiro olho aberto), que Holley adorava. Uma das atividades de cura espiritual que Susan praticava com regularidade era ajudar pacientes em coma, fazendo contato com eles. Na quinta-feira, meu quarto dia em coma, Sylvia teve a ideia de pedir a Susan que fizesse “contato” comigo.

Sylvia telefonou para Susan e contou o que estava acontecendo. Seria possível que ela se comunicasse comigo? Susan garantiu que sim e pediu detalhes da minha doença. Sylvia lhe passou o que sabia: eu estava em coma havia quatro dias, em estado crítico. “É só o que eu precisava

saber”, Susan respondeu.

De acordo com a teoria dela, um paciente em coma estava “no meio do caminho”. Nem completamente aqui (na dimensão terrena) nem completamente lá (no mundo espiritual). Esses pacientes, ainda segundo ela, têm uma atmosfera particularmente misteriosa em torno de si. Esse era um fenômeno que eu já havia reparado muitas vezes, embora nunca tenha dado a ele, é claro, a interpretação sobrenatural dada por Susan.

Pela sua experiência com esses fenômenos, ela sabia que uma das características mais específicas dos pacientes em coma era sua receptividade à comunicação telepática. Ela estava confiante de que, quando entrasse em estado meditativo, logo estabeleceria contato comigo.

Mais tarde ela me disse que “comunicar-se com um paciente em coma é mais ou menos como lançar uma corda no fundo de um poço. A corda precisa ir tão fundo quanto a profundidade do estado de coma”. E completou: “Quando tentei me comunicar com você, a primeira coisa que me surpreendeu foi a profundidade do seu estado: a corda precisou ir muito fundo. E quanto mais fundo eu ia, mais ficava com medo de não poder alcançá-lo, pois você não dava sinais de que voltaria.”

Após cinco minutos intensos de descida mental por meio da “corda” telepática, Susan sentiu uma leve mexida, como

quando um pescador percebe que um peixe mordeu sua isca debaixo d'água. “Eu tinha certeza de que era você”, ela me contou depois. “Então tranquilizei Holley, garantindo que não tinha chegado a sua hora e que seu corpo saberia o que fazer. Eu disse a ela que mantivesse essas duas certezas na mente e que as repetisse para você em seu leito.”

CASO ÚNICO

Foi na quinta-feira que os médicos concluíram que a característica específica da bactéria *E. coli* que eu havia contraído não coincidia com o tipo ultrarresistente que aparecera em Israel na época em que estive lá. Mas esse fato só tornava meu caso mais misterioso. Se, por um lado, era uma boa notícia eu não estar hospedando um tipo de bactéria que poderia dizimar um terço da nação, por outro, em se tratando da minha recuperação individual, só reforçava o que a junta médica que me assistia já vinha suspeitando: meu caso não tinha precedentes.

Isso também fez com que meu quadro clínico passasse de desesperador para sem esperança. Os médicos simplesmente não sabiam como eu poderia ter contraído a doença, ou quando eu voltaria do coma. Eles só tinham certeza de uma coisa: não conheciam ninguém que tivesse se recuperado completamente de uma meningite bacteriana após ter passado alguns dias em coma. Pois agora eu estava no quarto dia.

A tensão tomou conta de todos. Phyllis e Betsy tinham decidido que qualquer conversa sobre a possibilidade de minha morte estava proibida perto de meu leito, por acharem que alguma parte de mim podia escutar o que se falava. Na manhã de quinta, Jean perguntara a uma enfermeira da UTI quais eram as minhas chances de sobrevivência. Do outro lado do quarto, Betsy escutou e interveio: “Por favor, não conversem sobre isso aqui.”

Jean e eu sempre fomos muito próximos. Fazíamos parte da família tanto quanto nossos irmãos “nascidos em casa”, mas o fato de termos sido “escolhidos” por mamãe e papai, como eles gostavam de dizer, inevitavelmente criou um vínculo especial entre nós. Ela sempre cuidou de mim, e a frustração e a impotência diante daquela situação a levaram a um estado de esgotamento total.

Com lágrimas nos olhos, ela admitiu que precisava ir para casa descansar um pouco. Como havia muita gente para se revezar na vigília em volta do meu leito, todos concordaram que a equipe de enfermagem ficaria satisfeita de ver menos uma pessoa no quarto.

Jean passou lá em casa, arrumou as malas e pegou a estrada de volta para Delaware. Com a sua partida, ela expressou um sentimento que toda a família estava começando a sentir: impotência.

Poucas experiências são mais frustrantes do que ver

alguém que se ama em estado de coma. Você quer ajudar, mas não pode. Você quer que a pessoa abra os olhos, mas ela não abre. Muitas vezes, a família abre os olhos do paciente, como uma maneira de forçar um pouco a barra – de ordenar que a pessoa desperte. É claro que isso não funciona e pode trazer ainda mais desespero. Pacientes em coma profundo perdem a coordenação dos olhos e das pupilas. Abra a pálpebra de uma pessoa em coma profundo e você verá, muito provavelmente, um olho apontando numa direção e o outro na direção contrária. É uma visão perturbadora, e que causou muita dor em Holley quando ela resolveu mexer nas minhas pálpebras e viu o globo ocular revirado como o de um cadáver.

Com a partida de Jean, as coisas realmente começaram a desandar. Phyllis apresentava um comportamento que eu tinha visto inúmeras vezes em familiares de pacientes durante minha carreira. Ela começou a ficar irritada com os médicos.

– Por que eles não nos dão mais informações? – perguntou ela a Besty com raiva. – Garanto que se Eben estivesse aqui, *ele* nos diria tudo o que está acontecendo.

A realidade é que meus médicos estavam fazendo absolutamente tudo o que podiam por mim. É claro que Phyllis sabia disso, mas a dor e a frustração estavam simplesmente minando a resistência de meus entes

queridos.

Na terça-feira, Holley tinha chamado o Dr. Jay Loeffler, meu antigo parceiro no desenvolvimento do programa de radiocirurgia estereotáxica no Hospital Brigham & Women em Boston. Jay era na época o chefe da oncologia radioativa no Hospital Geral de Massachusetts, e Holley achou que ele pudesse lhe dar algumas respostas.

Quando Holley descreveu meu estado, Jay achou que ela devia estar passando detalhes errados do caso. O que ela descrevia era praticamente impossível. Mas quando ela enfim o convenceu de que eu me encontrava, sim, em estado de coma provocado por um caso raro de meningite bacteriana do tipo *E. coli* cuja origem ninguém conseguia explicar, ele logo tratou de contatar alguns dos maiores especialistas do país em doenças infectocontagiosas. Mas ninguém com quem ele falou tinha conhecimento de um caso como o meu.

Consultando a literatura médica desde 1991, Jay não conseguiu encontrar nenhum caso de meningite do tipo *E. coli* em um adulto que não tivesse passado por um procedimento neurocirúrgico recente.

Desde aquele dia, Jay passou a telefonar diariamente para se atualizar sobre meu estado e para contar o que suas investigações tinham revelado. Steve Tatter, um neurocirurgião amigo meu, também fez ligações diárias para

oferecer conselhos e consolo. Mas a única revelação era que o meu caso era o primeiro desse tipo na história médica.

Como já disse, a meningite bacteriana causada por *Escherichia coli* é muito rara em adultos. Menos de 1 em 10 milhões da população mundial a contrai anualmente. E, assim como todas as espécies de bactérias gram-negativas, ela é extremamente agressiva. Tanto que, das pessoas que ela ataca, mais de 90% das que têm um rápido declínio neurológico, como eu tive, morrem. E essa era minha chance de morrer quando cheguei à emergência. Mas, no decorrer da semana, aqueles funestos 90% se encaminhavam para 100%, pois meu corpo não respondia aos antibióticos. Os poucos pacientes que sobrevivem a um caso tão grave quanto o meu em geral precisam de assistência 24 horas pelo resto da vida. Oficialmente, meu status era de “Caso Único”, um termo que se refere a estudos médicos nos quais um único paciente representa toda a ocorrência. Simplesmente não havia mais ninguém com quem os médicos pudessem comparar minha doença.

Holley passou a trazer Bond para uma visita todas as tardes após a aula. Mas na sexta-feira ela começou achar que essas visitas poderiam estar fazendo mais mal do que bem a ele. Algumas vezes, eu me mexia. Mais que isso: meu corpo se debatia ferozmente. Uma enfermeira segurava minha cabeça, aumentava a sedação e, por fim, eu me aquietava.

Era doloroso para meu filhinho de 10 anos assistir a uma cena dessas. Como se não fosse ruim o suficiente ele ter de olhar para um corpo que já não parecia com seu pai, ver aquele corpo fazendo movimentos convulsivos era particularmente desafiador. Dia após dia, eu me tornava menos a pessoa que Bond conhecia e mais um corpo estranho estendido num leito de hospital.

Lá pelo fim da semana esses ataques ocasionais de atividade motora tinham praticamente desaparecido. Não precisei mais de sedação porque os movimentos haviam diminuído quase ao nível zero – até mesmo aquele tipo de convulsão morta e automática iniciada pelos reflexos mais primitivos do tronco encefálico e da medula espinhal.

Mais amigos e membros da família ligaram perguntando se deveriam aparecer. Ficou decidido que não deveriam. Já havia comoção demais no meu quarto. As enfermeiras foram enfáticas ao dizer que meu cérebro precisava descansar – quanto mais tranquilidade, melhor.

Houve uma mudança perceptível nesses telefonemas. Eles mudaram sutilmente de um tom esperançoso para um tom conformado. Olhando à sua volta, às vezes Holley sentia que já tinha me perdido.

Na quinta à tarde, alguém bateu na porta do gabinete do pastor Michael Sullivan. Era sua secretária na Igreja Episcopal St. John.

– É do hospital. Uma das enfermeiras que cuida de Eben quer falar com o senhor. Ela diz que é urgente.

O pastor atendeu o telefone.

– Sr. Michael, o senhor precisa vir rápido – disse a enfermeira. – Eben está morrendo.

Como sacerdote, Michael Sullivan já havia passado por essa situação antes. Pastores veem a morte e a destruição que ela causa quase tanto quanto os médicos. Mesmo assim, ele ficou chocado ao ouvir o termo “morrendo” dito em relação a mim. Assim, pediu a sua esposa, Page, que orasse: por mim e para que ele, o pastor, tivesse forças para lidar com a situação. Depois, dirigiu pela tarde fria e chuvosa até o hospital, lutando para enxergar com seus olhos cheios de lágrimas.

Quando chegou ao meu quarto, a cena era muito parecida com a que ele tinha visto a última vez que estivera lá. Phyllis estava sentada na cabeceira, cumprindo sua escala no propósito de segurar minha mão – corrente que prosseguia sem quebra desde a chegada dela ao hospital na segunda-feira à noite. Meu peito inflava e se esvaziava 12 vezes por minuto com a ajuda do respirador artificial; e a enfermeira da UTI cumpria sua rotina, verificando os aparelhos em volta do meu leito e anotando os registros.

Outra enfermeira entrou e o pastor quis saber se fora ela quem ligara para a igreja.

– Não – respondeu. – Estive aqui a manhã inteira e o estado dele não mudou muito desde a noite passada. Não sei quem ligou para o senhor.

À noite, Holley, mamãe, Phyllis e Betsy estavam em meu quarto. O pastor propôs uma oração. Todos, inclusive as duas enfermeiras, deram as mãos em torno de mim, e o pastor conduziu mais uma prece pelo meu retorno à vida.

– Senhor, traga Eben de volta para nós. Eu sei que depende do seu poder.

Ninguém sabia ainda quem havia chamado o pastor. Mas essa pessoa fez uma coisa boa. Porque as orações que chegaram até mim vindas do mundo terreno estavam finalmente começando a funcionar.

ESQUECER E LEMBRAR

Minha consciência estava expandida agora. Tão expandida que parecia conter o Universo inteiro. Você já escutou um rádio fora de estação? Você acaba se acostumando com o chiado. Aí alguém chega e sintoniza o aparelho, e você passa a escutar a música com clareza. Como você podia não perceber quão distorcido estava o som até então?

A mente funciona de forma parecida. Os humanos são feitos para se adaptar. Expliquei muitas vezes aos meus pacientes que um determinado desconforto iria sumir, ou parecer que tinha sumido, quando o corpo e o cérebro deles se adaptassem à nova situação. Algo dura um tempo razoável e o cérebro aprende a ignorá-lo, ou lidar com ele, ou mesmo tratá-lo como normal.

Mas a nossa consciência terrena limitada está longe de ser normal, e eu estava tendo o meu primeiro exemplo disso quando viajei para um lugar ainda mais profundo, para o centro do Núcleo. Eu ainda não lembrava nada sobre meu

passado terreno e não estava nem ligando para isso. Embora eu tivesse me esquecido da minha vida aqui, eu me lembrava de quem eu realmente era *lá*. Eu era cidadão de um Universo maravilhoso, que em sua grandeza e complexidade era governado inteiramente pelo amor.

De uma maneira misteriosa, minhas descobertas além do corpo ecoaram o que eu havia aprendido um ano antes, ao conhecer minha família de sangue. No final das contas, ninguém é órfão. Todos nos encontramos na mesma posição em que eu estava, de ter *outra família*: seres que estão pensando em nós e cuidando de nós – seres dos quais nos esquecemos momentaneamente, mas que, se nos abrirmos à sua presença, estão prontos para nos ajudar a completar nossa caminhada aqui na Terra. Ninguém deixa de ser amado. Cada um de nós é profundamente conhecido e cuidado por um Criador que nos trata com um carinho muito além da nossa capacidade de compreensão. Esse conhecimento não pode mais ser mantido em segredo.

SEM LUGAR PARA SE ESCONDER

Na sexta-feira, meu corpo já passara quatro dias inteiros recebendo três antibióticos intravenosos, mas ainda não estava reagindo. Familiares e amigos vinham de todos os lugares, e os que não apareciam formavam grupos de oração em suas igrejas. Minha cunhada Peggy e Sylvia chegaram naquela tarde. Holley as recebeu com a expressão mais animada que pôde exibir. Betsy e Phyllis continuavam a usar a tática do ele-vai-ficar-bom e manter-se positivas a todo custo. Mas a cada dia isso ficava mais difícil. Até Betsy começou a pensar se a sua ordem de não negatividade no quarto significava algo além de não realidade no quarto.

– Você acha que Eben faria isso por nós se os papéis estivessem invertidos? – perguntou Phyllis naquela manhã, após outra longa noite maldormida.

– O que você quer dizer com isso? – retrucou Betsy.

– Você acha que ele passaria todos os minutos conosco, acampado numa UTI?

Betsy respondeu da forma mais simples e linda,

devolvendo a pergunta:

– Há algum outro lugar do mundo onde você estaria agora?

Ambas concordaram que, embora eu certamente estivesse presente quando necessário, seria difícil me imaginar sentado no mesmo lugar por horas a fio. Phyllis me falou sobre isso mais tarde:

– Nós nunca sentimos aquilo como um fardo ou uma obrigação. Aquele era o nosso lugar.

O que mais preocupava Sylvia era que minhas mãos e meus pés estavam se curvando, como plantas sem água. Isso é normal nas vítimas de derrame e coma, pois os músculos que comandam as extremidades começam a se contrair. Mas nunca é fácil para a família e os amigos presenciarem isso. Ao me ver naquele estado, Sylvia lutava para se manter otimista, mas mesmo para ela isso estava ficando difícil.

Holley se culpava cada vez mais (se tivesse me socorrido mais cedo, se isso, se aquilo...) e todos faziam o possível para tirar essas coisas da cabeça dela.

Àquela altura, todos sabiam que, mesmo que eu me recuperasse, *recuperação* não era uma palavra muito adequada naquele contexto. Eu precisaria de pelo menos três meses de reabilitação, teria problemas crônicos de fala (se tivesse capacidade cerebral suficiente para falar alguma coisa) e precisaria de cuidados de enfermeiras pelo resto da

vida. Este era o melhor dos cenários, e por mais triste e pessimista que parecesse, ainda assim todos sonhavam com ele. As chances de eu voltar a ter uma boa condição física, se sobrevivesse, eram praticamente nulas.

Todos tentavam preservar Bond para que ele não ouvisse os detalhes de minha situação. Mas, na sexta-feira, ele presenciou um dos médicos confirmando as suspeitas de Holley a respeito da gravidade do quadro.

Estava na hora de encarar a realidade. Havia pouco espaço para a esperança.

Naquela noite, quando chegou a hora de ir para casa, Bond se recusou a deixar meu quarto. A regra era permitir apenas duas pessoas de cada vez para que os profissionais pudessem trabalhar. Por volta de seis da tarde, Holley sugeriu delicadamente que estava na hora de ir para casa jantar. Mas Bond não se levantou da cadeira, que estava ao lado do seu desenho da batalha entre os glóbulos brancos defensores e as tropas de bactérias invasoras.

– De qualquer forma, papai não sabe que estou aqui. Por que não posso ficar? – argumentou Bond, em um tom meio amargo e meio suplicante.

Então todos se revezaram pelo resto da noite, mas respeitando o desejo de Bond de permanecer firme em seu lugar.

Porém, no dia seguinte, Bond mudou de postura. Pela

primeira vez naquela semana, quando Holley entrou no seu quarto para acordá-lo, ele disse que não queria ir ao hospital.

– Por que não, filho?

– Porque estou com medo.

Foi uma confissão que parece ter falado por todos.

Holley voltou para a cozinha e ficou lá por alguns minutos. Depois tentou de novo, perguntando se ele tinha certeza de que não queria ir ver seu papai.

Houve uma longa pausa enquanto fitava a mãe.

– Tudo bem, eu vou – concordou ele, finalmente.

O sábado passou com a vigília em torno do meu leito e conversas entre a família e a equipe médica. Tudo aquilo parecia uma tentativa de manter viva a esperança. As reservas de todos estavam ainda mais esgotadas que no dia anterior.

À noite, depois de levar a nossa mãe para o hotel, Phyllis foi até minha casa. Estava um breu, sem nenhuma luz na janela, e ela avançou pela calçada enlameada com dificuldade para se manter de pé. Chovia sem parar havia cinco dias, desde a tarde de minha entrada na UTI. Chuvas ininterruptas como aquela não eram comuns na região montanhosa da Virgínia, onde o mês de novembro costuma ser claro e ensolarado, como no domingo anterior à minha crise. Agora, aquele domingo parecia tão distante que a

impressão era que o céu *sempre* tinha mandado aquela chuva teimosa. Algum dia ela cessaria?

Phyllis abriu a porta e acendeu as luzes. Desde o começo da semana as pessoas entravam e deixavam comida, e embora a comida ainda estivesse chegando, a atmosfera se tornara sombria e desesperadora. Nossos amigos, assim como nossa família, sabiam que o tempo de qualquer esperança de sobrevivência para mim estava chegando ao fim.

Por um segundo, Phyllis pensou em acender a lareira, mas logo esse pensamento deu lugar a outro, nem um pouco bem-vindo. *Por que me preocupar?* De repente, ela se sentiu mais exausta e deprimida do que nunca. Deixou-se cair no sofá, recostou-se e mergulhou em sono profundo.

Cerca de meia hora depois, Sylvia e Peggy voltaram para casa. Andando na ponta dos pés pela sala para não acordar ninguém, depararam com Phyllis estirada no sofá. Sylvia foi até o porão e descobriu que alguém tinha deixado a porta do freezer aberta. A água já formava poças no chão e a comida começava a descongelar.

Quando Sylvia contou para Peggy, elas decidiram agir. Ligaram para o restante da família e alguns amigos e puseram mãos à obra. Peggy pegou pratos e talheres e improvisaram um banquete com a comida que estivera na geladeira. A filha de Betsy, Kate, e o marido dela, Robbie,

aderiram à reunião de família, junto com Bond. Houve muita conversa nervosa e muita especulação sobre o assunto que preocupava a todos naquele momento: que eu provavelmente nunca voltaria àquela casa.

Holley ainda estava no hospital para continuar a interminável vigília. Sentada junto ao meu leito, ela segurava minha mão e ficava repetindo os mantras sugeridos por Susan Reintjes, obrigando-se a pensar no significado das palavras enquanto as pronunciava e a acreditar de coração que elas expressavam a verdade.

“Receba as orações.

Você curou outras pessoas. Agora é a sua vez de ser curado.

Você é amado por muita gente.

Seu corpo sabe o que fazer. Ainda não é a sua hora de morrer.”

O CAMINHO DE VOLTA

Cada vez que me via na esfera do Ponto de Vista da Minhoca, eu podia me lembrar da reluzente Melodia Giratória que me conduzia ao Portal e ao Núcleo. Passei muito tempo – que paradoxalmente parecia tempo algum – na presença de meu anjo guardião sobre as asas da borboleta e uma eternidade aprendendo as lições do Criador e da órbita de luz nas profundezas do Núcleo.

Mas, em algum ponto da viagem, cheguei à beira do Portal e descobri que não podia entrar de novo. A Melodia Giratória – até então a minha chave para aquelas regiões mais elevadas – não me levava mais para lá. Os portões do Céu estavam fechados.

Mais uma vez, tenho que lembrá-lo de que descrever tudo isso é um desafio extremo por causa da limitação da linguagem. É impossível traduzir aquela grandeza. Pense nas decepções que você já viveu. Pois creio que todas as sensações de perda que suportamos aqui na Terra são, na verdade, variações de uma perda maior e mais fundamental:

a perda do Céu.

No dia em que as portas do Céu se fecharam para mim, senti uma tristeza diferente de todas as que já havia experimentado. Os sentimentos são diferentes por lá. Todas as emoções humanas estão presentes, porém são mais profundas, mais amplas – elas não estão apenas dentro de nós, como também fora. Imagine que sempre que seu humor mudasse aqui na Terra, o tempo mudasse instantaneamente junto com ele. Que as suas lágrimas acarretassem uma chuva torrencial, e que sua alegria fizesse as nuvens desaparecerem do céu. Essa imagem ajuda a entender o que acontece com as mudanças de humor lá em cima e quanto elas são intensas e ressonantes. Por mais estranho e assombroso que pareça, o que nós imaginamos como “dentro” e “fora” simplesmente não existe.

Tanto era assim que eu, de coração partido, mergulhei numa angústia crescente, uma tristeza que ao mesmo tempo era um *real* afundamento.

Eu me desloquei por grandes muralhas de nuvens. Havia murmúrios à minha volta, mas não consegui decifrar as palavras. Foi então que percebi inúmeros seres me rodeando, ajoelhando-se em arcos que se perdiam na distância. Fazendo uma retrospectiva disso agora, compreendo o que esses seres estavam fazendo. Eles estavam orando por mim.

Dois dos rostos, consegui lembrar mais tarde: eram do pastor Sullivan e de sua esposa, Page. Eu me recordo de ter visto apenas a silhueta dos dois, mas os identifiquei claramente depois que retornei. O pastor havia estado na UTI várias vezes, mas Page nunca fora lá (embora estivesse sempre orando por mim).

Essas orações me injetaram energia. Talvez tenha sido por isso que, mesmo profundamente triste, algo em mim sentiu uma estranha confiança de que tudo ficaria bem. Aqueles seres sabiam que eu estava fazendo uma transição, e eles cantavam e oravam para levantar meu ânimo. Eu me movia para o desconhecido, mas, naquele momento eu tinha fé e confiança de que estava sendo cuidado e que, como a minha companheira e a divindade infinitamente amorosa haviam prometido, onde quer que eu fosse, o Céu estaria comigo. Ele viria na forma do Criador, de Om, e na forma de anjo – o meu anjo: a menina nas asas de borboleta.

Eu estava fazendo o caminho de volta, mas não estava só – e sabia que nunca mais me sentiria sozinho.

O ARCO-ÍRIS

Recordando esse momento de nossas vidas, Phyllis me contou, anos depois, que a coisa que ela mais lembrava daquela semana era a chuva. Uma chuva gelada e persistente vinda das nuvens baixas que nunca partiam e impediam que o sol brilhasse.

Mas, na manhã de domingo, quando ela parou o carro no estacionamento do hospital, algo estranho aconteceu. Phyllis tinha recebido uma mensagem de texto de um grupo de oração de Boston que dizia: “Espere um milagre.” Enquanto ponderava que tipo de milagre poderia esperar, ajudou mamãe a descer do carro e ambas se deram conta de que, enfim, a chuva tinha parado. Do leste, o sol mandava seus raios por uma brecha nas nuvens, iluminando delicadamente as belas montanhas e também a camada de nuvens logo acima, dando ao céu da manhã dominical um tom dourado.

Então, na direção dos picos distantes, lá estava ele:

Um arco-íris perfeito.

Sylvia se dirigiu ao hospital com Holley e Bond para uma

reunião marcada com meu médico principal, Scott Wade. Dr. Wade era também nosso amigo e vizinho e vinha lutando com a pior decisão que um médico pode enfrentar. Quanto mais tempo eu ficasse em coma, maiores eram as chances de eu passar o resto dos meus dias em “estado vegetativo”. Como era quase certo que eu morreria de meningite se eles simplesmente parassem com os antibióticos, podia ser mais razoável suspendê-los do que prolongar indefinidamente o estado de coma. Considerando que minha doença não respondeu ao tratamento, eles corriam o risco de erradicar a meningite apenas para me permitir viver alguns meses, ou anos, em um corpo sem atividade, com zero de qualidade de vida.

– Por favor, sentem-se – pediu o Dr. Wade para Holley e Sylvia em um tom gentil, mas de inequívoca tensão. – O Dr. Brennan e eu fizemos, separadamente, teleconferências com especialistas de Duke, da Universidade da Virgínia e de Bowman Gray, e preciso lhes dizer que todos concordam que as coisas não estão caminhando bem. Se Eben não mostrar alguma melhora real nas próximas 12 horas, devemos conversar sobre a suspensão dos antibióticos. Uma semana em coma com meningite bacteriana grave está além dos limites de qualquer expectativa razoável de recuperação. Com esse prognóstico, talvez seja melhor deixar a natureza seguir seu curso.

– Eu vi as pálpebras de Eben se mexerem ontem – protestou Holley. – Elas realmente se moveram. Como se ele estivesse tentando abri-las. Tenho certeza de que vi.

– Eu não duvido disso – disse Dr. Wade. – Mas seus glóbulos brancos diminuíram ainda mais. O que você me traz é uma boa notícia, e nem por um minuto quero que você pense que não é. Mas precisamos analisar a situação em todo o seu contexto. Reduzimos consideravelmente a sedação de Eben e, a essa altura, os exames deveriam estar demonstrando mais atividade neurológica. A parte mais inferior de seu cérebro está funcionando parcialmente, mas precisamos das funções cerebrais mais superiores, e elas ainda estão completamente ausentes. Um pouco de melhora na aparência do doente acontece com o tempo na maioria dos pacientes em coma. Seus corpos fazem coisas que podem parecer que eles estão voltando. Mas não estão. É apenas o tronco encefálico se movimentando em um estado chamado *vigília do coma*, um tipo de padrão mecânico que pode durar meses ou anos. É isso que o mexer das pálpebras geralmente significa. Devo repetir que sete dias é um tempo enorme para se ficar em coma com uma meningite bacteriana.

Dr. Wade estava usando muitas palavras para tentar suavizar o impacto da notícia que deveria ter sido dada em uma única frase.

Estava na hora de deixar meu corpo morrer.

SEIS ROSTOS

A medida que eu descia, mais rostos borbulhavam, como sempre acontecia quando eu retornava para a Região do Ponto de Vista da Minhoca. Mas dessa vez havia algo diferente nesses rostos. Agora eles eram de humanos, não de animais.

E estavam claramente dizendo coisas.

Não que eu possa traduzir o que esses rostos diziam. Parecia um pouco como os desenhos animados de Charlie Brown, quando os adultos falam e tudo o que se ouve são sons indecifráveis. Ao pensar sobre isso mais tarde, descobri que podia identificar seis dos rostos que tinha visto por lá. Eram os de Sylvia, Holley e sua irmã Peggy, o médico Scott Wade e Susan Reintjes. Destes, a única que não esteve fisicamente no meu leito de hospital foi Susan. Mas, à sua maneira, ela também estivera presente porque naquela noite, e na noite anterior, ela se concentrou na sua casa em Chapel Hill e tentou entrar em contato comigo.

Fiquei confuso por minha mãe e minhas irmãs, que

durante toda a semana seguraram minha mão por longas horas, não estarem naquela exibição de rostos que vi no caminho de volta do coma. Mamãe se movia vagarosamente em um andador, devido às sequelas de uma fratura no pé, mas nunca deixou de ocupar seu lugar na vigília familiar. Phyllis, Betsy e Jean estiveram quase o tempo todo no meu quarto, mas me lembrei de que elas não estiveram no hospital na última noite. Os rostos que eu tinha visto eram daqueles que estiveram presentes na sétima manhã do meu coma ou na noite anterior.

É preciso deixar claro, mais uma vez, que na ocasião eu não tinha nome nem identidade para atribuir a qualquer um desses rostos. Eu apenas sabia, ou sentia, que de algum modo eles eram importantes para mim.

Um rosto, em particular, me atraiu com poder especial. Ele começou a me puxar. Com solavancos que pareciam reverberar acima e abaixo de toda a vastidão de nuvens e de seres angelicais em meio aos quais eu estava descendo, percebi, de repente, que os seres do Portal e do Núcleo – seres que eu havia encontrado e amado, aparentemente para sempre – não eram os únicos que eu conhecia naquela dimensão. Eu sabia quem eram e amava os seres que estavam abaixo de mim também, lá na região da qual eu agora me aproximava rapidamente. Seres dos quais eu havia me esquecido por completo.

Minha percepção se focalizou em todos os rostos, mas principalmente neste sexto rosto. Ele era tão familiar! Notei, com um sentimento de choque, quase de pânico, que não importava de quem fosse o rosto, ele pertencia a alguém que precisava de mim. Alguém que nunca se recuperaria se eu partisse. Se eu o abandonasse, a perda seria irreparável – como a sensação que tive quando as portas do Céu se fecharam para mim. Seria uma traição que eu simplesmente não poderia cometer.

Até aquele ponto, estive livre. Eu tinha viajado através das diversas dimensões como um aventureiro: sem qualquer preocupação com o destino. As consequências não importavam porque mesmo quando eu estava no Núcleo não havia qualquer ansiedade ou culpa por ter deixado alguém para trás. Aquilo havia sido uma das primeiras coisas que eu aprendi quando estive com a menina nas asas de borboleta e ela me dissera: “Não há nada que você possa fazer de errado.”

Agora, porém, era diferente. Tão diferente que, pela primeira vez naquela viagem, senti um terror fora do comum. Não era um medo por mim, mas por esses rostos – em especial pelo sexto. Um rosto que eu ainda não conseguia identificar, mas que sabia que era especialmente importante para mim.

Esse rosto se mostrava com cada vez mais detalhes, até

que, por fim, vi que *ele* estava, na verdade, me pedindo para voltar: para me arriscar na terrível descida para o mundo lá embaixo, para que pudesse estar com ele novamente. Eu ainda não podia entender suas palavras, mas de alguma forma elas comunicavam que eu tinha uma responsabilidade ali – que eu tinha “de me manter no jogo”.

Era importante que eu retornasse. Eu tinha laços aqui – compromissos que eu precisava honrar. Quanto mais nítido aquele rosto ficava, mais eu percebia isso. E mais perto eu ficava de reconhecer aquela expressão.

Era o rosto de um menino.

ÚLTIMA NOITE, PRIMEIRA MANHÃ

Antes de se sentar para conversar com o Dr. Wade, Holley pediu a Bond que esperasse fora da sala, porque não queria que o filho ouvisse as más notícias que ela temia. Percebendo isso, Bond colou o rosto na porta e captou algumas palavras do médico – o suficiente para compreender a real situação. Para compreender que seu pai não voltaria. Nunca.

Bond correu para o meu quarto e se jogou sobre minha cama. Em prantos, ele beijou minha testa e sacudiu meus ombros. Então, abriu meus olhos e disse diretamente para eles, que estavam desfocados e vazios:

– Você vai ficar bem, papai. Você vai ficar bem.

Ele ficou repetindo isso inúmeras vezes, acreditando, com seu jeito de criança, que se dissesse isso muitas vezes, com certeza se tornaria realidade.

Nesse meio-tempo, em uma sala no andar de baixo, Holley fitava o vazio, tentando assimilar as palavras do Dr. Wade.

Finalmente ela disse:

– Acho que isso significa que eu devo ligar para Eben e pedir que ele volte da faculdade.

– Creio que é a coisa certa a fazer – concordou o médico.

Holley observou pelas grandes janelas da sala de reunião que a chuva havia passado e que os raios oblíquos do sol nascente se debruçavam sobre as montanhas. Ela pegou o celular e começou a digitar o telefone de Eben.

Antes de Holley concluir a chamada, Sylvia se aproximou e disse:

– Holley, espere um pouco. Deixe eu dar um pulo lá em cima mais uma vez.

Sylvia disparou para a UTI e ficou em pé junto ao meu leito ao lado de Bond, enquanto ele acariciava minha mão. Sylvia tocou no meu braço e o apertou delicadamente. Minha cabeça pendia levemente para o lado. Durante a semana inteira, todos tinham olhado *para* o meu rosto, mas não nos meus olhos. A única vez que meus olhos se abriram foi quando os doutores testaram meu reflexo pupilar à luz (uma das maneiras mais simples e eficientes de checar a função do tronco encefálico), ou quando Holley ou Bond, contrariando as recomendações, insistiam em fazer isso e deparavam com dois olhos vidrados e sem vida, como os de uma boneca quebrada.

Mas, agora, quando Sylvia e Bond olhavam para minha

face flácida, recusando-se resolutamente a aceitar o que tinham acabado de ouvir do chefe da equipe médica, uma coisa aconteceu.

Meus olhos se abriram.

Sylvia gritou.

Ela me diria mais tarde que o choque maior que teve em seguida, quase tão grande quanto o de ver meus olhos abertos, foi a maneira como eles imediatamente começaram a olhar em volta. Para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda... Eles lembravam não os olhos de um adulto emergindo de um coma de sete dias, mas os de um bebê – de alguém que acabava de chegar a este mundo, olhando em volta e observando tudo pela primeira vez.

De certa forma, ela estava certa.

Sylvia se recuperou do choque inicial e percebeu que eu estava incomodado com alguma coisa. Ela voou escada abaixo até a sala onde Holley, diante das janelas, conversava no celular com Eben IV.

– Holley... Holley! – gritou Sylvia. – Ele está acordado. Acordado! Diga a Eben que seu pai está voltando.

Holley olhou firme para Sylvia.

– Filho, eu ligo mais tarde. Ele está... seu pai está... voltando à vida.

Holley caminhou apressada para a UTI com Dr. Wade atrás dela. Eu estava me remexendo na cama. Não

mecanicamente, mas de forma consciente, e alguma coisa me incomodava. O Dr. Wade entendeu imediatamente o que era: o tubo de respiração que ainda estava em minha garganta. E eu não precisava mais dele porque meu cérebro, assim como o restante do corpo, estava de volta à vida. Ele se aproximou e o retirou com cuidado.

Engasguei um pouco, respirei pela primeira vez sem ajuda de aparelhos em sete dias, e disse as primeiras palavras também depois de uma semana:

– Obrigado.

Phyllis ainda estava saboreando a visão do arco-íris, quando desceu do elevador no segundo andar, empurrado mamãe numa cadeira de rodas. Elas entraram no quarto e Phyllis quase caiu para trás com o impacto do que viu. Eu estava sentado na cama, comparando a perplexidade de todos com a minha. Betsy pulava e ao avistar Phyllis a abraçou forte. Ambas choravam. Phyllis se aproximou e olhou fundo em meus olhos.

Olhei fundo nos dela e nos de todos que estavam ali.

Quando minha família amada cercou a cama, ainda pasma com a melhora súbita e inexplicável, dei um sorriso tranquilo e feliz.

– Está tudo bem – falei, irradiando essa mensagem jubilosa na mesma intensidade das palavras. Fitei cada um deles, reconhecendo profundamente o milagre divino de

nossa existência. – Não se preocupem, está tudo bem – repeti, a fim de dirimir qualquer dúvida.

Depois Phyllis me disse que era como se eu estivesse transmitindo uma mensagem do além, de que o mundo é como deve ser e que não temos nada a temer. Ela revelou que se lembrava daquele momento sempre que se sentia atormentada por alguma preocupação terrena – para encontrar consolo na certeza de que nunca estamos sozinhos.

Quando me dei conta do alvoroço ao meu redor, percebi que estava de volta à minha existência terrena.

- O que vocês estão fazendo aqui? – perguntei.
- O que *you* está fazendo aqui? – replicou Phyllis.

O RETORNO

Bond imaginou que eu despertaria, daria uma olhada em volta e precisaria apenas me situar um pouco antes de reassumir meu papel como o pai que ele sempre conhecera.

Entretanto, ele logo descobriu que isso não seria assim tão fácil. Dr. Wade alertou Bond sobre duas coisas: em primeiro lugar, ele não deveria levar em conta qualquer lembrança que eu expressasse com palavras, pois eu acabava de sair de um coma prolongado. O médico explicou que a atividade da memória consome uma imensa energia do cérebro, e que o meu não estava suficientemente recuperado para atuar em níveis muito complexos. Em segundo lugar, Bond não deveria se preocupar com o que eu dissesse nos primeiros dias, pois muita coisa poderia parecer maluquice.

O médico estava certo nas duas considerações.

Logo naquela primeira manhã, ainda em clima de euforia, Bond me mostrou orgulhoso o desenho que ele e Eben IV tinham feito dos meus glóbulos brancos atacando a bactéria *E. coli*.

– Ah, que maravilha! – exclamei.

Bond não se conteve de orgulho e empolgação.

Então, prossegui:

– Como está o tempo lá fora? O que diz a previsão? Você precisa se mexer. Vou me aprontar para saltarmos!

Bond ficou pálido. Desnecessário dizer que este não era o retorno que ele esperava de mim.

Eu estava tendo devaneios, revivendo alguns dos momentos mais intensos da minha vida, e de uma maneira bem mais animada.

Na minha mente, eu estava a bordo de um DC3, pronto para mergulhar no espaço, a cinco quilômetros do solo... como o último homem da minha formação predileta nos saltos de paraquedas. E este era o voo máximo da minha vida.

Encarando o sol brilhante da porta do avião, eu me via mergulhar de cabeça com os braços para trás, aproveitando aquela rajada de vento tão familiar que eu costumava sentir durante os saltos. No meu devaneio, eu assistia a tudo de cabeça para baixo enquanto a barriga do enorme avião prateado começava a se inclinar para cima, com suas grandes hélices girando em câmera lenta, e as nuvens e a terra lá embaixo refletiam no aço. Largado no espaço, eu meditava sobre a estranha visão das rodas e dos reversos das asas estarem abertos, mesmo com o avião a quilômetros do solo,

para reduzir a velocidade em pleno ar, e, assim, minimizar o impacto do vento sobre os saltadores.

Colei os braços bem junto ao corpo para acelerar, como um foguete, a uma velocidade superior a 350 km/h, tendo apenas o capacete azul e os ombros projetados contra o ar rarefeito das alturas para resistir ao puxão do grande planeta lá embaixo, me deslocando mais do que o comprimento de um campo de futebol por segundo, e com o vento rugindo furiosamente, três vezes mais veloz que um furacão, e mais barulhento do que qualquer coisa.

Ao passar pelo topo de duas enormes nuvens brancas, eu me projetei pelo claro abismo que havia entre elas, como um foguete viajando para a terra verde e o cintilante mar azul em direção à formação colorida de saltadores em flocos de neve que eu via crescer a cada segundo com eles se reunindo, muito, mas muito mais abaixo...

Fiquei alternando entre estar presente com meus familiares na UTI e estar absorto nas fantasias da mente que me levavam àquele mergulho no espaço repleto de adrenalina.

Eu estava meio dentro e meio fora da realidade.

Durante dois dias, tagarelei sobre paraquedismo, aviões e internet com todos que se aproximaram do leito. Enquanto meu cérebro se recuperava aos poucos das lesões, eu passava por um estranho e extenuante estado paranoico.

Fiquei obcecado com um horrível quadro de “mensagens da internet” que aparecia toda vez que eu fechava os olhos e que, às vezes, também aparecia no teto quando eu estava de olhos abertos.

Quando eu fechava os olhos, ouvia sons monótonos, opressivos e desarmônicos, que desapareciam quase que inteiramente no momento em que os abria. Eu apontava o dedo indicador para o ar, como se fosse um ET, tentando controlar o cursor da internet na tela que exibia caracteres em russo e em chinês.

Resumindo, eu estava meio louco.

Aquilo parecia a Região do Ponto de Vista da Minhoca, porém era mais assustador, porque o que eu via e ouvia tinha ligação com meu passado humano (eu reconhecia os membros de minha família, embora não conseguisse lembrar o nome deles). Ao mesmo tempo, a realidade não tinha a clareza, a lucidez e a vivacidade extraordinariamente reais do Portal e do Núcleo. Mas, ainda que de forma precária, eu estava de volta ao meu cérebro.

Apesar daquele momento inicial de lucidez aparente, quando meus olhos se abriram e todos comemoraram, me faltaram lembranças da minha vida humana antes de entrar em coma. A única recordação era dos lugares onde eu havia estado: a feia e asquerosa Região do Ponto de Vista da Minhoca, o Portal extasiante e o poderoso Núcleo celestial.

Meu espírito – ou seja, meu eu verdadeiro – estava se adaptando ao apertado paletó da existência física e ao limitado mundo da comunicação verbal. Coisas que até uma semana atrás eu considerava o único modo de existência possível se mostravam agora incômodas e enfadonhas nas suas extraordinárias limitações.

A vida física é caracterizada por uma atitude defensiva, enquanto a vida espiritual é exatamente o oposto. Essa foi a única conclusão a que cheguei para conseguir explicar por que a reentrada no meu cérebro me deixou tão paranoico. Eu estava convencido de que Holley (de quem eu ainda não lembrava o nome, mas reconhecia como minha esposa) e os médicos estavam tentando me matar. Tive outros sonhos e devaneios sobre voar e saltar de paraquedas – alguns deles muito longos e complexos.

No mais longo, mais intenso e quase ridiculamente detalhado desses devaneios, eu me vi na escada rolante de uma clínica para tratamento de câncer no sul da Flórida onde estava sendo perseguido por Holley, dois policiais e uma dupla de fotógrafos ninjas.

Na verdade, eu passava por uma crise conhecida como “psicose da UTI”. Isso é normal, e até esperado, em pacientes cujo cérebro está voltando a se conectar depois de ficar inativo por algum tempo. Eu tinha presenciado esse quadro diversas vezes, mas nunca do lado de dentro. E de

dentro, sem dúvida, era muito diferente.

O fato mais interessante a respeito dessa sequência de pesadelos e fantasias paranoicas é que tudo não passava disso: fantasia. Algumas delas – em particular o prolongado devaneio ninja – foram extremamente intensas e até aterrorizantes enquanto aconteciam. Mas logo depois que a crise terminou reconheci que era algo construído pelo meu cérebro danificado tentando se reajustar. Alguns devaneios foram de fato assustadores, mas no fundo eles serviram apenas para reforçar como meu estado de sonho tinha sido desarmônico em comparação com a hiperrealidade do coma profundo.

Quanto aos aviões, aos foguetes e aos saltos que fantasiei tão intensamente, acabei percebendo que eles foram bem apropriados do ponto de vista simbólico – porque eu estava mesmo fazendo um retorno perigoso, de um lugar distante para a estação espacial do meu cérebro, que esteve abandonada, mas que agora, mais uma vez, voltava a funcionar.

Ou seja, não poderia haver analogia terrena melhor para o que me aconteceu do que o lançamento de um foguete.

CHEGANDO AOS POUCOS

Bond não foi o único a ter dificuldade de aceitar minha maluquice naqueles primeiros dias. Na segunda-feira, um dia depois de eu acordar, Phyllis chamou Eben IV no Skype.

– Eben, aqui está seu pai – disse ela, virando a câmera do computador para mim.

– Oi, pai! Como está se sentindo? – saudou-me ele com carinho.

Durante um minuto eu apenas sorri e olhei para a tela do computador. Quando finalmente resolvi falar, Eben ficou desconcertado. Minha voz estava arrastada e as palavras quase não faziam sentido.

Eben me disse mais tarde que eu parecia um zumbi. Infelizmente ele não fora prevenido da possibilidade de uma psicose da UTI.

Aos poucos, a paranoia diminuiu e o raciocínio e a fala ficaram mais lúcidos. Dois dias depois de sair do coma, fui transferido para a Unidade Intermediária de Neurociência.

As enfermeiras de lá forneceram camas para Phyllis e Betsy dormirem ao meu lado. Eu só confiava nelas duas – com elas eu me sentia seguro, acorrentado à minha nova realidade.

O maior problema é que eu não dormia. Então eu as mantinha acordadas a noite inteira, tagarelando sobre internet, estações espaciais, agentes duplos russos e todo tipo de fantasia sem sentido. Phyllis tentou convencer as enfermeiras de que eu estava com tosse, na expectativa de que um xarope sedativo me fizesse dormir por pelo menos uma hora seguida. Eu era como um recém-nascido ainda sem rotina de sono.

Nos meus momentos mais tranquilos, Phyllis e Betsy tentavam me puxar lentamente de volta à Terra. Elas memoravam episódios da nossa infância e eu ficava fascinado, mas como se estivesse ouvindo essas histórias pela primeira vez. Quanto mais elas falavam, mais acendia dentro de mim uma percepção importante – de que eu tinha feito parte daqueles acontecimentos.

Em pouco tempo, o irmão que elas conheciam se tornou visível de novo através do nevoeiro do discurso paranoico.

– Foi incrível – disse-me Betsy mais tarde. – Você tinha acabado de sair do coma, não tinha noção de onde se encontrava ou do que estava acontecendo, falava maluquices a maior parte do tempo, e ainda assim seu senso de humor era notável. Deu para ver que era *você* quem estava ali. Você

estava de volta!

Já Phyllis me contou que uma das primeiras evidências de que eu estava melhorando foi que comecei a me alimentar sozinho.

À medida que os comandos do meu cérebro voltavam a entrar em sintonia, me surpreendia com as coisas que eu mesmo dizia ou fazia. Certo dia, uma amiga chamada Jackie apareceu para me visitar. Holley e eu conhecíamos bem Jackie e seu marido Ron, tendo inclusive comprado deles a casa em que morávamos. De repente, minha sociabilidade emergiu e perguntei-lhe imediatamente por Ron.

Depois de mais alguns dias, comecei a ter conversas mais lúcidas com meus visitantes, e foi fascinante ver como essas conexões aconteciam automaticamente e não exigiam muito esforço de minha parte. Assim como um avião no piloto automático, meu cérebro logo se readaptou à experiência humana. Eu estava tendo uma amostra em primeira mão de uma realidade que eu conhecia muito bem como neurocirurgião: o cérebro é um mecanismo verdadeiramente maravilhoso.

A pergunta óbvia que pairava na cabeça de todos (inclusive na minha nos momentos de maior lucidez) era: até que ponto eu ficaria bem? Será que eu estava cem por cento ou a bactéria *E. Coli* tinha feito algum estrago irreversível em mim como todos os médicos haviam previsto? Essa espera

diária mexia com todo mundo, sobretudo com Holley, que temia que o progresso miraculoso cessasse de repente e ela ficasse com apenas uma parte do marido que conhecia.

Porém, um pouco mais de mim aparecia a cada dia. Linguagem. Memória. Reconhecimento. Uma certa gaiatice, que sempre foi típica da minha personalidade, também reapareceu. Enquanto todos se alegravam por ver meu senso de humor de volta, minhas irmãs nem sempre gostavam das ocasiões em que eu resolvia usá-lo. Certa tarde, Phyllis tocou na minha testa e eu me encolhi, com um grito de dor.

– Ai, isso dói!

Em seguida, depois de curtir a expressão de horror no rosto de quem estava por perto, emendei:

– Brincadeirinha!

Todos estavam surpresos com a rapidez da minha recuperação, menos eu. Na verdade, eu ainda não tinha ideia de quão perto estive da morte. Quando, um por um, meus amigos e familiares voltavam para suas vidas cotidianas, eu lhes agradecia pelo apoio, mas continuava inocentemente ignorante da tragédia que por pouco não se instalara. Eu estava tão entusiasmado com tudo a ponto de um dos neurologistas responsáveis por minha avaliação para a reabilitação afirmar que eu estava “eufórico demais” e que provavelmente tinha sido vítima de alguma lesão cerebral.

Mesmo assim, eu tinha certeza de algo com que todas as pessoas em volta viriam também a concordar. Independentemente do que os profissionais dissessem, eu sabia que não estava mais doente nem com qualquer lesão no cérebro. Eu estava completamente curado.

Na verdade – embora neste ponto só eu soubesse –, estava realmente bem pela primeira vez na vida.

ESPALHANDO A NOTÍCIA

Certo, eu estava “realmente bem”, mas ainda tinha um grande trabalho pela frente. Alguns dias depois de ser removido para um ambulatório de reabilitação, liguei para Eben IV. Ele mencionou estar escrevendo um ensaio para a matéria de neurociência na faculdade. Eu me ofereci para ajudá-lo, mas logo me arrependi. Era mais difícil do que eu imaginava me concentrar em algum assunto, e terminologias que eu acreditava terem sido recuperadas, de repente, me escapavam da memória. Assustado, percebi quanto ainda precisava caminhar.

Mas, passo a passo, isso também voltou. Um dia acordei e me vi de posse de todo o conhecimento médico e científico que tinha me faltado na véspera. Esse foi um dos aspectos mais estranhos da minha experiência: abrir os olhos a cada manhã com mais partes de toda uma vida de educação e aprendizado funcionando de novo.

Enquanto meu conhecimento profissional retornava lentamente, as lembranças do que havia acontecido durante

aquela semana fora do corpo apareciam em minha memória com extraordinária velocidade e clareza. O que vivi fora da dimensão terrena era responsável pelo entusiasmo incontido com que retornei e pelo êxtase que continuava a transbordar de mim. Eu estava desmedidamente feliz por ter voltado para as pessoas que amava. Mas também por ter entendido pela primeira vez quem eu realmente era, e em que tipo de mundo nós habitamos.

Na minha inocência, eu estava ansioso para compartilhar essas experiências, sobretudo com meus colegas de medicina. Afinal de contas, o que vivi alterou minhas crenças a respeito do cérebro, da consciência e do sentido da vida. Quem não estaria interessado em ouvir sobre essas descobertas?

Muito pouca gente, como logo percebi. Sobretudo pessoas com credenciais médicas.

Ao ouvirem meus relatos, os médicos que cuidaram de mim disseram “Isso é maravilhoso, Eben”, ecoando minha própria voz no passado quando pacientes tentavam me contar as experiências sobrenaturais que tiveram durante a cirurgia. Um dos médicos argumentou: “Você esteve muito doente. Seu cérebro estava encharcado de pus. É difícil até acreditar que você esteja aqui falando tudo isso. Você sabe muito bem o que o cérebro é capaz de fazer quando está longe.”

Em suma, eles não conseguiram abrir a mente para captar o que eu tentava desesperadamente compartilhar.

Mas como eu poderia culpá-los? Até porque, com certeza, eu também não teria entendido nada – *antes*.

DE VOLTA AO LAR

Voltei para casa em 25 de novembro de 2008, dois dias antes do Dia de Ação de Graças. Eben IV dirigiu a noite inteira para me recepcionar na manhã seguinte. A última vez que ele estivera comigo eu me encontrava em coma profundo, então meu filho ainda processava o fato de eu estar vivo. Eben estava tão empolgado que recebeu uma multa por excesso de velocidade na estrada.

Eu estava acordado havia algumas horas – sentado na minha poltrona predileta, junto à lareira do escritório –, pensando em tudo por que eu passara, quando Eben chegou, pouco depois das seis da manhã. Eu me levantei e dei-lhe um longo abraço. Ele estava estupefato. A última vez que me vira, pelo Skype no hospital, eu mal conseguia completar uma frase. Agora, tudo em mim funcionava normalmente e eu estava de volta ao meu papel favorito nesta vida – ser pai de Eben e Bond.

Bem, eu era *quase* o mesmo. Eben também enxergou alguma coisa diferente em mim. Posteriormente, ele me

disse que quando me encontrou naquela manhã, ficou surpreso em ver quanto eu estava “presente”.

– Você estava tão claro, tão focado – disse-me ele. – Era como se uma luz desconhecida brilhasse dentro de você.

Imediatamente, comecei a compartilhar com ele minhas descobertas.

– Estou ansioso para ler tudo o que puder a respeito disso – comentei. – Foi tudo tão real, filho, quase verdadeiro *demais* para ser verdade, se isso faz algum sentido. Quero escrever sobre isso para outros neurocientistas. E quero conhecer histórias de pessoas que também passaram pela experiência de quase morte. Lamento nunca ter levado isso a sério, nunca ter escutado com atenção o que meus pacientes contavam sobre suas experiências. Eu nunca sequer tive curiosidade para ler a literatura médica sobre o assunto.

A princípio, Eben não disse nada, mas estava claro que pensava em como me aconselhar. Ele se sentou bem à minha frente e me fez enxergar algo que deveria ter sido óbvio.

– Eu acredito em você, pai. Mas pense bem. Se você quer que seu relato tenha valor para os outros, a última coisa que deveria fazer é ler sobre as experiências de quase morte de outras pessoas. Apenas escreva. Escreva suas lembranças com o máximo de detalhes que conseguir. Mas não leia artigos nem livros sobre isso, ou sobre física ou cosmologia.

Pelo menos até que você tenha escrito a *sua* história. Também acho que você não deve contar para a mamãe nem para ninguém o que aconteceu durante o coma. Você pode fazer o que quiser depois, entende? Lembra o que você costumava me dizer? Primeiro vem a observação e *só depois*, a interpretação. Se você deseja que sua história tenha algum valor científico, precisa se lembrar dos fatos da maneira mais pura e exata possível, *antes* de começar a fazer comparações com o que aconteceu aos outros.

Acho que esse foi o conselho mais sábio que alguém já me deu na vida – e eu o segui à risca. Eben também entendeu que meu maior desejo era usar minha experiência para ajudar as pessoas. Quanto mais meu raciocínio lógico retornava, mais eu via com clareza que o que aprendi durante décadas de estudo e prática médica conflitava radicalmente com o que vivi naqueles sete dias, e mais eu tinha certeza de que a mente e a personalidade (ou alma, espírito, como queira chamar) continuam a existir depois da morte do corpo. Eu precisava contar essa história para o mundo.

Nas seis semanas seguintes, os dias foram mais ou menos iguais: eu despertava por volta de duas e meia da madrugada, me sentindo tão energizado pelo fato de estar vivo que pulava da cama. Acendia a lareira do escritório, sentava na velha poltrona de couro preto e começava a

escrever.

Tentei recordar cada detalhe da minha jornada dentro e fora do Núcleo, e do que senti quando aprendi todas aquelas lições transformadoras.

Tentei talvez não seja a palavra certa: as lembranças estavam lá, fresquinhas, bem onde eu as tinha deixado.

ABSOLUTAMENTE REAL

Há duas maneiras de ser enganado. Uma é acreditar no que não é verdade; a outra é se recusar a acreditar no que é verdade.

– Søren Kierkegaard (1813-1855)

Em tudo o que eu escrevia, uma palavra aparecia repetidamente.

Real.

Nunca, antes do coma, eu tinha percebido como uma palavra pode ser tão enganadora.

O modo como eu havia sido ensinado a pensar sobre a realidade, tanto na faculdade de medicina quanto na faculdade do bom senso chamada vida, me dizia que ou uma coisa é real ou não é (seja um acidente de carro, um jogo de futebol, um sanduíche etc.). Nos meus anos como neurocirurgião, vi muita gente sofrer alucinações. Pensei que soubesse quanto um fenômeno podia ser terrivelmente

irreal para aqueles que o vivenciavam. E, durante o período em que atravessei a psicose da UTI, experimentei alguns devaneios impressionantemente reais. Mas, quando eles passavam, eu logo percebia que se tratava de uma ilusão: uma fantasmagoria neuronal causada pelo circuito cerebral lutando para funcionar bem de novo.

Porém vale lembrar que, quando estive em coma, *meu cérebro não estava funcionando*. A parte responsável por criar o mundo em que eu vivia e por fazer as informações chegarem aos meus sentidos estava simplesmente desligada. E, no entanto, eu estava vivo, desperto, *verdadeiramente consciente*, em um Universo marcado pelo amor, pela consciência e pela realidade. (Olha a palavra aí de novo.) Isso para mim era um fato indiscutível.

A minha experiência fora mais real do que a casa em que eu morava, mais real do que a lenha queimando na lareira. Porém, não havia espaço para essa realidade na comunidade científica.

De que forma eu poderia abrir espaço para essas duas realidades coexistirem?

UMA EXPERIÊNCIA EM COMUM

Finalmente chegou o dia em que eu já tinha escrito tudo o que era possível – cada lembrança da Região do Ponto de Vista da Minhoca, do Portal e do Núcleo.

Estava na hora de ler o que os outros escreveram sobre o assunto. Então mergulhei no oceano da literatura da experiência de quase morte – um oceano no qual eu nem sequer colocara os pés anteriormente. Não demorei muito para descobrir que inúmeras pessoas haviam passado pelo mesmo que eu, tanto em tempos recentes quanto séculos atrás. As EQMs, no entanto, não são iguais; ao contrário, cada uma tem sua particularidade – embora alguns elementos apareçam com frequência (reconheci muitos deles na minha própria experiência).

Narrativas de passar por um túnel escuro, ou um vale, para chegar a uma paisagem real, brilhante e cheia de vida são tão antigas quanto as civilizações grega e egípcia. Seres angelicais, às vezes alados, remontam à cultura do Oriente Próximo, assim como a crença de que esses seres são

guardiães que protegem as pessoas na Terra e as recebem quando elas deixam o corpo físico.

A sensação de poder ver em todas as direções simultaneamente; a sensação de estar acima do tempo linear – de estar acima de *tudo aquilo* que se pensava ser o limite da vida humana; escutar a melodia sacra que invade todo o ser em vez de alcançar somente os ouvidos; a percepção direta e instantânea de verdades que normalmente se levaria um tempo enorme e muito estudo para compreender, mas sem esforço algum... sentindo a intensidade do amor incondicional.

Nos relatos recentes de EQM e dos textos espirituais da Antiguidade, eu podia sentir o narrador se debatendo com as limitações da linguagem terrena, tentando colocar todo o peixe fogado no mundo espiritual a bordo do limitado barco do pensamento humano. De uma maneira ou de outra, sempre falhando.

E assim, em cada tentativa fracassada, com todos os autores se esforçando para traduzir em palavras aquela imensidão, consegui perceber que o narrador esperava transmitir toda a glória de sua experiência, mas simplesmente não podia.

Sim, sim, sim! Eu dizia para mim mesmo enquanto lia. *Eu compreendo!*

Todo esse material, é claro, já estava lá antes da minha

experiência. Mas nunca dei a menor bola para ele. Apenas porque nunca estive aberto à ideia de que poderia ser uma coisa autêntica, à possibilidade de que uma parte de nós sobrevive à morte do corpo. Eu era um exemplo típico do médico bom caráter, porém cético e incrédulo. E, como tal, posso garantir que mesmo os mais céticos não são céticos de verdade. Para ser realmente cético é preciso examinar o assunto e levá-lo a sério. E eu, como muitos cientistas, nunca gastei meu tempo com as EQMs. Eu simplesmente “sabia” que elas eram impossíveis.

Investiguei também os registros médicos do meu período de coma – que foi detalhadamente documentado desde o começo. Analisei os exames e ficou claro como meu caso estivera crítico.

De todas as doenças, a meningite bacteriana é a única que ataca a superfície externa do cérebro enquanto deixa intactas as suas estruturas mais profundas. A bactéria primeiro devasta sem piedade a parte humana do cérebro, para depois se tornar fatal atacando as estruturas internas, comuns a outros animais, e que ficam bem abaixo da parte humana.

As outras situações que podem danificar o neocórtex e provocar inconsciência – pancada na cabeça, AVC, hemorragias cerebrais ou tumores – não são nem de perto tão eficientes quanto a bactéria da meningite para danificar a

superfície do neocórtex e as estruturas mais profundas e primitivas do cérebro. Devido a tudo isso, a meningite bacteriana é indiscutivelmente a melhor doença que se pode encontrar para representar a morte de um corpo sem que, na verdade, ela tenha ocorrido – embora ela geralmente ocorra.

Apesar de esse fenômeno ser tão antigo quanto a humanidade, o termo “experiência de quase morte” só se tornou amplamente conhecido há poucos anos. Nos anos 1960, foram desenvolvidas novas técnicas que permitiram aos médicos ressuscitar pacientes que sofreram parada cardíaca. Pessoas que em outros tempos teriam morrido podiam agora ser trazidas de volta à vida. Sem saber, esses médicos estavam, por meio de seus esforços de resgate, produzindo uma espécie de viajantes extraterrenos: pessoas que enxergaram o que se esconde além do véu e voltaram para contar a história. Hoje elas já são milhões.

Depois, em 1975, um estudante de medicina chamado Raymond Moody publicou um livro intitulado *A vida depois da vida*, no qual descreveu a experiência sobrenatural de George Ritchie. Este homem havia “morrido” em consequência de um ataque cardíaco decorrente de complicações de uma pneumonia e ficara fora do corpo durante nove minutos. George Ritchie conta que atravessou um túnel, visitou regiões infernais e celestiais, encontrou-se

com um ser iluminado que ele identificou como sendo Jesus e experimentou sentimentos de paz e bem-estar tão intensos que teve dificuldade de expressar em palavras. Com esse livro, a era moderna da experiência de quase morte havia nascido.

Embora soubesse da existência do livro de Moody, eu nunca o lera. E não precisava fazê-lo porque sabia, acima de tudo, que a ideia de que uma parada cardíaca levaria a algum tipo de situação de quase morte não fazia sentido. Grande parte da literatura sobre esse tipo de experiência diz respeito a pacientes cujo coração parou de funcionar por poucos minutos – em geral após um acidente ou na mesa de cirurgia. A teoria de que parada cardíaca equivale a morte está superada há 50 anos.

Muitos leigos ainda acreditam que se alguém retorna de uma parada cardíaca, essa pessoa “morreu” e voltou à vida. Porém a comunidade médica já transferiu há muito tempo a definição de morte para o cérebro, e não mais para o coração (desde que os critérios para a morte cerebral, baseados em exames neurológicos, foram estabelecidos em 1968). A parada cardíaca só é relevante para a morte propriamente dita quando tem efeitos sobre o cérebro. Em alguns segundos de parada cardíaca, a interrupção do fluxo de sangue para o cérebro leva a uma suspensão das atividades neurais auxiliares e à perda de consciência.

Há meio século, os cirurgiões param o coração por minutos ou por horas durante uma cirurgia cardíaca e até em neurocirurgias. Não ocorre nenhuma morte cerebral. Mesmo uma pessoa cujo coração para de bater no meio da rua pode ser poupada de dano cerebral se o esforço de ressuscitação cardiopulmonar começar em até quatro minutos e o coração puder ser reiniciado. Enquanto o sangue oxigenado circular pelo cérebro – e consequentemente por todo o corpo –, o cérebro ficará vivo, apesar da inconsciência temporária.

Esse conhecimento era tudo de que eu precisava para descartar o livro de Moody sem sequer tê-lo aberto. Mas agora, lendo as histórias que ele relatou, tendo como referência o que eu mesmo tinha passado, mudei completamente de perspectiva. Eu não tinha mais dúvida de que pelo menos algumas dessas pessoas haviam deixado o corpo físico. As semelhanças com o que eu vivenciei fora do meu corpo eram impressionantes.

As estruturas mais primitivas do meu cérebro continuaram a funcionar o tempo todo durante o coma. Mas a região do meu cérebro que os neurologistas dizem ser responsável pela minha parte humana havia sumido. Eu podia ver isso nas imagens, nos números do laboratório, nos exames neurológicos – em todos os dados recolhidos aquela semana no hospital. Então eu logo comecei a perceber que a

minha experiência de quase morte era tecnicamente quase impecável, e talvez um dos casos mais convincentes na história moderna do fenômeno. O que mais importava no meu caso não era o que tinha acontecido comigo pessoalmente, mas a impossibilidade de afirmar – a partir do ponto de vista médico – que tudo não passava de fantasia.

Descrever uma EQM é um desafio, mas fazê-lo diante de uma comunidade médica que se recusa a acreditar que ela é possível torna a tarefa ainda mais árdua. Pela minha trajetória na neurociência e por minha própria experiência de quase morte, eu tinha agora uma oportunidade única de tornar o assunto mais convincente.

DE VOLTA DA MORTE

*E o desenho próximo da morte, que nivela a todos,
que a todos impressiona com uma última revelação,
e que somente um autor vindo dos mortos
poderia adequadamente esboçar.*

– Herman Melville (1819-1891)

Em todos os lugares aonde fui nas primeiras semanas, as pessoas me olhavam como se estivessem vendo uma assombração. Fui ao consultório de um médico que estava na Emergência do hospital no dia em que cheguei em crise. Ele não se envolveu diretamente no meu caso, mas me viu de perto enquanto eu tinha convulsões.

– Como você pode *estar* aqui? – perguntou ele, resumindo a perplexidade dos médicos diante da minha recuperação. – Você é o irmão gêmeo de Eben, por acaso?

Sorri, me aproximei e apertei a mão dele com firmeza para que soubesse que era realmente eu quem estava ali.

Embora a pergunta sobre o irmão gêmeo fosse uma piada, aquele médico estava, na verdade, levantando um ponto importante. Para todos os efeitos, eu *era* duas pessoas. E se fosse fazer o que eu disse a Eben IV que gostaria – usar minha experiência para ajudar as pessoas –, eu teria que conciliar minha EQM com meu conhecimento científico e unir esses dois polos opostos.

Certo dia, lembrei-me de uma ligação que recebi de uma mulher chamada Suzana, alguns anos antes. O marido dela havia sido meu paciente. Apesar de todos os nossos esforços, ele morreria um ano e meio depois de descobrirmos um tumor cerebral. Agora a filha dela é quem estava doente, com várias metástases cerebrais decorrentes de um câncer de mama. Seu prognóstico era de, no máximo, poucos meses de vida. Não era um bom momento para receber uma ligação como aquela, pois minha mente estava completamente concentrada no exame de um paciente que eu iria operar naquela tarde. Mas permaneci na linha com Suzana porque eu sabia que ela estava tentando encontrar um meio – qualquer um – de encarar a situação.

Sempre acreditei que, quando se está diante de uma enfermidade que pode levar ao óbito, suavizar a verdade é bom. Impedir que um paciente terminal tente se agarrar a uma pequena fantasia que lhe ajude a lidar com a possibilidade da morte é como suspender uma medicação

para dor. É uma carga muitíssimo pesada e por isso dediquei toda a atenção ao que Suzana me dizia.

– Doutor, minha filha teve um sonho impressionante com o pai. Ele lhe disse que tudo ficaria bem, que ela não precisava se preocupar com a morte.

Esse era o tipo de coisa que eu ouvia dos pacientes inúmeras vezes: a mente fazendo o que podia para se tranquilizar em uma situação dolorosamente insuportável. E eu lhe disse que parecia um sonho maravilhoso.

– O mais incrível, doutor, é como ele estava vestido. Com uma camisa amarela e um chapéu Fedora!

– Bem, Suzana – falei com naturalidade. – Imagino que não existam códigos de moda no céu.

– Não, não é nada disso, doutor. No começo do nosso relacionamento, quando ainda estávamos namorando, eu dei para George uma camisa amarela. E ele gostava de usá-la com um chapéu Fedora que eu também lhe dera de presente. Mas a camisa e o chapéu foram perdidos quando a nossa bagagem se extraviou durante a lua de mel. Ele sabia que eu adorava vê-lo com aquela camisa e aquele chapéu, mas nunca os substituímos.

– Tenho certeza de que sua filha ouviu muitas histórias comoventes sobre aquela camisa e aquele chapéu. E sobre o namoro de vocês.

Suzana riu.

– Não. É isso que me impressiona, doutor. Aquele era o nosso pequeno segredo. Nós sabíamos como esse detalhe pareceria ridículo para qualquer outra pessoa. Nunca conversamos sobre a camisa e o chapéu depois que eles desapareceram. Nossa filha jamais ouviu uma palavra sobre isso. Ela estava com medo de morrer, mas agora sabe que não há nada a temer, nada mesmo.

Suzana estava me contando – e descobri isso depois, em minhas leituras – sobre a existência dos sonhos de confirmação que acontecem com frequência. Mas eu não passara ainda pela minha EQM quando recebi aquela ligação, e na ocasião eu acreditava piamente que o que aquela mulher estava me relatando era uma fantasia criada pela dor.

Ao longo da minha carreira, tratei de diversos pacientes que passaram por experiências estranhas durante a cirurgia ou enquanto estiveram em coma. Sempre que uma dessas pessoas narrava uma experiência extraordinária como a de Suzana, eu me mostrava solidário, embora estivesse completamente convencido de que aquilo só acontecia em sua mente. O cérebro é o órgão mais sofisticado (e temperamental) que temos. Experimente diminuir em alguns torr (unidade de pressão) o nível de oxigênio do cérebro de uma pessoa e ela terá a sua percepção da realidade alterada. Acrescente a isso todo o trauma físico e

os medicamentos prescritos para uma pessoa com uma doença no cérebro e esteja certo de que, se aquele paciente tiver alguma lembrança quando voltar do coma, essas lembranças serão bem esquisitas. Com o cérebro afetado por uma infecção bacteriana letal e por medicamentos que alteram o funcionamento da mente, *qualquer* coisa poderia acontecer. Menos, é claro, a experiência ultrarreal que tive durante o coma.

Suzana não me ligou para ser consolada naquele dia – eu entendia agora com perplexidade. Era ela que, na verdade, tentava me consolar. Mas não fui capaz de perceber isso. Achei que estava fazendo uma caridade para Suzana, fingindo, do meu jeito distante e distraído, que acreditava em sua história. Mas não acreditava.

E lembrando-me daquela conversa e de tantas outras parecidas, me dei conta do longo caminho que tinha pela frente se quisesse convencer meus colegas médicos de que o que eu tinha vivido era real.

TRÊS SEGMENTOS

Eu sustento que o mistério humano é relegado à obscuridade pelo reducionismo científico, com sua crença de que o materialismo pode ter uma resposta para tudo do mundo espiritual com base na atividade neuronal. Essa crença deve ser classificada como supersticiosa. Temos de reconhecer que somos seres espirituais com almas vivendo em um mundo espiritual, assim como seres físicos com corpos e cérebros vivendo em um mundo material.

– Sir John C. Eccles (1903-1997)

Quando se trata de EQM, existem três vertentes básicas. Há os adeptos: aqueles que passaram pela experiência ou que apenas acreditam que elas são possíveis. Depois, vêm os descrentes convictos (como o meu velho eu). Essas pessoas na verdade não se consideram descrentes – elas

apenas “sabem” que o cérebro é que gera consciência e não são iludidas por essas ideias malucas de vida além do corpo. Por fim, há o grupo intermediário. Neste, eu encontrei todas as pessoas que tinham tomado conhecimento da EQM, ou pela leitura ou por terem algum amigo ou parente que passou por ela, uma vez que é uma experiência bem mais comum do que se imagina. Essas pessoas são aquelas que podem ser ajudadas pela minha história. A mensagem que essa experiência extracorpórea traz pode transformar vidas. Mas quando alguém potencialmente receptivo pergunta a opinião de um médico ou cientista, em geral ouve que tudo não passa de fantasia, de criações do cérebro em luta para se agarrar à vida, e nada mais.

Como um médico que passou pela experiência, eu poderia contar uma história diferente. E quanto mais eu pensava, mais sentia que tinha obrigação de fazer isso.

Uma a uma, analisei as hipóteses que eu sabia que meus colegas teriam levantado para “explicar” o que havia acontecido comigo. (Para mais detalhes, ver o Anexo B.)

Teria sido a minha experiência uma simples programação do meu tronco encefálico para aplacar a dor e o sofrimento terminais – talvez um ato remanescente das estratégias de “morte de mentira” que os mamíferos inferiores costumam usar? Descarto essa hipótese logo de cara. Não há chance de que a minha experiência, com seus níveis visuais e auditivos

tão sofisticados e seu alto grau de significados, tenha sido um mero produto da parte reptiliana do meu cérebro.

Terá sido, então, uma evocação distorcida de lembranças vindas das partes mais profundas do meu sistema límbico, a região do cérebro responsável pelas emoções? Novamente, não! Sem o funcionamento do neocórtex, o sistema límbico não poderia produzir visões com a clareza e a lógica que vivenciei.

Poderia a minha experiência ter sido um tipo de visão psicodélica produzida por alguns dos (muitos) medicamentos que tomei? Mas as drogas só atuam com receptores no neocórtex. E com o neocórtex fora de ação, não havia local no cérebro onde essas drogas pudessem atuar.

E que dizer da intrusão do estado REM? Este é o nome de uma síndrome (relacionada ao movimento rápido dos olhos do sono REM, a fase em que acontecem os sonhos) na qual os neurotransmissores naturais, como a serotonina, interagem com receptores no neocórtex. Desculpe mais uma vez. A intrusão do sono REM necessita do funcionamento do neocórtex para acontecer e, no meu caso, ele estava em pane.

Então havia o fenômeno hipotético conhecido como “liberação de DMT”. Nesta situação, a glândula pineal, reagindo à pressão de uma ameaça concreta ao cérebro,

produz uma substância chamada DMT (ou N,N-dimetiltriptamina). A DMT é estruturalmente similar à serotonina e pode provocar uma experiência psicodélica muito intensa. Não tive nenhuma experiência com a DMT, mas já ouvi dizer que ela pode produzir um efeito psicodélico dos mais potentes – talvez até com implicações genuínas para o nosso entendimento do que a consciência e a realidade verdadeiramente são.

Entretanto a porção do cérebro que a DMT atinge é o neocórtex, que, no meu caso, não poderia ser afetado simplesmente porque estava “ausente”. Portanto, em termos de “explicação” para o que houve comigo, a “liberação de DMT” não é muito provável, assim como as outras principais hipóteses que poderiam justificar minha experiência, e pela mesma razão elementar. Os alucinógenos afetam o neocórtex, e o meu neocórtex não estava disponível.

A última hipótese que cogitei foi a do “fenômeno de reinicialização”. Isso explicaria minha experiência como uma reunião de lembranças e pensamentos desarticulados que sobraram antes de o meu neocórtex apagar completamente. À semelhança de um computador reiniciando e salvando o que pode depois de uma queda do sistema ou falta de energia, meu cérebro teria recolhido minhas lembranças da melhor maneira que pôde. Isso é até possível de ocorrer na

reinicialização do córtex depois de uma prolongada paralisação do sistema. No entanto, parece uma explicação improvável, em razão da complexidade e da interatividade das minhas elaboradas recordações.

Por ter vivenciado a natureza não linear do tempo no mundo espiritual de forma tão intensa, consigo entender agora por que grande parte dos escritos sobre a outra dimensão pode parecer distorcida ou sem sentido numa perspectiva terrena. Nos mundos além deste, o tempo não funciona como aqui. Uma coisa não acontece necessariamente depois da outra. Um momento pode parecer durar uma vida inteira, e uma vida inteira pode parecer um momento. Mas, embora o tempo nos mundos além deste não funcione como estamos acostumados, isso não significa que ele seja confuso – e as recordações do meu período em coma foram tudo, menos confusas.

Durante minha experiência, falando em termos temporais, os contatos mais fortes que mantive com este mundo foram minhas interações com Susan Reintjes, quando ela me contactou na quarta e quinta noites do coma, e a aparição dos seis rostos já no fim da viagem. Qualquer outra aparência de simultaneidade temporal entre os acontecimentos na Terra e no além é, digamos assim, meramente especulativa.

Quanto mais eu aprendia e quanto mais procurava explicar o que havia acontecido comigo, mais o terreno da

especulação diminuía. Tudo – a misteriosa clareza das minhas visões, a lucidez dos meus pensamentos – sugeria uma maior, e não menor, atividade cerebral. No entanto, meu cérebro não podia fazer esse trabalho.

Enquanto lia as explicações “científicas” a respeito da EQM, eu ficava chocado com a superficialidade das análises. Descobri também, com tristeza, que elas eram exatamente as mesmas explicações que meu antigo eu daria se alguém perguntasse o que eu achava dessa experiência fora do corpo.

Mas as pessoas que não são da área médica não têm obrigação de saber de nada disso. Se o que eu passei tivesse acontecido com qualquer outro teria sido impressionante. Mas aconteceu comigo... E acreditar que havia acontecido “por um motivo” me causava inquietação. Ainda havia um pouco do velho médico em mim para saber que isso soava estranho. Quando, porém, mergulhei nos detalhes – e principalmente quando considerei que a meningite causada por *E. coli* era a enfermidade perfeita para aniquilar meu córtex e avaliei minha rápida recuperação de um estrago total quase certo –, tive que levar a sério a possibilidade de que aquilo realmente tinha acontecido *comigo* por alguma razão.

Isso só me fez sentir uma responsabilidade maior por contar a história direito.

Sempre me orgulhei de me manter atualizado com os avanços da literatura médica em meu campo de atuação, e também de contribuir quando tinha algo de significativo para acrescentar. O fato de eu ter sido despachado deste mundo para outro era uma notícia chocante, e agora que eu estava de volta, não iria deixar a história para lá. Do ponto de vista científico, eu ter me recuperado por completo era uma impossibilidade, praticamente um milagre médico. Mas o que era de fato impressionante nisso tudo era o lugar onde estive. Então eu tinha a obrigação de contar essa história, não só como cientista e profundo respeitador do método científico, mas também como um paciente que teve uma recuperação inexplicável.

Uma história pode curar tanto quanto a medicina. Suzana sabia disso quando me telefonou naquele dia. E eu havia experimentado isso quando conheci minha família biológica. Minha experiência também era uma história com poder de curar. Que tipo de médico eu seria se não a compartilhasse?

Pouco mais de dois anos depois de ter voltado do coma, visitei Jonh, um amigo que dirige um dos mais importantes departamentos de neurociência do mundo. Eu o conhecia havia décadas, e o considerava um ser humano esplêndido e um cientista de primeira linha.

Contei-lhe a história da minha viagem espiritual e ele pareceu ficar muito impressionado, como se, finalmente,

tivesse se livrado de um fardo que durante muito tempo o houvesse assombrado.

Cerca de um ano antes, o pai dele estava nos estágios finais de uma enfermidade que já durava cinco anos. Ele estava incapaz, demente, com muita dor, e queria morrer.

Ele dizia ao filho:

– Por favor, me dê algumas pílulas ou algo parecido. Não posso continuar vivendo assim.

Então, de repente, seu pai se tornou mais lúcido do que havia sido nos dois anos anteriores, fazendo observações profundas sobre a vida e a família. Ele desviou o olhar e começou a falar com o ar ao pé da cama. Ouvindo o que ele dizia, John percebeu que o pai conversava com sua falecida mãe, que havia morrido 65 anos antes, quando ele ainda era um adolescente. Ele pouco falara dela durante toda a vida de John, mas naquele momento estava tendo uma alegre e animada conversa com a mãe. John não podia enxergá-la, mas estava absolutamente convencido de que o espírito de sua avó estava lá, dando boas-vindas ao espírito de seu pai.

Depois de alguns minutos, o pai de John se voltou para o filho com uma expressão totalmente diferente no olhar. Seu pai sorria, e emanava uma paz que John nunca se lembrou de ter visto nele antes.

– Vá dormir, papai – John se flagrou dizendo. – Apenas descanse, está tudo bem.

Seu pai fez exatamente isso. Fechando os olhos, ele se deixou levar, com uma expressão de completa paz no rosto. Pouco tempo depois ele não estava mais neste mundo.

John sentiu no coração que o encontro de seu pai e sua avó tinha sido muito real, mas nunca soube o que fazer com isso porque, como médico, ele acreditava que coisas desse tipo eram “impossíveis”. Muitas outras pessoas tinham testemunhado aquela clareza mental que, por vezes, toma conta de pessoas idosas debilitadas pouco antes de morrerem, assim como John viu em seu pai (um fenômeno conhecido como “lucidez terminal”).

Não havia explicação científica para isso. Ouvir minha história pareceu dar ao meu amigo uma permissão que havia muito tempo ele desejava que alguém lhe desse: a permissão para acreditar naquilo que ele vira com os próprios olhos – e para *conhecer* a verdade confortante e profunda: que nosso ser espiritual eterno é mais verdadeiro do que qualquer coisa que possamos perceber no domínio físico e tem uma conexão direta com o infinito amor do Criador.

UMA VISITA À IGREJA

Só há duas maneiras de viver a vida.

*Uma é pensar que nada é um milagre. A outra
é pensar que tudo é um milagre.*

– Albert Einstein (1879-1955)

Não fui à igreja novamente até dezembro de 2008, quando Holley me arrastou para o culto do segundo domingo do Advento. Eu ainda estava fraco, um pouco sem equilíbrio e abaixo do peso. Sentamos na primeira fila. O pastor Sullivan se aproximou e perguntou se eu poderia acender a segunda vela da grinalda do Advento. Eu não queria, mas algo me disse que eu deveria fazê-lo. Então me levantei, me apoiei numa peça de bronze e caminhei para o centro da igreja com uma calma inesperada.

A lembrança da minha viagem fora do corpo ainda estava obscura, e por todo aquele ambiente que antes me parecia tão banal eu agora enxergava arte e ouvia uma música que

trazia tudo à tona. O tom pulsante do contrabaixo ecoava a angústia primitiva da Região do Ponto de Vista da Minhoca. Os vitrais coloridos do templo, com seus anjos e nuvens, trouxeram à memória a beleza celestial do Portal. Uma pintura de Jesus repartindo o pão com seus discípulos evocava a comunhão do Núcleo. Estremeci quando rememorei o êxtase do amor incondicional que eu havia conhecido por lá.

Por fim, compreendi do que se trata a religião – ou, pelo menos, o que ela deveria ser. Agora, eu não apenas acreditava em Deus; eu conhecia Deus.

Quando me encaminhei para o altar, as lágrimas rolaram pela minha face.

O ENIGMA DA CONSCIÊNCIA

Se você deseja ser um genuíno buscador da verdade, é necessário que, pelo menos uma vez na vida, duvide, tanto quanto possível, de todas as coisas.

– René Descartes (1596-1650)

Foram necessários dois meses para que o meu conhecimento profissional retornasse totalmente. Deixando de lado o fato miraculoso de que *ele tinha voltado*, continuei a lutar com a dura realidade de que tudo o que eu havia aprendido em quatro décadas de estudo e trabalho sobre o cérebro humano, sobre o Universo e sobre como a vida se constitui entrava em choque com o que eu vivenciara durante meus sete dias em coma.

Eu era um médico que passara toda a carreira em algumas das mais prestigiadas instituições de pesquisa do mundo, tentando entender as conexões entre o cérebro humano e a consciência. Não é que eu não acreditasse na consciência. Eu

apenas estava convicto da incrível improbabilidade mecânica de que ela existisse de maneira independente.

Nos anos 1920, o físico Werner Heisenberg (e outros fundadores da ciência da mecânica quântica) fez uma descoberta tão estranha que o mundo até hoje ainda não a aceitou por completo. Quando se observa o fenômeno subatômico, é impossível separar completamente o observador (isto é, o cientista fazendo o experimento) do que é observado. Em nosso mundo, isso passa despercebido. Nós enxergamos o Universo como um lugar cheio de objetos separados (mesas e cadeiras, pessoas e planetas) que, de vez em quando, interagem entre si, mas que, apesar disso, permanecem basicamente separados.

No nível subatômico, entretanto, esse universo de objetos separados é uma completa ilusão. No campo do super-hiperminúsculo, todo objeto no universo físico está intimamente conectado com todos os outros. Na verdade, não existem realmente “objetos”, apenas vibrações de energia e relacionamentos.

O que isso significa deveria ter sido óbvio, embora para muitos não fosse. Era impossível buscar a natureza do Universo sem usar a consciência. Longe de ser um subproduto do processo físico (como eu acreditava antes da minha EQM), a consciência não é apenas real, mas é, na verdade, *mais real* do que o restante da existência física, e

muito provavelmente a base da mesma.

Porém até agora nenhum desses conhecimentos foi incorporado à compreensão que a ciência tem da realidade. Muitos cientistas estão tentando fazê-lo, mas ainda não apareceu uma teoria unificadora que possa combinar as leis da mecânica quântica com as leis da teoria da relatividade de uma maneira que comece a englobar a consciência.

Todos os objetos no universo físico são feitos de átomos. Os átomos, por sua vez, são feitos de prótons, elétrons e nêutrons, que são partículas. E as partículas são feitas de... bem, para ser franco, os físicos não sabem. Mas uma coisa que nós sabemos sobre as partículas é que cada uma está conectada com todas as outras neste imenso Universo. Elas estão todas interconectadas no nível mais profundo.

Antes da minha experiência no mundo espiritual, eu tinha algum contato com essas teorias científicas modernas, mas elas me pareciam distantes e remotas. No mundo em que eu vivia e me movia – o mundo dos carros, das casas, das mesas de cirurgia e dos pacientes que se restabeleciam ou não –, essas descobertas da física subatômica eram muito vagas. Elas podiam até ser verdadeiras, mas não diziam respeito à minha realidade.

Quando, no entanto, deixei meu corpo físico para trás, experimentei esses fatos diretamente. Na verdade, eu estava “fazendo ciência” enquanto peregrinava pelo Portal e pelo

Núcleo – ciência que contava com a ferramenta mais sofisticada para pesquisa científica que possuímos: a própria consciência.

Eu não parava de estudar, e cada vez tinha mais certeza de que minha descoberta não era apenas interessante ou impressionante. Ela era *científica*. A consciência pode ser o maior mistério da ciência ou uma coisa insignificante, dependendo de com quem você conversa. O que mais surpreende é o número elevado de cientistas que pensam da segunda forma. Para muitos deles – talvez a maioria –, a consciência não é assunto digno de preocupação porque ela é apenas um subproduto do processo cerebral. Muitos cientistas vão além, afirmando que a consciência não é somente um fenômeno secundário, mas que não é sequer *real*.

Entretanto, muitos expoentes da neurociência da consciência e da filosofia da mente discordam disso. Nas últimas décadas, eles vieram a reconhecer o “difícil problema da consciência”. Embora essa ideia estivesse consolidada há décadas, foi David Chalmers quem a definiu em seu brilhante livro de 1996, *The Conscious Mind* (A mente consciente). A maior questão diz respeito à existência da experiência da consciência e pode ser resumida nestas perguntas:

Como a consciência surge no cérebro humano?

Como ela está relacionada ao comportamento?

Como o mundo percebido se relaciona com o mundo real?

O problema é tão difícil de resolver que alguns pensadores disseram que a resposta se encontra fora da “ciência”. Embora esse fato não deprecie o fenômeno da consciência, na verdade, é uma pista sobre o seu insondável papel no Universo.

Esse predomínio do método científico baseado unicamente no plano físico que tem vigorado nos últimos 400 anos apresenta uma grande desvantagem: nos faz perder contato com o profundo mistério da existência – a nossa consciência. Esse conhecimento era algo comum nas religiões pré-modernas (sob diferentes nomes e manifestado por meio de pontos de vista diferentes), mas foi perdido na nossa cultura ocidental secular quando nos deixamos enfeitiçar pelo poder da ciência e da tecnologia.

Questões envolvendo a alma e a vida após a morte, a reencarnação, Deus e o céu são difíceis de explicar pelos meios científicos tradicionais, que deixam implícito que essas coisas podem não existir. Por outro lado, fenômenos de expansão da consciência – tais como a visão remota, a percepção extrassensorial, a psicocinese, a clarividência, a telepatia e a premonição – têm se mostrado de difícil compreensão por meio das investigações científicas

“normais”. Antes do coma, eu duvidava da veracidade disso tudo, principalmente porque nunca havia experimentado esses fenômenos em um nível profundo, e porque eles não podiam ser explicados pela minha visão científica e simplista do mundo.

Aqueles que insistem que não há provas para os fenômenos que sugerem a expansão da consciência, apesar da enorme evidência do contrário, são deliberadamente ignorantes. Eles acham que conhecem a verdade sem precisar examinar os fatos.

Fomos seduzidos a pensar que a visão científica de mundo está se aproximando rápido da Teoria de Tudo, que parece não deixar muito espaço para a alma, ou o espírito, ou para o céu e Deus. Minha jornada no coma fora desse domínio físico rasteiro e próximo da morada do Criador revelou o abismo imenso entre o nosso conhecimento humano e a assombrosa e inspiradora esfera de Deus.

Cada um de nós está mais acostumado com o próprio pensamento do que com qualquer outra coisa e, no entanto, entendemos muito mais do resto do Universo do que do mecanismo da nossa consciência. O pensamento está *tão* perto de casa que quase sempre escapa à nossa compreensão. Não há nada na física do mundo material na intrincada estrutura do cérebro que dê a menor pista sobre como funciona a consciência.

De fato, a maior pista para a realidade do mundo espiritual é o *profundo mistério* da nossa existência consciente. Esta é uma revelação misteriosa com a qual os físicos e neurocientistas se mostraram incapazes de lidar, e isso obscureceu ainda mais a relação íntima que existe entre a consciência, a mecânica quântica e a realidade física.

Para estudar o Universo em um nível profundo, precisamos reconhecer o papel fundamental da consciência na construção da realidade. Os experimentos em mecânica quântica surpreenderam os precursores desse campo de pesquisa, e muitos deles (como Werner Heisenberg, Wolfgang Pauli, Niels Bohr, Erwin Schrödinger e Sir James Jeans, para citar apenas alguns) se voltaram para o universo místico em busca de respostas. Eles perceberam que era impossível separar o experimentador do experimento e explicar a realidade sem levar em conta a consciência. O que descobri do outro lado foi a imensidão e a complexidade do Universo, e o fato de que a *consciência* é a base de tudo o que existe. Eu estava tão conectado com essa ideia que, muitas vezes, não havia diferenciação entre “mim” e o mundo em que eu me movia.

Se eu tivesse que resumir tudo isso, eu diria, em primeiro lugar, que o Universo é muito maior do que aparenta ser se nós contemplarmos somente as suas partes visíveis. (Isto não chega a ser nenhuma descoberta revolucionária, uma

vez que a ciência convencional reconhece que 96% do Universo é composto de “matéria escura” e “energia escura”^{*}. Mas o que é isso? Ninguém sabe ainda. Mas o que tornou a minha experiência incomum foi o assombroso imediatismo com que experimentei o papel fundamental da consciência. Não foi mera teoria o que aprendi lá, foi um fato concreto como uma rajada de vento polar no meu rosto.)

Em segundo lugar, estamos entrelaçados com o universo maior de maneira complexa e inexorável. Ele é o nosso verdadeiro lar, e pensar que este mundo físico é tudo o que importa é como se trancar em um pequeno quarto e imaginar que não há nada fora dele.

E em terceiro lugar aprendi o poder crucial da *fé* para facilitar a atuação da mente sobre a matéria. Sempre fiquei intrigado com o efeito placebo – cujo benefício no tratamento gira em torno de 30%, devido à crença do paciente de que está recebendo um remédio que poderá curá-lo, mesmo que se trate de uma substância sem efeito. Em vez de enxergar nisso o poder subliminar da fé e a maneira como ela afeta a saúde, a comunidade médica só via o seu lado negativo, considerando que o efeito placebo era, na realidade, obstáculo para a evolução de um tratamento.

No centro do mistério da mecânica quântica está a superficialidade do nosso conceito de localização no espaço e

no tempo. O resto do Universo – ou seja, a grande maioria dele – não está afastado de nós no espaço. Sim, o espaço físico que conhecemos parece real, mas ele também é limitado. A extensão e a altura do universo físico não são nada diante da esfera espiritual de onde procedem – o domínio da consciência (que alguns podem preferir chamar de “força vital”).

Este outro universo maior não está distante de nós. Na verdade, está aqui mesmo – bem aqui onde estou digitando esse parágrafo e aí onde você está lendo o que escrevi. Ele não está distante fisicamente, mas apenas numa frequência diferente.

Embora este universo esteja aqui, não estamos conscientes dele porque estamos fechados à frequência em que ele se manifesta. Nós vivemos nas dimensões de espaço e tempo familiares, confinados pelas limitações dos nossos sentidos.

O Universo está tão bem construído que, para entender verdadeiramente alguns de seus muitos níveis e dimensões, *é preciso se tornar parte desta dimensão*. Trocando em miúdos, é preciso estar disposto a se identificar com aquela parte do universo que você já possui, mas da qual talvez não esteja consciente.

O Universo não tem princípio nem fim, e Deus (Om) está inteiramente presente em cada partícula que o compõe. Quando as pessoas falam sobre Deus e sobre os níveis

espirituais mais elevados, sempre tentam trazê-los para o nosso nível, em vez de expandir nossa percepção para o nível deles. Com descrições limitadas, corrompemos sua natureza extraordinária.

As palavras do cego curado por Jesus no evangelho – “Eu era cego, mas agora vejo” – ganharam novo significado para mim quando entendi que nós aqui na Terra estamos cegos para a natureza plena do mundo espiritual; principalmente pessoas como eu havia sido, que acreditavam que a matéria é a verdade máxima, e que tudo o mais (o pensamento, a consciência, as ideias, as emoções, o espírito) é apenas uma consequência da matéria.

Esta revelação me inspirou muito porque me permitiu enxergar os impressionantes níveis de comunhão e entendimento que se abrem à frente de todos nós quando deixamos para trás as limitações do nosso cérebro e do corpo físico.

Humor. Alegria. Paixão. Sempre achei que esses eram sentimentos que desenvolvíamos para lidar com este mundo tão doloroso e injusto. E assim é. Mas além de serem consolações, esses atributos são *reconhecimentos* – breves, fugazes, mas ainda assim fundamentais – de que não importa quais sejam nossas lutas e nossos sofrimentos, eles não podem atingir os seres eternos que realmente somos. O riso e a alegria são, no fundo, lembranças de que não somos

prisioneiros deste mundo, mas peregrinos que caminham por ele.

Não é preciso quase morrer para vislumbrar o que está além do véu – mas é preciso trabalhar. Aprender sobre essa nova realidade em livros e artigos de revistas é um bom começo, mas no fim do dia cada um deve mergulhar em seu próprio pensamento, por meio da oração e da meditação, para se aproximar dessas verdades.

A meditação acontece de muitas maneiras. A mais eficiente para mim, desde que voltei do coma, tem sido uma técnica desenvolvida por Robert A. Monroe, que não tem qualquer filosofia dogmática por trás, a não ser *Eu sou mais do que o meu corpo físico*.

Robert Monroe foi um produtor de rádio bem-sucedido na Nova York dos anos 1950. No processo de investigar o uso das gravações em áudio para induzir ao sono, ele começou a ter experiências extracorpóreas. Sua pesquisa minuciosa por mais de quatro décadas resultou em um poderoso sistema para expandir a exploração dos níveis profundos de consciência, com base na audiotecnologia desenvolvida por ele e conhecida como “Hemi-Sync”.

O sistema Hemi-Sync pode auxiliar a consciência porque propicia um estado de relaxamento. Mas ele oferece muito mais: a consciência expandida permite o acesso a outros tipos de percepção, entre os quais a meditação profunda e os

estados místicos. O sistema Hemi-Sync envolve a física do recrutamento de ondas cerebrais ressonantes, o seu relacionamento com a psicologia da consciência perceptiva e comportamental, e a fisiologia básica da consciência.

Na minha jornada de aprendizado depois do coma, o sistema Hemi-Sync me ofereceu meios de desativar a função de filtragem do cérebro físico, paralisando a atividade elétrica do neocórtex (assim como a meningite deve ter feito), para liberar minha consciência fora do corpo. Acredito que esse método me possibilitou voltar a uma região similar àquela que visitei no coma profundo, mas sem ter que estar gravemente doente. Porém, da mesma forma que acontecia com meus sonhos de infância, em que estava voando, esse é um processo de *facilitação* da viagem – se eu tentar forçá-lo, refletir muito sobre ele ou controlá-lo demais, deixa de funcionar.

Minha consciência é, ao mesmo tempo, individual e unificada com o Universo, da mesma maneira que as fronteiras do que vivencio como meu “eu” às vezes se contraem e às vezes se expandem para incluir tudo o que existe no Universo. Na minha viagem além do corpo, a ruptura entre meu eu individual e o ambiente à minha volta foi tão profunda que eu *me tornei* o Universo inteiro.

Mesmo que minha consciência se identificasse com tudo e com o infinito, eu sentia que não podia me tornar

completamente uno com o Criador e a origem de tudo o que existe. No Núcleo da unidade mais infinita, ainda havia aquela dualidade. É possível, no entanto, que essa aparente dualidade seja simplesmente o resultado de tentar transpor essa consciência para a nossa dimensão.

Nunca ouvi a voz de Om diretamente, nem vi Sua face. Era como se Ele falasse comigo por meio de pensamentos que eram como ondas fluindo através de mim, chacoalhando tudo à minha volta e mostrando que há um nível mais profundo de existência – um nível que inclui todos nós, mesmo que não tenhamos consciência disso.

Logo, eu estava me comunicando diretamente com Deus? Com certeza. Falando desse jeito parece pretensioso, mas enquanto estava acontecendo eu não senti dessa forma. Ao contrário, senti como se estivesse fazendo o que todas as almas são capazes de fazer quando deixam o corpo – e o que podemos fazer agora por meio da oração e da meditação.

Comunicar-se com Deus é a experiência mais maravilhosa que alguém pode imaginar, mas, ao mesmo tempo, é a mais natural de todas, porque Deus está presente em nós o tempo todo. Onisciente, onipresente, pessoal – e nos amando incondicionalmente. Nós somos todos Um por causa do nosso elo com Deus.

* Desse total, 70% é composto de “energia escura”, uma força misteriosa descoberta por astrônomos em meados dos anos 1990, quando eles encontraram provas incontestáveis, baseadas nas supernovas tipo Ia, de que a expansão do cosmos está acelerando. Os outros 26% são “matéria escura”, um fenômeno gravitacional revelado nas últimas décadas através da observação da rotação das galáxias e dos aglomerados estelares abertos. As explicações têm sido dadas, mas os mistérios do além nunca terminarão.

UM ÚLTIMO DILEMA

*Eu preciso estar disposto a desistir do que sou
para me tornar o que serei.*

– Albert Einstein (1879-1955)

Einstein foi um dos meus primeiros ídolos do meio científico e a citação acima sempre foi uma das minhas favoritas. Mas só agora eu entendi o que essas palavras realmente significam. Por mais louco que soasse cada vez que eu contava minha história para meus colegas – e não era difícil perceber suas expressões de espanto e inquietação diante do relato –, eu sabia que estava contando uma coisa que tinha valor científico genuíno, algo que abria as portas da percepção para um novo mundo de compreensão científica. Uma reflexão que elevava a consciência à condição de maior entidade de toda a existência.

Mas uma ocorrência comum às experiências de quase morte não tinha acontecido comigo. Melhor dizendo, havia

um pequeno grupo de experiências pelas quais eu não havia passado, e tudo por causa de um único fato: eu não me lembrava da minha identidade terrena.

Embora nenhuma EQM seja igual a outra, eu descobrira nas minhas leituras pós-coma que há uma lista de características que muitas compartilham. Uma delas é o encontro em espírito com uma ou mais pessoas falecidas que os pacientes conheceram em vida. Não encontrei por lá nenhum conhecido. Mas esse aspecto da viagem não me incomodou muito, pois eu já havia descoberto que o esquecimento da minha identidade era o que me possibilitara “ir mais longe” do que muitos outros. Portanto, não tenho nada a reclamar quanto a isso.

O que me incomodava era que havia uma pessoa que eu adoraria ter encontrado. Meu pai morrera quatro anos antes de eu entrar em coma. Ele sabia como eu lamentava não ter conseguido chegar aos seus pés, então por que ele não estava lá para me consolar e me dizer que estava tudo bem? Sem dúvida, conforto era o que os familiares e amigos dos pacientes em coma mais tentavam transmitir. Eu ansiava por isso. E mais uma vez não o tinha recebido.

Não que eu não tivesse recebido palavras de consolo durante minha experiência. Recebi, e muito, da menina nas asas de borboleta. No entanto, por mais maravilhosa e angelical que ela fosse, *não era alguém que eu conhecia*. Por

tê-la visto todas as vezes em que entrava naquele vale idílico, eu me lembro perfeitamente do rosto dela – a ponto de ter certeza de nunca tê-la visto antes. E, para a maioria das pessoas que vive uma EQM, o encontro com algum amigo ou familiar da Terra é o que mais deixa marcas após a experiência.

Por mais que eu tentasse minimizar essa frustração, esse detalhe colocou um elemento de dúvida nas minhas reflexões sobre o significado de tudo aquilo. Não que eu duvidasse do que havia acontecido comigo. Isso era tão impossível quanto duvidar de que eu estava casado com Holley e que amava meus filhos. Mas o fato de ter viajado para o além sem encontrar meu pai, mas encontrar, em vez disso, uma garota desconhecida, ainda me perturbava.

Devido aos fortes laços emocionais que me ligavam à minha família, minha baixa autoestima por ter sido abandonado ainda bebê sempre aflorava. Por que, então, aquela mensagem tão importante – de que eu era amado, que nunca seria desprezado – não podia ser transmitida por alguém que eu conhecia? Alguém como... meu pai?

Sim, porque, no fundo, o sentimento de ter sido “jogado fora” foi o meu estado de espírito durante toda a vida – apesar do empenho da minha família adotiva para curar essa tristeza com amor. Meu pai sempre me aconselhou a não ficar pensando no que acontecera comigo antes de ser

“escolhido” por eles. Papai afirmava que eu não conseguiria me lembrar de nada, porque era muito pequeno. Mas ele estava errado. A experiência de quase morte tinha me convencido de que existe em nós uma parte secreta que grava todos os instantes da vida terrena, e que esse processo começa no momento em que chegamos a este mundo. Portanto, em um nível precognitivo eu sempre soube que havia sido abandonado – e lutava intensamente para perdoar isso.

Por causa desse fato, uma voz inquietante ficava ecoando dentro de mim. Uma voz que insistia em me dizer que, apesar de toda a perfeição e encanto, alguma coisa tinha faltado na minha EQM, que alguma coisa havia ficado “de fora” da experiência.

Em resumo, uma parte de mim ainda duvidava da autenticidade da minha viagem durante o coma, e, por conseguinte, da existência daquela dimensão. Para esta parte de mim, a experiência continuava a “não fazer sentido” do ponto de vista científico. E essa dúvida começou a ameaçar todo o novo paradigma que, aos poucos, eu estava construindo.

A FOTOGRAFIA

*A gratidão não é somente a maior das virtudes,
mas a origem de todas as outras.*

– Cícero (106-43 a.C.)

Quatro meses depois da minha saída do hospital, Kathy, minha irmã biológica, finalmente me enviou uma foto de Betsy, minha irmã que falecera. Eu estava no quarto, onde tudo começou, e abri o envelope que chegara pelos correios. Encontrei uma fotografia colorida da irmã que eu nunca havia conhecido. Ela estava no cais de Balboa Island, próximo de onde ela morava, com um belo pôr do sol ao fundo. Betsy tinha um longo cabelo castanho e olhos azuis bem profundos, e seu sorriso, que irradiava amor e bondade, pareceu me atingir em cheio, fazendo meu coração se inflamar e se condoer ao mesmo tempo.

Kathy prendeu na foto um poema escrito por David M. Romano, em 1993, que se intitulava “Quando o amanhã

começar sem mim”.

*Quando o amanhã começar sem mim,
E eu não estiver lá para ver,
Se o sol nascer e encontrar seus olhos
Cheios de lágrimas por mim,
Eu gostaria que você não chorasse
Da maneira que chorou hoje,
Enquanto pensava nas muitas coisas
Que deixamos de dizer.
Sei quanto você me ama,
E quanto amo você,
E cada vez que você pensa em mim,
Sei que sente a minha falta.
Mas quando o amanhã começar sem mim,
Por favor, tente entender
Que um anjo veio e chamou meu nome,
Tomou-me pela mão
E disse que meu lugar estava pronto
Nas moradas celestiais
E que eu tinha de deixar para trás
Todos os que eu tanto amava.
Mas quando me virei para ir embora
Uma lágrima escorreu-me pela face
Por toda a vida eu pensei*

*Que não queria morrer.
Eu tinha tanto para viver,
Tanta coisa por fazer,
E pareceu quase impossível
Que eu estivesse indo sem você.*

*Pensei em nossos dias passados,
Nos dias bons e nos dias ruins,
Em todo o amor que vivemos,
Em toda a alegria que tivemos.
Se eu pudesse reviver o ontem
Ainda que só por um instante,
Eu diria adeus e lhe daria um beijo
E talvez visse você sorrir.
Só então descobri
Que isso não aconteceria,
Pois o vazio e as lembranças
Ocupariam meu lugar.
Quando pensei nas coisas deste mundo
Vi que posso não voltar amanhã,
Então pensei em você
E meu coração se encheu de dor.
Mas quando cruzei os portões do céu
Eu me senti em casa
Quando Deus olhou para mim e sorriu*

*De seu grande trono dourado,
Ele disse: “Isto é a eternidade
E tudo o que lhe prometi.
Agora sua vida na Terra é passado
Mas aqui uma vida nova começa.
Eu prometo que não haverá amanhã,
Mas que o hoje durará para sempre.
E como todos os dias serão iguais,
Não haverá saudades do passado.
Você foi tão fiel
Tão confiável e verdadeiro,
Embora tivesse feito coisas
Que sabia que não deveria.
Mas você foi perdoado
E agora finalmente está livre.
Então que tal me dar a mão
E compartilhar da minha vida?”
Logo, quando o amanhã começar sem mim,
Não pense que estamos separados,
Pois todas as vezes que pensar em mim,
Eu estarei dentro do coração.*

Meus olhos estavam turvos quando coloquei a foto cuidadosamente na penteadeira de Holley e continuei a contemplá-la. Betsy me parecia assombrosamente familiar.

E é claro que éramos parecidos, afinal, éramos irmãos de sangue e compartilhávamos mais DNA entre nós do que com qualquer outra pessoa no planeta, exceto com nossas duas outras irmãs biológicas. Mesmo sem jamais termos nos encontrado, Betsy e eu estávamos profundamente ligados.

Na manhã seguinte, eu estava em meu quarto lendo *A morte: um amanhecer*, de Elisabeth Kübler-Ross, quando encontrei a história de uma menina de 12 anos que passou pela EQM e, a princípio, não contou a seus pais. Com o tempo, ela não aguentou mais guardar esse segredo e revelou suas experiências ao pai. Ela contou que viajou por uma paisagem incrível repleta de amor e beleza e que foi acolhida e consolada por seu irmão. “O único problema é que eu não tenho um irmão”, disse ela.

Então seu pai começou a chorar. E confessou que ela teve, sim, um irmão, mas que ele morrera três meses antes de ela ter nascido.

Interrompi a leitura. Por um instante, fui transportado para um espaço deslumbrante e estranho, onde não pensava em nada, apenas absorvia alguma coisa... Algum pensamento que estava na margem da minha consciência, mas que não tinha irrompido.

Então meus olhos viajaram para a estante e para a foto que Kathy tinha me mandado. A foto da irmã que eu nunca conhecera. A quem eu conhecia apenas pelas histórias que

minha família biológica contara, sobre como ela havia sido uma pessoa imensamente bondosa e carinhosa. Uma pessoa tão especial que mais parecia um anjo.

Sem o vestido azul-anil, sem a luz celestial do Portal que a circundava enquanto ela se sentava sobre as belas asas de borboleta, não era fácil reconhecê-la de primeira. Mas isso era normal. Eu tinha visto seu “eu celestial” – aquele que vive acima deste domínio terreno.

Mas agora não havia dúvidas. Aquele riso amoroso, o semblante infinitamente calmo e confortador, os olhos azuis radiantes.

Era ela.

Por um instante, os dois mundos se encontraram. O meu mundo aqui na Terra, onde eu era médico, pai e marido. E o meu mundo lá fora – um mundo tão amplo que se você viaja nele perde sua identidade terrena e se torna uma parte integrante do cosmos, daquela escuridão encharcada de Deus e repleta de amor.

Naquele momento, no meu quarto, em uma manhã chuvosa de terça-feira, os mundos mais elevado e mais baixo se uniram. Ver aquela foto me fez sentir como o menino de um conto de fadas que viaja para outra dimensão e, quando retorna, conclui que tudo não passou de um sonho – até descobrir em seu bolso um punhado cintilante de terra mágica do longínquo reino onde estivera.

Quanto mais eu tentava negar isso, mais o conflito crescia dentro de mim. Era uma luta entre a parte da minha mente que tinha estado fora do corpo e o médico curador que passara a vida se dedicando à ciência. Eu olhava para o rosto da minha irmã e do meu anjo e sabia – agora eu sabia – que ambos eram a mesma pessoa. Eu precisava retomar o meu papel como cientista, mas também precisava abraçar meu papel como sujeito de uma jornada extraordinária, muito importante e muito real, para perto de Deus. E isso não era importante por minha causa, mas por causa dos detalhes convincentes e desconcertantes que estavam por trás da experiência. A EQM tinha curado minha alma partida. Ela me fez ter certeza de que sempre fui amado e me mostrou que absolutamente todos no Universo também são. E tudo tinha acontecido enquanto meu corpo físico estava em um estado no qual, pelos parâmetros da medicina, teria sido impossível experimentar *qualquer coisa*.

Sei que haverá pessoas que desejarão invalidar minha experiência e que muitos simplesmente a descartarão por se recusarem a aceitar que minha história tenha algum valor “científico” – que seja alguma coisa mais do que um sonho febril e delirante.

Mas eu enxergo além. E tanto para o bem dos que estão aqui na Terra quanto daqueles que encontrei na outra dimensão, vejo isso como meu trabalho – como cientista, e,

portanto, um buscador da verdade, e como médico devotado a ajudar e curar – para que o maior número possível de pessoas saiba que o que experimentei fora do corpo é verdadeiro, real e transformador. Não apenas para mim, mas para todos nós.

A minha jornada não foi só sobre o amor, mas foi também sobre quem somos, sobre como estamos todos conectados e sobre o sentido da existência. Aprendi quem eu era quando estive lá e, ao voltar, descobri que os últimos elos perdidos sobre quem eu era foram encontrados.

Você é amado. Essas eram as palavras que eu precisava ouvir quase como um órfão, como uma criança que fora abandonada. Mas é também o que todos nós necessitamos escutar, porque em se tratando de quem realmente somos, de onde realmente viemos e de para onde realmente vamos, todos nos sentimos (equivocadamente) como órfãos. Sem recuperar a memória de nossa ampla conexão e do amor incondicional do Criador, sempre nos sentiremos perdidos nesta terra.

Portanto, aqui estou. Ainda sou cientista, ainda sou médico e, como tal, tenho duas obrigações essenciais: honrar a verdade e ajudar a curar. Isso significa contar a minha história. Uma história que, à medida que o tempo passa, tenho mais certeza de que aconteceu por uma razão. Não porque eu seja alguém especial, mas apenas porque eu

reunia duas realidades conflitantes. Juntas, no entanto, elas confrontam as últimas tentativas da ciência de dizer ao mundo que a dimensão material é a única que existe e que a consciência ou espírito não é o principal mistério do Universo.

Eu sou uma prova viva desse grande mistério.

ANEXO A

Depoimento de Scott Wade, médico infectologista

Como especialista em doenças infecciosas, fui chamado para examinar o Dr. Eben Alexander quando ele foi trazido ao hospital em 10 de novembro de 2008, tendo sido diagnosticado com uma meningite bacteriana. O Dr. Alexander adoeceu rapidamente com sintomas parecidos com os de uma gripe, dor nas costas e dor de cabeça. Foi transferido para a emergência, onde foram feitas uma tomografia computadorizada do crânio e uma punção lombar, cujo resultado indicou uma meningite gram-negativa. Imediatamente, ele foi medicado com antibióticos intravenosos específicos e colocado num respirador devido à sua situação crítica.

Vinte e quatro horas depois, a bactéria gram-negativa no líquido cefalorraquidiano foi confirmada como sendo *Escherichia coli*. Ainda que relativamente comum em bebês, a meningite causada por *E. coli* é raríssima em adultos (a incidência é de menos de um caso em cada 10 milhões de pessoas anualmente nos Estados Unidos), sobretudo

quando não sofreram lesões na cabeça, não passaram por neurocirurgia nem apresentaram problemas subjacentes como diabetes. Dr. Alexander era uma pessoa muito saudável na ocasião e não foi identificada nenhuma causa provável para essa meningite.

A taxa de mortalidade para meningite gram-negativa em crianças e adultos varia de 40% a 80%. Dr. Alexander chegou ao hospital tendo convulsões e com um estado mental nitidamente alterado, sendo ambos os sintomas fatores de risco para complicações neurológicas ou óbito (mortalidade acima de 90%). Apesar do tratamento com antibióticos agressivos para combater a doença, além de cuidados médicos permanentes na unidade de terapia intensiva, ele permaneceu em coma por seis dias, após os quais a esperança por uma recuperação se esvaiu (probabilidade de morte acima de 97%).

Porém, na manhã do sétimo dia, o milagre aconteceu – seus olhos se abriram e ele despertou do coma. O fato de o Dr. Eben ter se restabelecido de todo, após ter ficado em coma por uma semana, é verdadeiramente impressionante.

Hipóteses neurocientíficas que levei em conta para explicar minha experiência

Ao analisar minhas recordações com vários outros neurocirurgiões e cientistas, avantei diversas hipóteses que poderiam justificar minhas lembranças. Mas, indo direto ao ponto, nenhuma delas foi capaz de explicar a rica, intensa e complexa interatividade das minhas experiências com o Portal e com o Núcleo (a “ultrarrealidade”). Essas hipóteses incluíram:

1. Uma programação primitiva do tronco encefálico para aliviar a dor e o sofrimento terminal (um “argumento evolutivo” – talvez um resquício das estratégias de “morte de mentira” de mamíferos inferiores?). Isso não explica a natureza intensa e interativa das minhas recordações.
2. A evocação distorcida de lembranças vindas das partes mais profundas do sistema límbico (por exemplo, a

amígdala lateral), que são recobertas por tecido cerebral suficiente para deixá-las relativamente protegidas da inflamação das meninges, que acontece sobretudo na superfície do cérebro. Isso não explica a natureza intensa e demasiado interativa das minhas lembranças.

3. Bloqueio endógeno de transmissão glutamatérgica com a excitotoxicidade, imitando o anestésico alucinógeno cetamina (hipótese algumas vezes utilizada para explicar a EQM de maneira geral). Eu mesmo testemunhei os efeitos da cetamina usada como um anestésico no início da minha carreira como neurocirurgião na faculdade de medicina de Harvard. O estado alucinatório que essa droga produzia era caótico e desagradável, e sem nenhuma semelhança com a minha experiência no coma.
4. Liberação de grandes quantidades de N,N-dimetiltriptamina (DMT) pela glândula pineal ou em alguma outra parte do cérebro. A DMT, um agonista natural de serotonina (que age especificamente sobre receptores 5-HT1A, 5HT2A e 5HT2C), provoca alucinações intensas e um estado onírico. Tive experiências pessoais com drogas agonistas e

antagonistas de serotonina, como o LSD e a mescalina, na minha juventude nos anos 1970. Nunca usei DMT, mas vi pacientes sob o efeito dessa substância. O ultrarrealismo que vivenciei requereria um neocórtex visual e auditivo bastante intacto para gerar as experiências audiovisuais ricas que eu tive durante o coma. Mas o coma devido à meningite bacteriana danificou gravemente o meu neocórtex, que é onde toda a serotonina vinda do núcleo da rafe, no tronco encefálico (ou a DMT), teria tido efeitos sobre a experiência visual e auditiva. Com meu córtex apagado, a DMT não teria um local no cérebro onde atuar. Assim, essa hipótese fracassou com base na incompatibilidade entre a riqueza de detalhes da minha experiência audiovisual e a ausência de um córtex sobre o qual a DMT pudesse atuar.

5. A preservação de regiões corticais isoladas poderia explicar algumas das minhas experiências, mas isso era muito improvável devido à gravidade da minha meningite e à sua resistência ao tratamento durante uma semana. Eu tinha mais de 27.000 glóbulos brancos periféricos por mm^3 , dos quais 31% de neutrófilos imaturos com granulações tóxicas; mais de 4.300 glóbulos brancos por mm^3 , 1,0 mg/dl de glicose, e

1.340 mg/dl de proteína no líquido cefalorraquidiano; comprometimento difuso da meninge com anormalidades associadas no cérebro, segundo a tomografia computadorizada, e, por fim, alterações graves da função do córtex e da mobilidade extraocular, segundo exames neurológicos, indicativos de danos no tronco encefálico.

6. Para explicar a “ultrarrealidade” da experiência, também sondei esta hipótese: seria possível que redes de neurônios inibitórios pudessem ter sido predominantemente afetadas, proporcionando altos níveis de atividade entre redes neuronais excitatórias para produzir o aparente “ultrarrealismo” da minha experiência? Espera-se que a meningite cause distúrbios prioritariamente no córtex superficial, deixando as camadas mais profundas parcialmente ativas. A unidade computacional do neocórtex é a “coluna funcional” de seis camadas, cada uma com diâmetro lateral de 0,2-0,3mm. Existe um número significativo de conexões laterais entre colunas imediatamente adjacentes que trazem sinais modulatórios sobretudo de regiões subcorticais (o tálamo, núcleos da base e tronco encefálico). Cada coluna funcional tem um componente na superfície

(camadas 1-3), de forma que a meningite perturba a função de cada coluna ao danificar as camadas da superfície do córtex. A distribuição anatômica das células inibitórias e excitatórias, bastante equilibrada ao longo das seis camadas, inviabiliza essa hipótese. A meningite difusa sobre a superfície do cérebro incapacita o neocórtex por completo devido a essa arquitetura colunar. Mesmo assim, uma destruição completa seria desnecessária para que houvesse um comprometimento funcional total. Dado o curso prolongado (por sete dias) do meu comprometimento neurológico e a gravidade da infecção, é improvável que mesmo as camadas mais profundas do córtex ainda estivessem funcionando.

7. O tálamo, os núcleos da base e o tronco encefálico são estruturas cerebrais mais profundas (“regiões subcorticais”) que alguns colegas postulam que poderiam ter contribuído para a origem de tais experiências hiperreais. Na verdade, nenhuma dessas estruturas poderia desempenhar qualquer um desses papéis sem que ao menos algumas regiões do neocórtex estivessem intactas. Todos nós concordamos, no final, que essas estruturas subcorticais, por si sós, não poderiam dar conta das

computações neurais intensas que uma riquíssima experiência interativa teria exigido.

8. Cogitei o “fenômeno de reinicialização”, uma evocação aleatória de memórias dispersas devido a lembranças antigas do neocórtex danificado, que pode ocorrer no retorno do córtex à consciência depois de uma falha prolongada no sistema, como na meningite difusa que sofri. Principalmente devido à sofisticação das minhas recordações, isso parece muito improvável.
9. Uma geração extraordinária de memória por meio de vias visuais evolutivamente antigas no mesencéfalo, usada predominantemente nos pássaros e identificada muito raramente em seres humanos. Isto pode ser demonstrado em humanos que são corticalmente cegos, devido a um dano no córtex occipital. Mas não explica a ultrarrealidade que vivenciei, além de não contemplar o entrosamento audiovisual das minhas experiências.

ETERNEA

A experiência de quase morte por que passei me inspirou a ajudar a fazer deste mundo um lugar melhor para todos, e Eternea – uma organização sem fins lucrativos que fundei com meu amigo John R. Audette – é o veículo que escolhi para realizar essa mudança.

A missão da Eternea é incentivar a pesquisa e os projetos que envolvam experiências espiritualmente transformadoras, assim como a relação entre a consciência e a realidade física. Trata-se de um esforço para colocar em prática as descobertas feitas a partir das EQMs e reunir ensinamentos de todos os outros tipos de experiências espirituais.

Acesse www.eternea.org para estimular seu próprio despertar espiritual, compartilhar histórias sobre experiências espirituais que você teve ou mesmo buscar ajuda se estiver sofrendo pela perda de um ente querido. Eternea também oferece subsídios valiosos para cientistas, acadêmicos, teólogos e religiosos que estejam interessados nesse campo de estudo.

Eben Alexander, M.D.
Lynchburg, Virginia (EUA)
10 de julho de 2012

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATWATER, F. Holmes. Captain of My Ship, Master of My Soul. Charlottesville, VA: Hampton Roads, 2001.

ATWATER, P. M. H. Near-Death Experiences: The Rest of the Story. Charlottesville, VA: Hampton Roads, 2011.

BACHE, Christopher. Dark Night, Early Dawn: Steps to a Deeper Ecology of Mind. Albany, NY: State University of New York Press, 2000.

BUHLMAN, William. O segredo da alma: O uso de experiências fora do corpo para entender a nossa verdadeira natureza. São Paulo: Pensamento, 2005.

CALLANAN, Maggie; KELLEY, Patricia. Gestos finais: como compreender as mensagens, as necessidades e a condição especial das pessoas que estão morrendo. São Paulo: Nobel, 1994.

CARHART-HARRIS, RL, et al., “Neural correlates of the psychedelic state determined by fMRI studies with psilocybin”, in Proc. Nat. Acad. Of Sciences 109, n. 6 (fev. 2012): 2138-2143.

CARTER, Chris. Science and the Near-Death Experience: How Consciousness Survives Death. Rochester, VT: Inner Traditions, 2010.

CHALMERS, David J. The Conscious Mind: In Search of a Fundamental Theory. Oxford: Oxford University Press, 1996.

CHURCHLAND, Paul M. The Engine of Reason, the Seat of the Soul. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

COLLINS, Francis S. A linguagem de Deus: Um cientista apresenta evidências de que Ele existe. São Paulo: Gente, 2007.

CONWAY, John; KOCHEN, Simon. "The free will theorem", in Foundations of Physics (Springer Netherlands), 36, n. 10 (2006): 1441-73.

_____. "The strong free will theorem", in Notices of the AMS 56, n. 2 (2009): 226-32.

D'SOUZA, Dinesh. Life After Death: The Evidence. Washington, D.C.: Regnery, Inc., 2009.

DALAI LAMA (Sua Santidade o Dalai Lama). O universo em um átomo: o encontro da ciência com a espiritualidade.

Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

DAVIES, Paul. A mente de Deus: a ciência e a busca do sentido último. Rio de Janeiro: Ediouro, 1994.

DUPRÉ, Louis; WISEMAN, James A. Light from Light: An Anthology of Christian Mysticism. Mahwah, NJ: Paulist Press, 2001.

EADIE, Betty J. Envolvido pela luz. Rio de Janeiro: Record, 1994.

EDELMAN, Gerald M.; TONONI, Giulio. A Universe of Consciousness. Nova York: Basic Books, 2000.

FOX, Matthew; SHELDRAKE, Rupert. A física dos anjos: uma visão científica e filosófica dos seres celestiais. São Paulo: Aleph, 2008.

FRIEDRICKSON, Barbara. Positividade: descubra a força das emoções positivas, supere a negatividade e viva plenamente. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

GUGGENHEIM, Bill; GUGGENHEIM, Judy. Um alô do céu. São Paulo: Butterfly, 2008.

HAGERTY, Barbara Bradley. Fingerprints of God. Nova

York: Riverhead Hardcover, 2009.

HAGGARD, P; EIMER, M. “On the relation between brain potentials and conscious awareness”, in Experimental Brain Research 126 (1999): 128-33.

HAMILTON, Allan J. The Scalpel and the Soul. Nova York: Penguin Group, 2008.

HOFSTADTER, Douglas R. Gödel, Escher, Bach: Um entrelaçamento de gênios brilhantes. Brasília: Ed. UnB, 2001.

HOLDEN, Janice Miner; GREYSON, Bruce; JAMES, Debbie; eds. The Handbook of Near-Death Experiences: Thirty Years of Investigation. Santa Barbara, CA: Praeger, 2009.

HOUSHMAND, Zara; LIVINGSTON, Robert B.; WALLACE, B. Alan; eds. Consciousness at the Crossroads: Conversations with the Dalai Lama on Brain Science and Buddhism. Ithaca, NY: Snow Lion, 1999.

JAHN, Robert G.; DUNNE, Brenda J. Margins of Reality: The Role of Consciousness in the Physical World. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1987.

JAMPOLSKY, Gerald G. Amar é libertar-se do medo. São

Paulo: Ed. Fundação Peirópolis, 1999.

JENSSEN, Lone. Dons da graça: Relatos de encontros com a Virgem Maria. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

JOHNSON, Timothy. Encontrando Deus nas dúvidas. São Paulo: Novo Século, 2008.

KAUFFMAN, Stuart A. At Home in the Universe: The Search for the Laws of Self-Organization and Complexity. Nova York: Oxford University Press, 1995.

KELLY, Edward F.; KELLY, Emily Williams; CRABTREE, Adam; GAULD, Alan; GROSSO, Michael; GREYSON, Bruce. Irreducible Mind: Towards a Psychology for the 21st Century. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2007.

KOCH, C.; HEPP, K. “Quantum mechanics and higher brain functions: Lessons from quantum computation and neurobiology”, in Nature 440 (2006): 611-12.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. A morte – um amanhecer. São Paulo: Pensamento, 2011.

LABERGE, Stephen; RHEINGOLD, Howard. Exploring the World of Lucid Dreaming. Nova York: Ballantine Books, 1990.

LAU, HC; ROGERS, R.D.; HAGGARD, P.; PASSINGHAM, R.E. "Attention to intention", in *Science* 303 (2004): 1208-10.

LAUREYS, S. "The neural correlate of (un)awareness: Lessons from the vegetative state". "Trends in Cognitive Science", in *Cognitive Science* 9 (2005): 556-59.

LIBET, B, C. A. Gleason; WRIGHT, E. W.; PEARL, D. K. "Time of conscious intention to act in relation to onset of cerebral activity (readiness-potential): The unconscious initiation of a freely voluntary act", in *Brain* 106 (1983): 623-42.

LIBET, Benjamin. *Mind Time: The Temporal Factor in Consciousness*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2004.

LLINÁS, Rodolfo R. *I of the Vortex: From Neurons to Self*. Cambridge, MA: MIT Press, 2011.

LOCKWOOD, Michael. *Mind, Brain & the Quantum: The Compound 'I'*. Oxford: Basil Blackwell, 1989.

LONG, Jeffrey; PERRY, Paul. *Evidências da vida após a morte*. São Paulo: Larousse, 2011.

McMONEAGLE, Joseph. Mind Trek: Exploring Consciousness, Time, and Space Through Remote Viewing . Charlottesville, VA: Hampton Roads, 1993.

_____. Remote Viewing Secrets: A Handbook. Charlottesville, VA: Hampton Roads, 2000.

MENDOZA, Marilyn A. We Do Not Die Alone: “Jesus Is Coming to Get Me in a White Pickup Truck”. Duluth, GA: I CAN, 2008.

MONROE, Robert A. Viagens além do universo. Rio de Janeiro: Record, 1987.

_____. Viagens fora do corpo. Rio de Janeiro: Record, 1982.

_____. Última jornada. Rio de Janeiro: Record/Nova Fronteira.

MOODY, Raymond A., Jr. A vida depois da vida: relatos de experiências de quase-morte. São Paulo: Butterfly, 2006.

MOODY, Raymond A., Jr.; PERRY, Paul. Glimpses of Eternity: Sharing a Loved One's Passage from this Life to the Next. Nova York: Guideposts, 2010.

MOORJANI, Anita. Dying to Be Me: My Journey from

Cancer, to Near Death, to True Healing. Carlsbad, CA: Hay House, Inc., 2012.

MORINIS, E. Alan. Everyday Holiness: The Jewish Spiritual Path of Mussar. Boston: Shambhala, 2007.

MOUNTCASTLE, Vernon. "An Organizing Principle for Cerebral Functions: The Unit Model and the Distributed System", in *The Mindful Brain*, editado por Gerald M. Edelman e Vernon Mountcastle, pp. 7-50. Cambridge, MA: MIT Press, 1978.

MURPHY, Nancey; RUSSELL, Robert J.; STOEGER, Williams R.; eds. *Physics and Cosmology – Scientific Perspectives on the Problem of Natural Evil*. Notre Dame, IN: Vatican Observatory and Center for Theology and the Natural Sciences, 2007.

NEIHARDT, John G. *Black Elk Speaks: Being the Life Story of a Holy Man of the Oglala Sioux*. Albany: State University of New York Press, 2008.

NELSON, Kevin. *The Spiritual Doorway in the Brain: A Neurologist's Search for the God Experience*. Nova York: Penguin, 2011.

NORD, Warren A. *Ten Essays on Good and Evil*. Chapel

Hill: University of North Carolina Program in Humanities and Human Values, 2010.

PAGELS, Elaine. Os evangelhos gnósticos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

PEAKE, Anthony. The Out-of-Body Experience: The History and Science of Astral Travel. Londres: Watkins, 2011.

PENROSE, Roger. Cycles of Time: An Extraordinary New View of the Universe Nova York: Alfred A. Knopf, 2010.

_____. A mente nova do rei. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

_____. The Road to Reality: A Complete Guide to the Laws of the Universe. Nova York: Vintage Books, 2007.

_____. Shadows of the Mind. Oxford: Oxford Universe Press, 1994.

PENROSE, Roger; LONGAIR, Malcolm; SHIMONY, Abner; CARTWRIGHT, Nancy; HAWKING, Stephen. O grande, o pequeno e a mente humana. São Paulo: Ed. Unesp, 2001.

PIPER, Don; MURPHEY, Cecil. 90 minutes in Heaven: A True Story of Life and Death. Grand Rapids, MI: Revell,

2004.

REINTJES, Susan. Third Eye Open – Unmasking Your True Awareness. Carrboro, NC: Third Eye Press, 2003.

RING, Kenneth; COOPER, Sharon. Mindsight: Near-Death and Out-of-Body Experiences in the Blind. Palo Alto, CA: William James Center for Consciousness Studies at the Institute of Transpersonal Psychology, 1999.

RING, Kenneth; VALARINO, Evelyn Elsaesser. Lições da luz: o que podemos aprender com as experiências de proximidade da morte. São Paulo: Summus, 2001.

ROSENBLUM, Bruce; KUTTNER, Fred. Quantum Enigma: Physics Encounters Consciousness. Nova York: Oxford University Press, 2006.

SCHROEDER, Gerald L. The Hidden Face of God: How Science Reveals the Ultimate Truth. Nova York: Simon & Schuster, 2001.

SCHWARTZ, Robert. Your Soul's Plan: Discovering the Real Meaning of the Life You Planned Before You Were Born. Berkeley, CA: Frog Books, 2007.

SIMOLIN, Lee. The Trouble with Physics. Nova York:

Houghton Mifflin, 2006.

STEVENSON, Ian. Children Who Remember Previous Lives: A Question of Reincarnation. Rev. ed. Jefferson, NC: McFarland, 2001.

SUSSMAN, Janet Iris. The Reality of Time. Fairfield, IA: Time Portal, 2005.

_____. Timeshift: The Experience of Dimensional Change. Fairfield, IA: Time Portal, 1996.

SWANSON, Claude. Life Force, the Scientific Basis: Volume Two of the Synchronized Universe. Tucson, AZ: Poseidia Press, 2010.

_____. The Synchronized Universe: New Science of the Paranormal. Tucson, AZ: Poseidia Press, 2003.

TALBOT, Michael. O universo holográfico. São Paulo: Best Seller/ Círculo do Livro, 1992.

TART, Charles T. The End of Materialism: How Evidence of the Paranormal Is Bringing Science and Spirit Together. Oakland, CA: New Harbinger, 2009.

TAYLOR, Jill Bolte. My Stroke of Insight: A Brain Scientist's

Personal Journey. Nova York: Penguin, 2006.

TIPLER, Frank J. The Physics of Immortality. Nova York: Doubleday, 1996.

TOMPKINS, Ptolemy. The Modern Book of the Dead: A Revolutionary Perspective on Death, the Soul, and What Really Happens in the Life to Come. Nova York: Atria Books, 2012.

TONONI, G. "An information integration theory of consciousness", in BMC Neuroscience 5 (2004): 42-72.

TUCKER, J.B. Life Before Life: A Scientific Investigation of Children's Memories of Previous Lives. Nova York: St.Martin's, 2005.

TYRRELL, G.N.M. Man the Maker: A Study of Man's Mental Evolution. Nova York: Dutton, 1952.

VAN LOMMEL, Pim. Consciousness Beyond Life: The Science of Near-Death Experience. Nova York: HarperCollins, 2010.

WAGGONER, Robert. Lucid Dreaming: Gateway to the Inner Self. Needham, MA: Moment Point Press, 2008.

WEGNER, D.M. The Illusion of Conscious Will. Cambridge, MA: MIT Press, 2002.

WEISS, Brian L. Muitas vidas, muitos mestres. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

WHITEMAN, J.H. M. The Mystical Life: An Outline of Its Nature and Teachings from the Evidence of Direct Experience. Londres: Faber & Faber, 1961.

_____. Old & New Evidence on the Meaning of Life: The Mystical World-View and Inner Contest. Vol.1, An Introduction to Scientific Mysticism. Buckinghamshire: Colin Smythe, 1986.

WIGNER, Eugene. “The Unreasonable Effectiveness of Mathematics in the Natural Sciences”, in Communications in Pure and Applied Mathematics 13, n. 1 (1960).

WILBER, Ken., ed. Quantum Questions. Boston: Shambhala, 1984.

WILLIAMSON, Marianne. Um retorno ao amor. Rio de Janeiro: Best Seller/Círculo do Livro, 1993.

ZIEWE, Jurgen. Multidimensional Man. Edição

independente, 2008.

ZUKAY, Gary. A dança dos mestres Wu Li: Uma visão geral da nova física. São Paulo: ECE, 1989.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em primeiro lugar, à minha família querida por ter estado tão próxima no momento mais sofrido dessa experiência, enquanto estive em coma. A Holley, minha esposa há mais de 30 anos, e a nossos filhos maravilhosos Eben IV e Bond, que tiveram um papel fundamental para me trazer de volta, e para que eu compreendesse a minha experiência. Também como parte de minha família querida, incluo nestes agradecimentos meus amados pais Betty e Eben Alexander Jr., e minhas irmãs Jean, Betsy e Phyllis, que fizeram o pacto de (junto com Holley, Bond e Eben IV) segurar minha mão em uma corrente de 24 horas, durante os 7 dias em que estive em coma, garantindo que nunca me faltasse o toque de seu amor. Betsy e Phyllis fizeram papel de sentinela ao passar várias noites acordadas comigo durante o clímax da minha psicose da UTI (quando eu não dormia *nunca*) e naqueles primeiros dias e noites tensos depois que fui transferido para a Unidade Intermediária de Neurociência. Peggy Dale (irmã de Holley) e Sylvia White (amiga de Holley há 30 anos) também participaram da vigília permanente no meu quarto da UTI. Eu não teria voltado do coma sem o esforço amoroso dessa gente. Para Dayton e Jack Slye que ficaram

sem a sua mãe Phyllis enquanto ela estava comigo. Holley, Eben IV, mamãe e Phyllis também me ajudaram a editar e avaliar minha história.

Agradeço à minha família biológica, e em especial à minha irmã que partiu, também chamada Betsy, a qual nunca encontrei nesta vida.

Aos meus médicos, competentes e abençoados no Hospital Geral de Lynchburg, principalmente os doutores Scott Wade, Robert Brennan, Laura Potter, Michael Milam, Charlie Joseph, Sarah e Tim Hellewell, e muitos outros.

Às extraordinárias enfermeiras e funcionárias do hospital: Rhae Newbill, Lisa Flowers, Dana Andrews, Martha Vesterlund, Deanna Tomlin, Valerie Walters, Janice Sonowski, Molly Mannis, Diane Newman, Joanne Robinson, Janet Phillips, Christina Costello, Larry Bowen, Robin Price, Amanda Decoursey, Brooke Reynolds e Erica Stalkner. Eu estava em coma e recolhi estes nomes com minha família, portanto, me perdoe se você me assistiu e eu omiti seu nome.

Aos amados pastor Michael Sullivan e Susan Reintjes, que tiveram papel fundamental em meu retorno.

John Audette, Raymond Moody, Bill Guggenheim e Ken Ring, pioneiros da comunidade de quase morte, cuja influência sobre mim tem sido incomensurável (sem mencionar a assistência editorial excelente de Bill).

Aos mentores e líderes do movimento “Virginia Consciousness”, como os Drs. Bruce Greyson, Ed Kelly, Emily Williams Kelly, Jim Tucker, Ross Dunseath e Bob Van de Castle.

À minha agente literária enviada por Deus, Gail Ross, e seus maravilhosos sócios Howard Yoon e outros na Agência Ross Yoon.

A Ptolemy Tompkins, por suas contribuições acadêmicas sobre o pós-morte, e por seu talento especial de redator e editor que foi usado para adaptar as minhas experiências para um livro, sempre com respeito máximo por elas.

A Priscilla Painton, vice-presidente e editora-executiva, e Jonathan Karp, vice-presidente executivo e editor na Simon & Schuster, pela visão e paixão extraordinárias de tentar fazer deste mundo um lugar muito melhor.

A Marvin e Terre Hamlich, amigos maravilhosos, cujo entusiasmo e dedicação constantes me ajudaram a atravessar um momento difícil.

A Terri Beaver e Margaretta McIlvaine por sua admirável ponte entre a cura e a espiritualidade.

A Karin Newell por compartilhar suas pesquisas e ensinamentos sobre consciência profunda e como “Ser o amor que você é”, e aos outros operadores de milagre do Instituto Monroe, em Faber, na Virgínia, especialmente a Robert Monroe pela busca incessante do que é, e não

somente do que *deveria ser*; a Carol Sabick de la Herran e Karen Malik, que me procuraram; e a Paul Rademacher e Skip Atwater, que me receberam tão bem naquela comunidade generosa nas montanhas etéreas da Virgínia. Também a Kevin Kossi, Patty Avalon, Penny Holmes, Joe e Nancy “Scooter” McMoneagle, Scott Taylor, Cindy Johnston, Amy Hardie, Loris Adams, e todos os meus camaradas Viajantes do Portal no Instituto Monroe com quem convivi em fevereiro de 2011, aos meus facilitadores (Charleene Nicely, Rob Sandstrom, e Andrea Berger) e aos camaradas participantes da Lifeline (e facilitadores Franceen King e Joe Gallenberger) em julho de 2011.

Aos meus amigos e críticos, Jay Gainsboro, Judson Newbern, Dr. Allan Hamilton e Kitch Carter, que leram as versões originais e se solidarizaram com meu desapontamento por não conseguir harmonizar a minha experiência espiritual com a neurociência. Judson e Allan foram esplêndidos ao me ajudarem a reconhecer a autenticidade e o valor da minha experiência sob o ponto de vista cético/científico, e Jay, da mesma forma, sob o ponto de vista místico/científico.

Aos meus camaradas exploradores da consciência profunda e da Unidade, como Elke Siller Macartney e Jim Macartney.

Às minhas companheiras de experiências de *quase morte*,

Andrea Curewitz, por seus excelentes conselhos editoriais, e Carolyn Tyler, por sua carinhosa orientação do meu entendimento.

A Blitz e Heidi James, Susan Carrington, Mary Horner, Mimi Sykes e Nancy Clark, cuja fé e coragem diante da perda incomensurável me ajudaram a valorizar meu dom.

A Janet Sussman, Martha Harbison, Shobhan (Rick) e Danna Faulds, Sandra Glickman, e Sharif Abdullah, parceiros de viagem que conheci em 11/11/2011, por termos compartilhado juntos as sete visões de um brilhante futuro para toda a humanidade.

Tenho muitas outras pessoas a agradecer, inclusive os muitos amigos que durante o meu período mais difícil compareceram com atitudes, orações e conselhos que ajudaram minha família, e posteriormente me ajudaram a contar esta história: Judy e Dickie Stowers, Susan Carrington, Jackie e Dr. Ron Hill, Drs. Mac McCrary e George Hurt, Joanna e Dr. Walter Beverly, Catherine e Wesley Robinson, Bill e Patty Wilson, DeWitt e Jeff Kierstead, Toby Beavers, Mike e Linda Milam, Heidi Baldwin, Mary Brockman, Karen e George Lupton, Norm e Paige Darden, Geisel e Kevin Nye, Joe e Betty Mullen, Buster e Lynn Walker, Susan Whitehead, Jeff Horsley, Clara Bell, Courtney e Johnny Alford, Gilson e Dodge Lincoln, Liz Smith, Sophia Cody, Lone Jensen, Suzanne e Steve Johnson, Copey Hanes, Bob e Stephanie

Sullivan, Diane e Todd Vie, Colby Proffitt, e às famílias Taylor, Reams, Tatom, Heppner, Sullivan e Moore – e muitas outras.

A Deus, minha gratidão especial e infinita.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA SEXTANTE



Muitas vidas, muitos mestres
Brian Weiss

Com mais de 2 milhões de exemplares vendidos no

mundo, *Muitas vidas, muitos mestres* se tornou um marco ao contar uma história real que mais parece ficção: um médico de renome que coloca sua carreira em jogo ao se ver diante de evidências de reencarnação.

Psiquiatra e pesquisador consagrado, o Dr. Brian Weiss viu suas crenças e sua carreira virarem pelo avesso ao tratar de Catherine, uma paciente com fobias e ataques de ansiedade. Durante uma sessão de hipnose, ela falou de traumas sofridos em vidas passadas que pareciam ser a origem de seus problemas.

Cético, o Dr. Weiss não acreditou no que estava presenciando até que Catherine começou a narrar fatos da vida dele que ela jamais poderia conhecer e a transmitir mensagens de espíritos altamente desenvolvidos – os Mestres – sobre a vida e a morte.

Transformado por essa experiência, ele surpreendeu a comunidade científica ao publicar esse livro que demonstra o potencial curativo da terapia de vidas passadas, tornando-se a referência mundial nesse tipo de tratamento.

Para muitos, a maior contribuição de *Muitas vidas, muitos mestres* foi apresentar os princípios da reencarnação a milhões de pessoas que, por falta de oportunidade ou por preconceito, nunca teriam acesso a essa rica e transformadora filosofia espiritual.

Emocionante e inspirador, esse livro já ajudou pessoas de

todo o mundo a superar a dor de suas perdas e a adquirir uma nova compreensão da vida e da morte.



Laços de amor eterno

James Van Praagh

Perder um filho é a experiência mais devastadora pela qual um ser humano pode passar. A dor parece interminável e muitas vezes a vida perde o sentido. Desesperados, perguntamos a Deus por que Ele foi capaz de tirar a vida de

uma criança inocente.

Em seu livro mais comovente, o renomado médium James Van Praagh lança uma luz transformadora sobre os planos que estão por trás da morte de um ente querido e revela a trajetória das almas na volta para seu lar no céu.

Laços de amor eterno nos ajuda a transpor o vão que separa o mundo material do espiritual e apresenta histórias inspiradoras de pessoas que conseguiram transformar a dor da perda em crescimento pessoal e espiritual ao se livrarem da culpa e praticarem o perdão.

Tendo se dedicado nos últimos 30 anos a ajudar as pessoas a entrar em contato com entes queridos que já se foram, Van Praagh busca agora minimizar a dor de quem enfrenta a tragédia da morte de um filho, tenha ela sido causada por doença, acidente, assassinato, desastres naturais ou suicídio.

Esse livro vai responder a seus questionamentos mais profundos sobre o porquê de vidas tão promissoras serem precocemente interrompidas. Mais do que isso, ele revela que os laços de amor que unem pais e filhos são criados na eternidade, e nem mesmo a morte é capaz de destruí-los.



Espíritos entre nós

James Van Praagh

A maioria das pessoas sente uma mistura de medo e fascínio quando ouve histórias de espíritos. Talvez essa atração venha do fato de que muitos de nós já passamos por alguma experiência que não conseguimos explicar: ouvimos

passos, tivemos a sensação de que estávamos sendo observados, vimos vultos.

Na verdade, o que motiva tanto o medo quanto o fascínio é a nossa eterna busca pela resposta de um dos grandes mistérios da existência: o que acontece depois da morte?

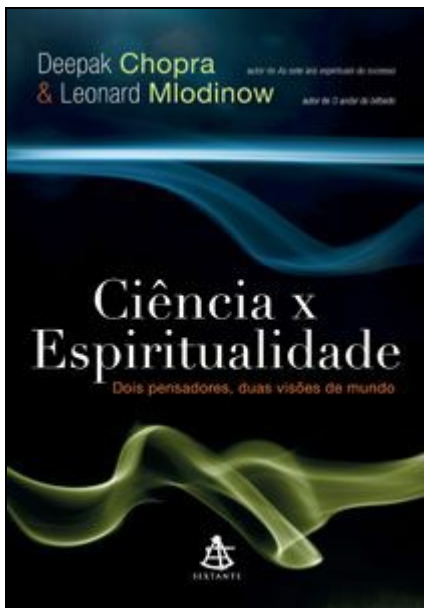
Com o dom de ver, ouvir e sentir a presença dos espíritos desde criança, James Van Praagh dedicou toda a sua vida a compreender o mundo invisível e a explicar para as pessoas o que realmente acontece depois que deixamos o nosso corpo.

Profundamente transformador, Espíritos entre nós apresenta histórias reais de encontros de pessoas que já se foram com os parentes que deixaram na Terra, trazendo alento e conforto ao demonstrar que a vida e os laços de amor continuam existindo, com a mesma intensidade, mesmo depois da morte.

Com mais de 400 mil livros vendidos no Brasil, o autor de Conversando com os espíritos e co-produtor da série Ghost Whisperer ensina técnicas e exercícios para nos ajudar a reconhecer os sinais que os espíritos nos enviam, a tomar consciência da energia que nos cerca e a entrar em contato com o outro lado.

Com a ajuda de Van Praagh, nossas angústias são convertidas em conhecimento e inspiração, o que nos faz abrir os olhos e o coração para compreender os mistérios da

vida e desvendar os segredos da morte.



Ciência x Espiritualidade
Deepak Chopra e Leonard Mlodinow

Dois consagrados autores encontram-se num programa de TV para um apaixonado debate sobre o “Futuro de Deus”: Deepak Chopra e Leonard Mlodinow.

Eles representam visões de mundo muito distintas. Para o

primeiro, a realidade existe numa consciência que antecede a vida no Universo; o segundo acredita que só a física pode explicar a criação do cosmo. Um defende a espiritualidade, o outro, a ciência. Este livro é o resultado desse fantástico diálogo.

Qual dos pontos de vista está correto? Para descobrir isso, Ciência x Espiritualidade aprofunda o choque das duas perspectivas em torno de quatro questões fundamentais: o Universo físico, a vida, o cérebro humano e Deus.

Num diálogo sobretudo cordial e respeitoso, cada autor dá sua resposta. A extraordinária reunião de suas interpretações promove, afinal, uma convergência de pontos de vista em nome do futuro da humanidade.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA SEXTANTE

1.000 lugares para conhecer antes de morrer, de Patricia Schultz

A História – A Bíblia contada como uma só história do começo ao fim, de The Zondervan Corporation

A última grande lição, de Mitch Albom

Conversando com os espíritos e Espíritos entre nós, de James Van Praagh

Desvendando os segredos da linguagem corporal e Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?, de Allan e Barbara Pease

Enquanto o amor não vem, de Iyanla Vanzant

Faça o que tem de ser feito, de Bob Nelson

Fora de série – Outliers, de Malcolm Gladwell

Jesus, o maior psicólogo que já existiu, de Mark W. Baker

Mantenha o seu cérebro vivo, de Laurence Katz e Manning Rubin

Mil dias em Veneza, de Marlena de Blasi

Muitas vidas, muitos mestres, de Brian Weiss

Não tenha medo de ser chefe, de Bruce Tulgan

Nunca desista de seus sonhos e Pais brilhantes, professores fascinantes, de Augusto Cury

O monge e o executivo, de James C. Hunter

O Poder do Agora, de Eckhart Tolle

O que toda mulher inteligente deve saber, de Steven Carter e Julia Sokol

Os segredos da mente milionária, de T. Harv Eker

Por que os homens amam as mulheres poderosas?, de Sherry Argov

Salomão, o homem mais rico que já existiu, de Steven K. Scott

Transformando suor em ouro, de Bernardinho

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA SEXTANTE,
visite o site www.sextante.com.br,
curta a página [facebook.com/editora.sextante](https://www.facebook.com/editora.sextante)
e siga @sextante no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@esextante.com.br



www.sextante.com.br



[facebook.com/editora.sextante](https://www.facebook.com/editora.sextante)



twitter: @sextante

Editora Sextante

Rua Voluntários da Pátria, 45 / 1.404 – Botafogo

Rio de Janeiro – RJ – 22270-000 – Brasil

Telefone: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244

E-mail: atendimento@esextante.com.br